

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE LETRAS
PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGÜÍSTICA

MARIA CÉLIA DIAS DE CASTRO

**DESCRIÇÃO HISTÓRICA DAS VOGAIS NA FALA
DO SERTANEJO DA REGIÃO DE BALSAS-MA**

Goiânia - Goiás

2008



Termo de Ciência e de Autorização para Disponibilizar as Teses e Dissertações Eletrônicas (TEDE) na Biblioteca Digital da UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás–UFG a disponibilizar gratuitamente através da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações – BDTD/UFG, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: Dissertação Tese

2. Identificação da Tese ou Dissertação

| | | | |
|---|--|---------|------------------------------|
| Autor(a): | MARIA CÉLIA DIAS DE CASTRO | | |
| CPF: | 776.646.083-68 | E-mail: | celialeitecastro@hotmail.com |
| Seu e-mail pode ser disponibilizado na página? <input checked="" type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não | | | |
| Vínculo Empregatício do autor | UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO -UEMA | | |
| Agência de fomento: | | Sigla: | |
| País: | BRASIL | UF: | MA |
| | | CNPJ: | |
| Título: | "DESCRIÇÃO HISTÓRICA DAS VOGAIS NA FALA DO SERTANEJO DA REGIÃO DE BALSAS-MA" | | |
| | | | |
| Palavras-chave: | LINGUAGEM ORAL, ASPECTOS SÓCIO-HISTÓRICOS, FENÔMENOS VOCÁLICOS | | |
| Título em outra língua: | | | |
| | | | |
| Palavras-chave em outra língua: | ORAL LANGUAGE, SOCIAL-HISTORICAL, VOWELS PHENOMENA | | |
| | | | |
| Área de concentração: | ESTUDOS LINGÜÍSTICOS | | |
| Data defesa: (dd/mm/aaaa) | 29/02/2007 | | |
| Programa de Pós-Graduação: | LETRAS - LINGÜÍSTICA | | |
| Orientador(a): | Prof ^a . Dr ^a . MARIA SUELI DE AGUIAR | | |
| CPF: | 242.774.361.53 | E-mail: | Aguiar@letras.ufg.br |
| Co-orientador(a): | | | |
| | | | |
| CPF: | | E-mail: | |

3. Informações de acesso ao documento:

Liberação para disponibilização?¹⁹ total parcial

Em caso de disponibilização parcial, assinale as permissões:

Capítulos. Especifique: *-*-*-*-*

Outras restrições: *-*-*-*-*

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF ou DOC da tese ou dissertação.

O Sistema da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações garante aos autores, que os arquivos contendo eletronicamente as teses e ou dissertações, antes de sua disponibilização, receberão procedimentos de segurança, criptografia (para não permitir cópia e extração de conteúdo, permitindo apenas impressão fraca) usando o padrão do Acrobat.

Data: 05 / 05 / 2008

Assinatura do(a) autor(a)

¹⁹ Em caso de restrição, esta poderá ser mantida por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Todo resumo e metadados ficarão sempre disponibilizados.

MARIA CELIA DIAS DE CASTRO

**DESCRIÇÃO HISTÓRICA DAS VOGAIS NA FALA
DO SERTANEJO DA REGIÃO DE BALSAS-MA**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em
Linguística, da Faculdade de Letras da Universidade
Federal de Goiás, como pré-requisito parcial para a
obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Profª. Drª. Maria Sueli de Aguiar.

Goiânia - Goiás

2008

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(GPT/BC/UFG)

Castro, Maria Célia Dias de.
C355d Descrição histórica das vogais na fala do sertanejo da
região
de Balsas-Ma [manuscrito] / Maria Célia Dias de Castro. –
2008.
184 f. : il., figs., qds.
Orientadora: Profa. Dra. Maria Sueli de Aguiar.
**Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás.
Faculdade de Letras, 2008.**
Bibliografia: f. 133-140.
**Inclui listas de quadros e figuras, abreviaturas e símbolos
convencionais usados.**
Inclui apêndices e anexos.
1. Lingüística histórica – Estudo da mudança – Balsas (MA)
2. Linguagem e história 3. Análise lingüística 4. Dialetologia
5. Sociolingüística I. Aguiar, Maria Sueli de II. Universidade
Federal de Goiás. **Faculdade de Letras** III. Título.
CDU: 811.134.2'282.3(812.1)

MARIA CÉLIA DIAS DE CASTRO

**DESCRIÇÃO HISTÓRICA DAS VOGAIS NA FALA
DO SERTANEJO DA REGIÃO DE BALSAS-MA**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, para a obtenção do grau de Mestre, aprovada em _____ de _____ de _____, pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

Profa. Dra. Maria Sueli de Aguiar - UFG
(Presidente)

Prof. Dr. Sebastião Elias Milani - UFG

Prof. Dr. Gabriel Antunes de Araújo - USP

A meu querido marido, meu tão compreensivo companheiro de todas as horas;
A meus queridos filhos, pelo apoio que me foi fundamental;
A minha mãe (in memoriam) e a meu pai, meus grandes mestres;
A meus irmãos, que sempre estiveram do meu lado.

AGRADECIMENTOS

A Deus, o meu grande suporte, sem o qual nada realizamos;

À Professora Maria Sueli de Aguiar, minha orientadora, pela amizade, apoio ensinamentos e dedicação especial a mim, durante a realização do curso e deste trabalho;

A Franco Masserdotti (*in memoriam*) e ao Irmão Marista Antônio de Oliveira Pereira (Ir. Nuno), meus grandes incentivadores;

À Professora Sílvia Lúcia Bigonjal Braggio, pela paciência e pelos esclarecimentos acerca de meus estudos, no período da Pós-Graduação;

Ao Professor Sebastião Elias Milani e Gabriel Antunes de Araújo, pela dócil e ilimitada contribuição ao meu trabalho final de curso;

Às Professoras Gisélia Brito, sem a qual teria sido impossível a mim ter participado deste curso de Pós-Graduação, a Susan e aos demais colegas professores de trabalho e de minha cidade, pela presteza e colaboração;

Ao Adelúcio Ramos, ao Marcus Vinícius e ao Jefferson, pela colaboração com os mapas;

À Professora Kátia Menezes de Sousa, pelos ensinamentos e pelas palavras amigas nos momentos mais difíceis;

Às Professoras Dilys Karen Rees, Heloísa Augusta Brito de Mello e Maria Cristina Faria Dalacorte Ferreira, pelo auxílio nos momentos de dúvidas;

A Nilvânia, Viviane, e demais colegas de aula, pelo companheirismo durante o período do Mestrado;

A Marcela, pelo carinho e pelos ensinamentos de inglês durante o período do Mestrado;

Aos Irmãos Maristas Antônio Moreira, Antônio Scapin, Antônio Machado (*in memoriam*) e Irmão Isaac, pelo tanto que me ajudaram a crescer espiritualmente;

À Universidade Estadual do Maranhão - UEMA, pelo apoio financeiro;

À Secretária Municipal de Educação de Balsas, representada pela Prof^a. Eliane Botelho Coelho, pela contribuição indireta na realização deste trabalho;

Ao Prefeito Municipal de Balsas, Francisco de Assis Milhomem Coelho, pelo apoio que sempre disponibilizou, durante todo o período de realização deste trabalho;

Aos companheiros amigos expedicionários Dalvina Santos, Maria José Brito, Silmara, Raquel Pereira, João Antônio, Nerivaldo, João Fonseca e Maria de Deus, pela preciosa companhia ao realizarmos os trabalhos de campo;

Aos informantes, que gentilmente forneceram o material para análise;

Aos familiares e amigos, que pacientemente me ouviram e me incentivaram;

A todas as demais pessoas que contribuíram para a realização deste estudo e a quem dele possa fazer uso.

“Aquilo que sou, devo-o à graça de Deus; e a graça que Ele me deu não foi estéril”
(I Carta de São Paulo aos Coríntios, 15,10).

RESUMO

Este trabalho de pesquisa foi realizado na região sul do Maranhão em quase todas as micro-regiões que representam a zona rural do município de Balsas e, nalguns poucos casos, em localidades que ficam situadas na divisa de Balsas com outros municípios vizinhos. Ao procurar gravar as entrevistas com moradores nascidos nas várias localidades da zona rural de Balsas, o local natural para a execução dessa etapa eram as próprias casas dos informantes, os locais de trabalho deles e em outros lugares diversos (casa de um parente do informante ou no sindicato, numa festividade). O que fundamentou essa escolha é o fato de essas localidades serem pontos de preservação da língua, pelo menor contato com os meios de comunicação social, o que é de bastante interesse para esta investigação. Este trabalho, que ora apresentamos, tem como objetivo principal fazer, a partir da descrição da fala, o levantamento e a descrição histórica das vogais e uma seleção de itens e expressões lexicais que ocorrem na linguagem oral dos informantes de sessenta anos de idade. Esses informantes vivem em áreas da zona rural de Balsas (MA) e foi dada preferência aos que nessa região tenham nascido ou para lá se tenham mudado em tenra idade. Como pesquisa, faz parte de um projeto maior coordenado pela Prof^a. Dr^a. Maria Sueli de Aguiar “A lingüística e a história da colonização de Goiás”. A base teórica dele são os pressupostos da lingüística histórica num dialogismo com a sociolingüística e a geografia lingüística, que tratam dos fenômenos de variação, de mudança e de preservação lingüísticas. Este estudo se junta aos demais projetos que possuem esse mesmo objetivo com o propósito de contribuir para o conhecimento do processo de formação e de fixação da língua portuguesa no Brasil, mais especificamente na região sul do Maranhão. A partir das interações sociais proporcionadas em contexto de conversas informais no espaço familiar ou em ocasiões especiais, como reuniões de trabalho, encontros religiosos ou de lazer, foi efetuada a pesquisa, mais precisamente a técnica de entrevista, com a gravação e a transcrição dos eventos de fala, os quais constituem os *corpora*, segundo critérios já estabelecidos. Após coletados os dados da língua oral, procedemos à análise, na qual identificamos algumas formas de construção lingüística identitárias próprias do dialeto local, numa análise comparativa com a língua histórica. Também é apresentada uma descrição sucinta da sócio-história dessa região, em que é ressaltado o processo de historicização da língua.

Palavras-Chave: Linguagem oral, aspectos sócio-históricos, fenômenos vocálicos.

ABSTRACT

This research presented here was carried out in the southern region of the state Maranhão in nearly all the micro-regions that represent the rural areas of the city of Balsas and in a few cases in localities situated on the border separating Balsas from neighboring towns. When recording the interviews with inhabitants born in the various localities of the rural areas of Balsas, the natural place for the completion of this step were the informants' homes, their places of work and various other locations (such as at the house of an informant's relative, at the union, at festival). The basis for this choice was the fact that such localities are points of preservation of the language due to minimal contact with the means of social communication, which is of great interest for this research. Based on the speech description, the main goal of this research is to make an inventory and the historical description of the vowels and a selection of lexical expressions and items which occur in the oral language of the sixt-year-old informants living in rural areas of Balsas, Maranhão and who had preferably been born or moved there at an early age. It is part of a larger research project coordinated by Prof^a. Dr^a. Maria Sueli de Aguiar "A linguística e a história da colonização de Goiás, Tocantins e Maranhão". Its theoretical foundation are the underlying principles of historical linguistics in dialogue with sociolinguistics and linguistic geography which deal with the linguistic phenomena of variation, change and preservation. This study joins other projects with the same goal of contributing to the knowledge of the process of formation and fixation of the Portuguese language in Brazil and more specifically in the southern region of Maranhão. This research was undertaken throughout the social interactions in the context of informal conversations in the home environment or on special occasions, such as business meetings, religions or leisure gatherings. More precisely the interview technique was used, with the recording and transcription of the speech events which constitute the corpora as according to previously established criteria. After collecting the oral language data we proceeded to the analysis, in which we identified some forms of identity linguistic constructions which are typical of the local dialect, in a comparative analysis of the historical language. A succinct description is also presented from the social history of this region, in which the historicization process of the language is highlighted.

KEY WORDS: Oral language, social-historical aspects, vowels phenomena.

LISTA DE QUADROS E FIGURAS

| | | |
|------------------|--|-----|
| Quadro 1 | Quadro das vogais tônicas do falar sertanejo do Sul do Maranhão..... | 82 |
| Quadro 2 | Quadro das vogais pretônicas iniciais do falar sertanejo da região de Balsas-MA | 83 |
| Quadro 3 | Quadro das vogais pretônicas não iniciais do falar sertanejo do Sul do Maranhão | 83 |
| Quadro 4 | Quadro das vogais postônicas não finais do falar da região de Balsas..... | 84 |
| Quadro 5 | Quadro das vogais postônicas finais do falar da região de Balsas | 84 |
| Quadro 6 | Processo evolutivo em alguns hiatos | 88 |
| Quadro 7 | Principais ditongos latinos decrescentes..... | 91 |
| Quadro 8 | Principais ditongos crescentes | 92 |
| Quadro 9 | Quadro das principais vogais silábicas de apoio à formação do hiato no falar sertanejo da região de Balsas | 96 |
| Quadro 10 | Principais hiatos orais arcaicos e do <i>corpus</i> analisado | 96 |
| Quadro 11 | Principais ditongos nasalizados decrescentes | 114 |
| Quadro 12 | Principais ditongos nasalizados crescentes | 115 |
| Quadro 13 | Hiatos nasalizados do português arcaico e do dialeto da região de Balsas-MA | 118 |
| Quadro 14 | Hiatos com pelo menos uma das vogais nasalizadas..... | 119 |
| Quadro 15 | Hiatos com vogais nasalizadas | 120 |
| Quadro 16 | Vocábulos com nasalização regressiva..... | 120 |
| | | |
| Figura 01 | Mapa da Região Sul do Maranhão | 21 |
| Figura 02 | Mapa da Região do Gerais de Balsas | 22 |

ABREVIATURAS E SÍMBOLOS CONVENCIONAIS USADOS

I - Símbolos fonéticos usados na transcrição dos dados

Para a descrição dos fatos fisiológicos que caracterizam o falar sertanejo da região de Balsas-MA, utilizamos os símbolos do Alfabeto Fonético Internacional –AFI, disponível no programa *Speech Analyzer* e *Speech Manager*, baixado do portal do *Summer Institute of Linguistics*. Informamos, outrossim, que os sinais diacríticos, as abreviaturas e demais convenções serão usados o mínimo possível para facilitar a leitura do texto por aqueles que não estão familiarizados com essas convenções fonéticas.

- **Vocálicos**

1. anterior alto
[i] oral
/i/ [ɪ] oral reduzido
[ĩ] nasalizado
2. anterior médio-alto
/e/ [e] fechado oral
[ẽ] fechado nasalizado
3. anterior médio-baixo
/ɛ/ [ɛ] aberto oral
4. central
[a] baixo oral
/a/ [ə] médio oral
[ã] médio nasalizado
[ɐ] baixo oral reduzido
5. posterior alto
[u] oral
/u/ [ũ] nasalizado
[ʊ] oral reduzido
6. posterior médio-alto
/o/ [o] fechado oral
[õ] fechado nasalizado
7. posterior médio-baixo
/ɔ/ [ɔ] aberto oral

8. posterior baixo

/a/ [a] aberto oral

- **Consonantais**

1. oclusivos

| | | |
|-----|------|---|
| /p/ | [p] | bilabial surdo |
| /b/ | [b] | bilabial sonoro |
| /t/ | [t] | alveolar surdo |
| | [tʃ] | africado surdo |
| /d/ | [d] | alveolar sonoro |
| | [dʒ] | africado sonoro |
| /k/ | [k] | velar surdo |
| | [c] | palatal surdo, diante dos fonemas /ε/, /e/ e /i/ |
| | [q] | uvular surdo, diante dos fonemas /ɔ/, /o/ e /u/ |
| /g/ | [g] | velar sonoro, diante do fonema /a/ |
| | [ʝ] | palatal sonoro, diante dos fonemas /ε/, /e/ e /i/ |
| | [G] | uvular sonoro, diante dos fonemas /ɔ/, /o/ e /u/ |

2. fricativos

| | | |
|-----|-----|--|
| /f/ | [f] | labiodental surdo |
| /v/ | [v] | labiodental sonoro |
| /x/ | [x] | velar surdo, diante do fonema /a/ |
| | [ç] | palatal surdo, diante dos fonemas /ε/, /e/ e /i/ |
| | [χ] | uvular surdo, diante dos fonemas /ɔ/, /o/ e /u/ |
| | [h] | glotal surdo |
| /s/ | [s] | alveolar surdo |
| /z/ | [z] | alveolar sonoro |
| /ʃ/ | [ʃ] | alveopalatal surdo |
| /ʒ/ | [ʒ] | alveopalatal sonoro |

3. nasais

| | | |
|-----|-----|-----------------|
| /m/ | [m] | bilabial sonoro |
| /n/ | [n] | alveolar sonoro |
| | [ɲ] | palatal sonora |
| | [ŋ] | velar sonora |
| | [ɴ] | uvular sonora |

4. lateral

| | | |
|-----|-----|-----------------------------|
| /l/ | [l] | alveolar aproximante sonoro |
| | [ɬ] | alveolar fricativo surdo |
| | [ʎ] | palatal aproximante sonoro |

5. vibrante
- | | | |
|-----|-----|-------------------------|
| /r/ | [r] | alveolar sonoro |
| | [ɾ] | retroflexo flepe sonoro |
| | [ɻ] | retroflexo aproximante |
| | [ɭ] | alveolar lateral flepe |
6. semivocálicos
- | | | |
|-----|-----|----------------|
| /w/ | [w] | velar sonoro |
| /j/ | [j] | palatal sonoro |

II - Sinais diacríticos

| | |
|-----|-------------------------------|
| ˙ | centralizada |
| ˘ | breve |
| ˉ | longa |
| : | alongamento |
| ∅ | casa vazia |
| ˜ | variação ou alternância |
| ˆ | nasalização |
| > | torna-se |
| < | provém de |
| <-> | uma em relação à outra |
| // | transcrição fonológica |
| [] | transcrição fonética |
| * | forma hipotética |
| w | labializada |
| j | palatalizada |
| h | aspirada |
| l | tonicidade na sílaba seguinte |

III - Abreviaturas e lista de convenções no corpo do trabalho e na transcrição dos dados

| | |
|--------|-------------------------|
| i. e. | isto é |
| V | vogal |
| VN | vogal nasal |
| N | arquifonema nasal |
| C | consoante |
| P | pesquisadora |
| Colab. | colaborador |
| (...) | recortes de fala |
| [] | simultaneidade de vozes |
| ... | pausa curta |

| | |
|---------|----------------------------|
| .../... | pausa longa |
| / | interrupção brusca de fala |
| : | alongamento breve |
| :: | alongamento médio |
| ::: | alongamento longo |
| ? | interrogação |
| ! | exclamação |

SUMARIO

| | | |
|-------|---|----|
| | RESUMO | 07 |
| | ABSTRACT | 08 |
| | LISTA DE QUADROS | 09 |
| | ABREVIATURAS E SÍMBOLOS CONVENCIONAIS USADOS | 10 |
| | INTRODUÇÃO | 16 |
| 1 | ASPECTOS CULTURAIS DA REGIÃO DE BALSAS | 20 |
| 1.1 | Descrição da estrutura rural da região | 20 |
| 1.2 | História da formação sócio-econômica da região..... | 23 |
| 1.3 | História da formação do sertanejo | 25 |
| 1.4 | A importância da história na constituição do falar sertanejo..... | 27 |
| 2 | SUPORTE TEÓRICO | 30 |
| 2.1 | Sobre o fazer da lingüística histórica..... | 34 |
| 2.2 | A questão dialética sincronia e diacronia | 37 |
| 2.3 | A lingüística histórica e a mudança nas línguas | 39 |
| 2.4 | O método histórico-comparativo | 42 |
| 2.5 | Sobre a formação do português no Brasil..... | 44 |
| 3 | METODOLOGIA | 47 |
| 3.1 | O método de análise | 49 |
| 3.2 | A escolha eco-lingüística | 50 |
| 3.3 | Os informantes | 52 |
| 3.4 | Formação e recolha do corpus lingüístico | 55 |
| 3.4.1 | As entrevistas | 56 |
| 3.4.2 | O <i>corpus</i> lingüístico | 59 |
| 3.4.3 | Transcrição dos dados lingüísticos | 60 |
| 3.4.4 | Qualificação dos dados lingüísticos | 61 |
| 4 | ANÁLISE PRELIMINAR DOS DADOS | 63 |
| 4.1 | O quadro vocálico do falar da região de Balsas - MA | 63 |
| 4.1.1 | A vogal a | 64 |
| 4.1.2 | A vogal e | 67 |
| 4.1.3 | A vogal ε | 69 |
| 4.1.4 | A vogal o | 71 |

| | | |
|---------|--|-----|
| 4.1.5 | A vogal o | 74 |
| 4.1.6 | A vogal i | 75 |
| 4.1.7 | A vogal u | 79 |
| 4.1.8 | Os quadros vocálicos do falar da região de Balsas-MA | 81 |
| 4.2 | As seqüências vocálicas | 85 |
| 4.2.1 | Os ditongos | 85 |
| 4.2.2 | Os hiatos | 92 |
| 4.2.2.1 | Os hiatos primários e os hiatos secundários | 97 |
| 4.3 | A nasalidade vocálica | 101 |
| 4.3.1 | Representação da nasalidade | 102 |
| 4.3.2 | Percurso da nasalidade | 102 |
| 4.3.3 | Descrição da nasalidade na variante balsense | 106 |
| | CONCLUSÃO | 122 |
| | REFERÊNCIAS | 133 |
| | APÊNDICES | 141 |
| | ANEXOS | 166 |
| | ILUSTRAÇÕES | 170 |
| | GLOSSÁRIO | 183 |

INTRODUÇÃO

O homem é naturalmente um ser comunicativo e, para isto, utiliza-se da linguagem como meio para estabelecer esta comunicação. É através da comunicação que ele passa todo um conjunto de saberes, a cultura, próprios e de sua comunidade, de seu tempo, de geração para geração, para o que ele se utiliza dos vários signos comunicativos, dentre eles da língua.

A utilização da língua para a transmissão desses conhecimentos concede-lhe caráter cultural, social, histórico e geograficamente identitário e o estudo das circunstâncias em que determinada língua se desenvolve possibilita-nos perceber como essas mudanças são motivadas, levando-se em conta desde o nível das pessoas que as falam às circunstâncias sócio-históricas em que se encontram ao falar, até a localização geolingüística em que essas se encontram, o que acarreta as chamadas *mudanças lingüísticas*, com suas *variedades dialetais*. Outro fator que determina esta diferenciação dentro da língua é a modalidade de uso, se oral ou escrita. No caso da modalidade oral, devem-se levar em conta todas essas possibilidades de variação, o que tem feito suscitar grande interesse por essa modalidade, quer seja para a pesquisa sociolingüística, quer para outros tipos de pesquisas, como a pesquisa histórica, sempre e tão contemporânea.

A documentação da língua, dentro dessa diversidade cultural, para que haja uma revitalização, é o que pretende este trabalho de análise da variante sertaneja da região de Balsas - MA, intitulado “Descrição histórica das vogais na fala do sertanejo da região de Balsas-MA”. A partir de uma abordagem ao mesmo tempo sincrônica e diacrônica, descrevemos os sons vocálicos presentes no dialeto sertanejo da região Sul do Maranhão. Numa descrição e análise preliminar das vogais, é feita uma análise comparativa desses sons com os registrados nos manuais que tratam da língua histórica, o que constituiu a base teórica dessa dissertação de mestrado.

Em síntese, o objetivo geral é fazer uma descrição lingüístico-histórica dos traços fonético-fonológicos dos fonemas vocálicos encontrados na realidade lingüística do português falado pelos pesquisados, os sertanejos da região de Balsas. Como objetivos específicos temos: i) coletar, selecionar, registrar, transcrever os traços fonético-fonológicos do sistema vocálico que caracterizam o dialeto da região; ii) fazer a descrição histórica desses sons e da seqüência dos segmentos vocálicos; iii) listar itens e expressões lexicais peculiares a esse falar. A nossa hipótese é que no falar dessa região têm-se mantido traços conservadores da língua.

Os dados foram descritos a partir da distribuição desses fonemas (orais, nasais, tônicos, pretônicos, postônicos não finais, postônicos finais e zero fonético) pelos itens lexicais.

Optamos, pois, por uma visão histórica (diacrônica) neste trabalho, voltando-nos para uma sistematização dos dados lingüísticos em uso com os registros obtidos de textos, acerca do português histórico de um modo geral. Consideramos essencial a investigação que focaliza o emprego concreto da língua, no seio da comunidade que a fala, em comparação com dados históricos que instituíram essa língua. Esse confronto bidimensional é inerente a um estudo que se proponha o mais completo possível para o entendimento dos fenômenos lingüísticos. Firmamo-nos, pois, à linha teórico-metodológica da Lingüística Histórica, a qual, numa definição bastante simplificada (CAMPBELL, 2006; ANTILLA, 1989; FARACO, 2005), estuda a mudança nas línguas, como e o porquê das línguas mudarem.

A respeito das pesquisas lingüístico-históricas brasileiras, tem havido inúmeros trabalhos desde as últimas décadas do século XIX sob a roupagem da Filologia, até a década de 60. Muitos autores têm feito essas análises, tentando esclarecer os diversos aspectos que formam a língua portuguesa, e têm verificado a formação dos falares nacionais e regionais, com a compilação de gramáticas históricas, dicionários etimológicos e edições críticas de textos arcaicos. A partir da década de sessenta, com a introdução da disciplina Lingüística, os estudos sincrônicos estruturalistas sobressaem-se em relação aos estudos históricos, sendo esses retomados com bastante vigor no final do século XX.

Dessa forma, os referenciais teóricos deste trabalho são a Sociolingüística com orientações para a Lingüística Histórica de Labov (1972) e de Tarallo (2001); a fundamentação dialetológica seguiu os pressupostos de Brandão (1991) e Sousa (1991); as informações gerais da Lingüística Histórica foram baseadas em autores como Anttila (1989), Campbell (2006), Crowley (2003), Coseriu (1988), Tarallo (1990), Silva (2006), Faraco (2005), Lucchesi (2004) e Schendl (2001). As informações mais específicas acerca da língua portuguesa foram colhidas no dicionário etimológico de Houaiss & Villar (2001) e nos dicionários de lingüística de Crystal (1988) e de Dubois (1973), além de outros autores de Gramática Histórica de nossa língua como Nunes (1989), Williams (1994), Silva Neto (1960, 1963), Silveira (1986) e mais especificamente da área de fonética-fonologia: Bisol (2001), Callou e Leite (2001), Câmara Jr. (1998). Esses autores acima listados foram-nos bastante úteis para o embasamento teórico na construção da pesquisa que ora apresentamos.

Justificamos a preferência pelo campo da Lingüística Histórica exatamente pelas possibilidades que ela nos dá de trabalharmos tanto os aspectos sincrônicos quanto os

diacrônicos da língua, a partir de várias análises feitas por parte de autores de ambas as correntes de estudo. Este procedimento metodológico tenta desenvolver uma descrição sistemática do fenômeno analisado, estabelecer relações entre os fatores lingüísticos e extralingüísticos e analisar fatos lingüísticos presentes que são iluminados por outros do passado, conforme postula Faraco (2005).

Esse autor (2005) afirma que há atualmente no Brasil um número razoável de pesquisadores dedicados à Lingüística Histórica, assim como temos conhecimento de que há outras dissertações, teses e trabalhos acadêmicos que abordam essas mudanças ocorridas na língua, principalmente nos aspectos fonético-fonológicos. No entanto, podemos afirmar seguramente que tais fenômenos ainda não foram suficientemente descritos, para o que podemos considerar a riqueza da estrutura da língua portuguesa e a enorme extensão territorial do Brasil.

Creemos que a pesquisa lingüística do vocalismo, assim como de outros fenômenos lingüísticos, é bastante atrativa no campo de trabalho de análise científica de todas as regiões do Brasil. Desta forma, o estudo dos sons vocálicos é de bastante interesse, principalmente numa região com um dialeto ao mesmo tempo tão diversificado como o é o da região Nordeste, adjungido a isto o fato de ainda não se ter exaurida toda a necessidade de pesquisa.

Na região de Balsas-MA, com tamanha diversidade cultural, de que tenhamos conhecimento, nenhum estudo acerca das características lingüísticas foi realizado, e essas pesquisas apresentam-se como um vasto campo a ser investigado, que muito pode contribuir para o enriquecimento do homem local, da intelectualidade e da ciência. Dessa forma, a escolha do tema “A descrição histórica das vogais na fala do sertanejo da região de Balsas-MA” para esta dissertação constitui-se a partir de três pontos.

Primeiramente, essa pesquisa foi motivada quando trabalhamos com o método histórico-comparativo, na disciplina Filologia, na Universidade Estadual do Maranhão – CESBA, e começamos a fazer comparação de algumas formas peculiares de falar das pessoas da região. Observamos que os moradores da zona rural, principalmente os mais velhos, expressavam-se com formas diferenciadas e que, geralmente, já não eram usadas na realização da fala das pessoas da zona urbana. A partir desse questionamento, interessamos por compreender essas características fonético-fonológicas que ocorriam.

Em seguida, até o momento não há nenhum outro trabalho desenvolvido na região de Balsas que aborde esse tema, quer sob a visão teórico-metodológica da Lingüística Histórica, quer sob a da Teoria da Variação Lingüística. Mesmo com a existência de alguns estudos realizados sobre as vogais, em outros falares da região Nordeste, esse tipo de análise é

muito pouco desenvolvido no Maranhão. Então, essa pesquisa vem, principalmente, contribuir com o desenvolvimento dos estudos lingüístico-históricos, ajudando a contextualizar o falar sul-maranhense no âmbito da Lingüística e, geograficamente, da Dialetologia brasileira.

Finalmente, este projeto está vinculado a um projeto maior denominado “A Lingüística e a História da Colonização de Goiás”, coordenado pela prof^a. Dr^a. Maria Sueli de Aguiar, o qual visa documentar e descrever os processos lingüísticos da língua falada no estado de Goiás, e a instituição dessa língua, a partir da influência dos fatos históricos, para então construir um atlas lingüístico-histórico desse estado, e agora, felizmente, temos ampliados, esses estudos aos estados de Tocantins e Maranhão.

Posto isso, apresentamos este trabalho que ora realizamos, o qual está organizado em seis partes. A “Introdução” está apresentando brevemente nosso trabalho. O primeiro capítulo, “Aspectos sócio-históricos da região de Balsas” fornece-nos alguns dados, mais especificamente a partir do trabalho da historiadora balsense Maria do Socorro Coelho Cabral, sobre a região de Balsas. Nesse capítulo fazemos uma viagem ao passado, desde o século dezessete até os nossos dias, em que discorremos brevemente acerca da constituição do homem sertanejo, embrenhado na sua história cultural, social e econômica. No segundo capítulo descrevemos o “Suporte teórico” do qual nos valem para a realização desta pesquisa com a respectiva revisão bibliográfica do tema que é estudado. No terceiro capítulo, a “Metodologia”, fazemos uma abordagem sobre quais procedimentos metodológicos são aplicados ao coletarmos os dados, ao fazermos a transcrição fonética, ao selecionarmos e codificarmos os dados, como também ao procedermos à identificação dos fenômenos estudados. Iniciamos a “Análise dos Dados”, no quinto capítulo, descrevendo alguns aspectos a partir do léxico presente nos discursos analisados desses sertanejos, para depreender os sons que ocorrem e que compõem o quadro vocálico desse sistema. Na última parte, ao tecermos as “Considerações Finais”, apresentamos algumas considerações acerca dos sons descritos e, posteriormente, apresentamos as referências bibliográficas e os anexos concernentes ao esclarecimento desta pesquisa.

1 ASPECTOS CULTURAIS DA REGIÃO E DO SERTANEJO DE BALSAS

“Chegava na casa depois qui u pessoali da casa tava durmindu... acordava. U qui tivessi acordadu, mas fia qui ficá deitadu até... acabá di fazê u cantu, da chegada ali, da... da... da devoção. Aí é qui a pessoa quando nu cantu diz: -Risc’ u fosqui i acendi a luz!” né? Pru donu da casa. Naquela hora, u donu da casa, acendi’a luz lá i vai saindu divagazim. Quando sai já tá terminanu u cantu também. E passa’ ali, só tomu’ um café aí... bati’ um papu... taca pá ôta casa. Quando na casa qui chega di madrugadã, aí aqueta. Aí, issu, quando venci u dia, quando chega u dia seis, conformi si era trer dia ô si era us seis. Quando chega na casa, di noiti, é a reza. Depor da reza custuma ter... forrozim também! Aí arrocha!” (Falante: Sali).

Pretendemos enriquecer este estudo, ao discorrermos acerca dos aspectos histórico-culturais da formação do homem sertanejo da região de Balsas, como forma de valorização das manifestações populares, costumes, crenças e de suas ideologias. Pretendemos, ainda, realizar uma breve descrição econômico-geográfica da área que ora estudamos e, posteriormente, discorrermos acerca da importância da história no processo de formação da língua local, dados esses que poderão contribuir para o entendimento do tema. Seguimos esses procedimentos metodológicos, neste capítulo, para apresentarmos, sucintamente, as informações que consideramos de aspectos relevantes sobre essa região - local da pesquisa - no sentido de tentarmos descrever o contexto sócio-histórico que serve de base à pesquisa a que nos propomos.

1.1 Descrição da estrutura rural da região

A mesorregião Sul do Maranhão está situada no Nordeste do Brasil, mais precisamente na região Meio-Norte, ao sul do estado do Maranhão e compõe-se de catorze municípios, inclusive Balsas.



Figura 01 – Mapa da Região Sul do Maranhão
Fonte: GEAGRO

Este município localiza-se na microrregião do Gerais de Balsas, delimitando-se com os municípios de Riachão, Nova Colinas, Fortaleza dos Nogueiras, Sambaíba, Tasso Fragoso, Alto Parnaíba e com o estado de Tocantins.

A zona rural do município de Balsas é composta, em maior extensão, pela região do Gerais de Balsas²⁰. Esta é uma região pertencente, em sua maioria, ao município de Balsas-MA, com uma área de 13.141,64 km², e está subdivida em localidades principais como a da Baixa Funda, São Pedro, Boa Esperança I, Boa Esperança II, Bom Acerto, Buritirana e Batavo. Essa microrregião é conhecida por suas terras férteis e com as características necessárias para as plantações de arroz, soja, milho, cana-de-açúcar, algodão e outras culturas. As demais são compostas pela região do Correio, região da Bacaba, região do Balsinha, região dos Altos, bacia do Maravilha, bacia do Cachoeira e bacia do Cocal. Estas são em menor extensão; no entanto, em todas elas são desenvolvidas a agricultura mecanizada e a agricultura familiar ou tradicional (roça de toco).

O município de Balsas possui 78.845 habitantes, numa extensão de área de 12.564 km², conforme os dados populacionais e de extensão do IBGE, 2007. Desses, somente 10.513 habitantes vivem na zona rural, dos quais estimamos que uma população de aproximadamente 6.000 habitantes resida na região do Gerais (esse último dado foi fornecido pela Associação Camponesa - ACA).

²⁰ Essa divisão foi feita por uma necessidade de organização para o levantamento de entrevistas deste trabalho. Isto se deu em virtude de não haver um prévio mapeamento da zona rural, com que pudéssemos contar para orientação deste trabalho. Para esse procedimento, contamos com o apoio de vários sertanistas (item 2.7), além da colaboração do professor de Geografia, Adelúcio Ramos.

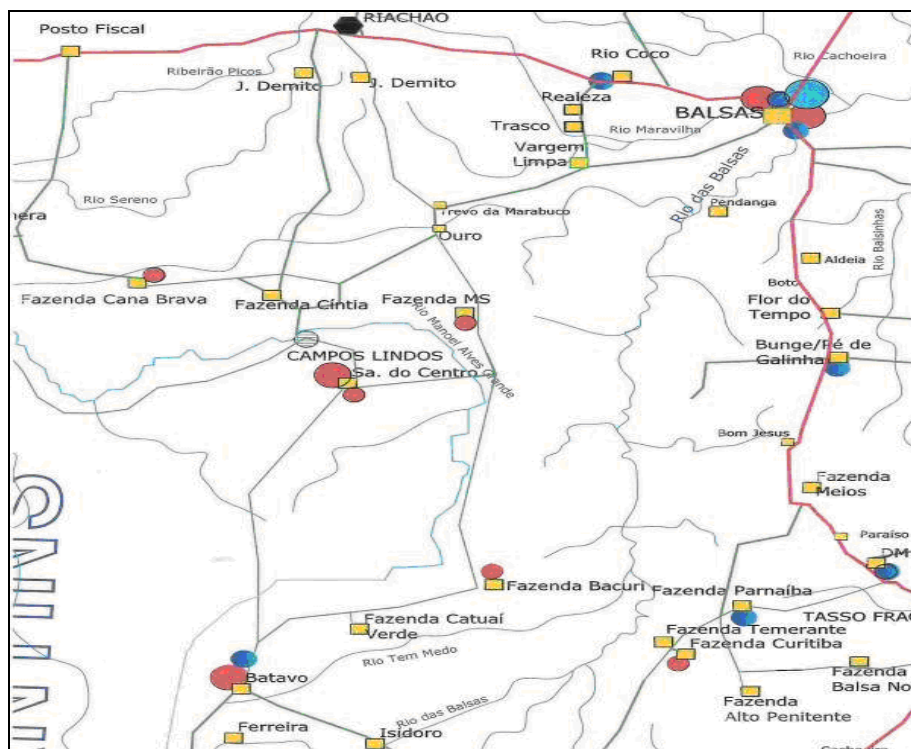


Figura 02 – Mapa da Região do Gerais de Balsas
Fonte: Castro (2006)

A partir desses referenciais populacionais e de extensão, podemos perceber que mesmo atualmente, após um sistemático crescimento desde a década de setenta, a baixa densidade geográfica ainda favorece certa condição de isolamento para o homem do campo, o que lhe dificulta participar dos mecanismos que propiciam o desenvolvimento local.

Atualmente, este município possui o Índice de Desenvolvimento Humano de 0,696 (PNUD – 2003).

A região de Balsas é povoada, atualmente, por pessoas vindas das diversas regiões, principalmente do sul do país, as quais descobriram, nestas grandes extensões de terras, as condições favoráveis para desenvolverem suas atividades econômicas, principalmente a agricultura. Diferentemente do sertanejo local, os sulistas habitam, em sua maioria, na cidade, embora vivam da agricultura.

Para o desenvolvimento da agricultura, os sertanejos e os sulistas contam com uma região de vegetação de cerrado que se alterna com áreas típicas de floresta amazônica. Essa transição favorece a formação de exuberantes rios e cachoeiras. O potencial produtivo da região está voltado para o cultivo de arroz, soja, milho, cana-de-açúcar, algodão, além de outras culturas que são bastante produtivas nesse cerrado.

A região de Balsas é pólo para o Norte do Tocantins e para o sul do Maranhão e do Piauí, pelo potencial de produção agrícola e pelo crescente processo de modernização agropecuária.

Segundo Castro (2006), um dos fatores que retardam o desenvolvimento agroindustrial é o sistema precário de educação, o que não favorece a criação de mão-de-obra especializada. Para comprovar essa referência basta pesquisar os baixos índices educacionais (PNUD/MEC).

- 11,11% das crianças de 10 a 14 anos são analfabetas;
- 52,43% das crianças de 10 a 14 anos têm atraso escolar de mais de 1 ano;
- 59,76% das crianças de 10 a 14 anos possuem menos de 4 anos de estudo;
- 48,70% das crianças de 4 a 5 anos estão nas escolas;
- 6,70% dos adolescentes de 15 a 17 anos são analfabetos;
- 19,25% dos adolescentes de 15 a 17 anos possuem acesso ao Ensino Médio;
- 23,69% dos jovens de 18 a 24 anos possuem menos de 4 anos de estudo;
- 0,85% dos adultos com mais de 25 anos possuem acesso ao Ensino Superior.

Desta forma, se não houver mais investimentos no setor educacional, pode ocorrer um crescimento, e não desenvolvimento, o que favorece a importação de mão-de-obra especializada (com melhores salários), ficando a população local à margem desse processo de desenvolvimento.

1.2 História da formação sócio-econômica da região

Acerca da formação social econômica da região, a pecuária era a atividade dominante, determinando a organização dos povoamentos: as fazendas de gado, ao redor das quais viviam e se constituíam os povoamentos e das quais eles dependiam.

Estas fazendas eram constituídas de poucas instalações: o curral para o gado e a casa coberta de palha para o vaqueiro. A mão-de-obra era reduzida ao trabalho do vaqueiro e de seus familiares, que se chamavam “fábricas”. Esta função era exercida pelos trabalhadores livres, por escravos e ainda pelos próprios filhos dos vaqueiros. Nesse modo de produção para o sustento da fazenda, os senhores fazendeiros tinham poucos assalariados e escravos, sendo os próprios filhos que cuidavam do manejo com o gado. Nas relações vaqueiro-fazendeiro, havia certa cordialidade, tendo Júlio Paternostro (*Apud* Cabral, 1992), no início do século

XIX, registrado serem essas relações entre os criadores e empregados mais cordiais do que as presentes nas fazendas de café de São Paulo, ao que acrescentou que as diferenças entre aqueles, quanto à aparência física, eram quase imperceptíveis em determinadas ocasiões.

Ribeiro (*Apud* Cabral, 1992) relata que, no ano de 1819, havia no sertão de Pastos Bons menos de mil escravos, o que representava menos de vinte por cento da população, enquanto, no restante do estado, correspondia a 50,9% da população de toda a Capitania. Em 1861, a população escrava representava, nos quatro maiores municípios da região, 13,5% da população total e, em 1872, esse índice baixou para 7,3%, conforme o recenseamento desse ano. Desta forma, a autora concorda com Jacob Gorender (*Apud* CABRAL, 1992), ao afirmar o caráter escravista bastante atenuado dessa região, o que fez com que a economia pecuarista não fosse atingida, quando do processo de abolição da escravatura.

Assim transcorreram essas relações econômicas por longo tempo, um tanto ensimesmadas, de forma que o Estado entrou num processo de estagnação econômica e conseqüentemente esta região, apesar de que esta poucas relações mantinha com a região litorânea, até que no início do século XX, houve um aumento no fluxo de chegada dos migrantes retirantes nordestinos. O objetivo deles era, segundo os estudos do Centro Scalabrino de Estudos Migratórios - CSEM (2000, p. 50), “produzir para subsistência de suas famílias em terras ditas devolutas”. Desta forma ”explicita-se, assim, a figura do posseiro, sempre identificado com o lavrador camponês que, com sua família, irá cultivar a terra, produzir alimentos agrícolas e criar pequenos animais para o seu sustento” (*op. cit.*).

A partir da década de setenta, ocorreu uma profunda transformação no sistema produtivo regional e nos núcleos de produção dos lavradores sertanejos e dos pequenos fazendeiros e ou vaqueiros. Chegaram os primeiros migrantes sulistas (gaúchos) para o sertão Sul-Maranhense, mais especificamente para a região de Balsas, em busca de novas oportunidades de vida. Eles trouxeram consigo um novo modo de cultivar a terra, em que utilizam a técnica de plantio da lavoura mecanizada no cerrado maranhense. Com a modernização do trabalho no campo foi adjungido o encarecimento da terra e, conseqüentemente, as brigas pela disputa das mesmas, principalmente na região de terras férteis e de clima favorável do Gerais de Balsas, o que trouxe - segundo um relatório escrito ao Governador do Estado, José Reinaldo Tavares, a 17 de março de 2003, pela Associação Camponesa – ACA e outras instituições sócio-religiosas - “a invasão de terras devolutas pertencentes, de direito, àqueles antigos posseiros da terra”, o que lhes impossibilitou exercerem suas atividades camponesas. Isso fez com que muitos sertanejos vendessem suas terras ou delas saíssem para a cidade, à procura de sobrevivência para a família. Devido à

valorização da terra alcançada pelo advento da agricultura, vários pequenos proprietários venderam-se ao capital, venderam suas terras e mudaram-se para a cidade. O preço, a partir da década de setenta, alcançara valor antes nunca adquirido e os sertanejos posseiros que haviam herdado direitos dos seus antecessores, agora se desvencilhavam desses direitos, de forma precipitada. No entanto, há os que resistiram ao encantamento do dinheiro e da vida na *urbs* ou que não tiveram condições de se mudarem e ali permaneceram.

O crescimento econômico da agricultura, com a utilização de grandes áreas, a partir da década de setenta, ocasionou, além do crescimento do êxodo rural, o imprensamento dos sertanejos em pequenas áreas agrícolas, de modo que lhes impossibilitou a criação de animais no sistema extensivo. Esse crescimento também ocorreu como marcador das diferenças sociais, estigmatizando, muitas vezes eterna e fatalmente, parte da população ali existente, pelas seqüelas que deixam a pobreza, a humilhação e a desonra. Problemas estruturais do campo nunca foram resolvidos e vêm se estendendo por décadas. É ainda nessas circunstâncias, mas já em tempo de calmaria, que vamos encontrar o nosso sujeito sertanejo.

1.3 História da formação do sertanejo

A história do devassamento e ocupação da região Sul do Maranhão, em relação às áreas litorâneas do estado, ocorreu tardiamente e de forma violenta, no início do século XVIII. Essa área era conhecida como região de Pastos Bons, segundo Cabral (1992, p.107-137) pelos “campos cobertos de exuberantes pastagens, pastos realmente bons regados por numerosos e perenes rios, córregos e ribeirões...” e era habitada por tribos que vinham tangidas do litoral. Uma frente de vaqueiros, vinda da Bahia e de Pernambuco adentrava em direção norte, à procura de terra para a criação de gado. Agora devassava as margens dos rios Balsas, Neves e Macapá, o que resultou na criação de inúmeras fazendas na região e na aldeia de São Felix de Balsas, como também na fundação, em 1808, do povoado de Riachão, a 70 km de Balsas. Esse movimento de expansão da pecuária no interior do Maranhão foi marcado pela violência, em que os vaqueiros avançavam contra esse *habitat* natural dos índios e a quem estes opunham resistência. No entanto, essa resistência foi vencida ou por um processo de negociação, nem sempre cumprida pelos colonizadores ou, na maioria das vezes, por um processo de dizimação, ao qual poucos indígenas sobreviveram.

Segundo o relato do Major Francisco de Paula Ribeiro (1841), nessa região habitavam mais de oitenta mil índios, conhecidos como Timbiras, divididos em várias tribos.

Já o Antropólogo Darci Ribeiro (1986) calculou mais de duzentos mil índios ali habitantes. Desses sobreviveram os Canela, os Krikati, os Gavião e os Khrahô.

Cabral (1992) afirma que os criadores utilizaram-se das várias bandeiras, na segunda metade do século XVIII, grupos de guerra que se compunham de cem a duzentos homens armados, dentre eles sertanejos mestiços, para afugentar os silvícolas. Estes habitavam, por volta de 1760, às margens do Rio Balsas e faziam incursões pelo alto sertão e pelos campos do Piauí, “Pimenteiras, Gueguê e Acoroá foram os que resistiram por mais tempo ao estabelecimento dos portugueses... Naturalmente vingativos e turbulentos, mais se tornaram ainda depois de provocados; e a luta com os povoadores durou por muitos anos” (D’Alencastre *apud* Cabral, 1992, p. 122).

Parece que logo após a assinatura do Termo da Junta (1758) os bandeirantes conseguiram o aldeamento dos Acoroá, por volta de 1768, na aldeia de São Félix de Balsas. Essa aldeia deu origem à vila desse mesmo nome. Os Acoroá tinham sido aldeados na missão de São Gonçalo, no Piauí, juntamente com alguns Gueguê. Os demais continuavam na aldeia de São Félix de Balsas, no Maranhão. Francisco de Paula Ribeiro, na obra “Descrição do território de Pastos Bons, nos sertões do Maranhão” (*Apud* Cabral, 1992), informou ter conhecido esta aldeia no início do século XIX já neutralizada, em declínio. Cabral (*Ibidem* p. 132) encerra, então, esse capítulo afirmando:

“Dessa forma, a frente de vaqueiros, por meio de afugentamento, aprisionamento, inoculação de varíola e trucidamento limpou das campinas sul-maranhenses o habitante nativo para ceder lugar ao gado e fazer surgir a civilização do couro. A resistência do índio a tal dominação, levando à sobrevivência de algumas tribos, foi um exemplo de luta que deve nos ensinar a saber conviver com as diferenças.”

E assim formou-se, precipuamente a base humana da região Sul do Maranhão: da miscigenação dos remanescentes índios do grupo Timbiras (Acoroá) com os bandeirantes vaqueiros vindos do lado leste do Nordeste (região da Bahia e Pernambuco) e alguns escravos trazidos (provavelmente) da região litorânea maranhense, originou-se o sertanejo da região de Balsas.

O bravo sertanejo, “caboclo”, assim é chamado; mestiço, inicialmente do sangue silvícola do Meio-Norte com vaqueiros baianos e pernambucanos, misturados ao sangue escravo que tão intensamente fora utilizado na cultura canavieira e do algodão dos séculos XVII ao XIX. Esses escravos se espalharam pelo sul do estado, já no final do século XIX e primeira metade do século XX, com grande número de retirantes nordestinos, principalmente dos estados do Ceará e do Piauí.

Os vaqueiros, à procura de novas terras, de novos pastos para o gado; o negro, fugindo do sistema marcadamente escravagista, e o índio foram a maioria desses, outrora a fugir rio acima, transpassando o rio Balsas, rumo ao Piauí ou ao Tocantins e adentrando-se por novas terras. No entanto, desses ficaram muitos ascendentes e descendentes pelo decadente sistema de colonização indígena através dos aldeamentos – em nosso caso específico, o aldeamento dos Acoroá, na Aldeia de São Félix de Balsas. O conhecido hábito, que houvera outrora de “amansar” índias para o homem branco, facilitou esse processo de miscigenação de raças e formação do homem sertanejo.

Acrescentamos ainda a chegada dos retirantes nordestinos, em sua maioria piauienses e cearenses, fugindo do eterno e desolador problema da “sequidão”, no final do século dezenove e, principalmente, fugindo da seca de 1915. E ali temos um sangue sincreticamente mesclado, que se configura no sertanejo caboclo, de pele morena, meio “atarracado”, olhos vivazes e desconfiados, riso aberto, sempre gentil e hospitaleiro. E é assim que o encontramos, quando da nossa expedição para este trabalho, em que iniciamos a gravação das entrevistas com eles, no dia trinta e um de julho de 2006. Um sertanejo balsense, que se institui na língua, um sujeito disperso, premido e identificado por essas derivas que inconscientemente fluem e fruem como marcas travestidas de um processo “deformado” da história, em que, à deriva do significante simbólico nas formas constituintes do léxico, identificam essa forma dispersa, em relação ao ideal de unidade no simbólico da língua.

É a partir da apresentação dessas formas lingüísticas que se tenta mostrar esse sujeito, que tem a língua possivelmente como forma mais expressiva do seu simbólico identitário, por meio das construções que o atravessam, do espaço da forma para o da significação. A história desse sertanejo ajuda realmente a explicar a própria língua?

1.4 A importância da história na constituição do falar sertanejo

Depreendemos que diversas são as características étnicas particulares que influenciam a formação do sertanejo do sul do Maranhão e, conseqüentemente, a formação dos falares regional e local. Esses falares foram derivados de um processo de devassamento, em que houve, conforme Orlandi (2002), “um deslocamento” de línguas, no caso, a língua falada pelos colonizadores portugueses e ou descendentes desses colonizadores e os dialetos falados pelos escravos africanos e ou desses descendentes, a misturarem-se com a língua indígena local falada. Sem dúvida, esse processo deixou marcas na história da língua e do

homem. Portanto, é essa história constitutiva da própria identidade sertaneja e dos falares regional e local.

Para ilustrar essa ocupação, basta que lembremos o confronto que houve, conforme relatado anteriormente, pela posse da terra, mas que também representa uma luta pela manutenção da cultura e, obviamente, pela manutenção da identidade lingüística. Foram e são todas essas tensões que ajudaram e ainda ajudam a constituir a língua.

O falar local, que situa geograficamente essa língua, é representado pelo *corpus* do qual deriva nossa análise e que é constituído de entrevistas gravadas do homem sertanejo. Nesse falar pesquisado são descritas, sobretudo, as características presentes nesse sistema. O falar do sertanejo da região de Balsas reflete a real imagem de uma variante em relação ao dialeto padrão transplantado e institucionalizado, a despeito de uma língua amazônica existente nessa localidade e dizimada. Observamos, nas diferentes formas lexicais, os efeitos que são produzidos pelos sujeitos falantes. São, portanto, essas formas, resultantes da memória de uma identidade não reconhecida (e subjugada), que aparecem na superfície da língua. Como exemplos, temos a contribuição do léxico indígena (*jirauzin, cumbuca, piaçaba, buriti, mamucapu, pacará*); expressões de origem africana (*andu, canga*); expressões que denotam hábitos e costumes próprios (*-Sei fiar, sei tecê panu, depois di dá linha assim... numa caxa di lĩu. Tamém, tia algudãu. hoji im dia algudãu num teim maisi lá. Eu teu qui sacudi algudãu deste tamaim, assim*). Além dos reflexos expressos na superfície da língua, há os efeitos de sentido derivados das lutas pela sobrevivência (*é uma luta; é um sufrimentu*); efeitos que ficam marcados pelas formas de expressão desse sujeito falante, como o conhecimento de que o saber é suporte para a melhoria de vida (*Purque hoji as coiza tá muito difici pá genti, aí eu nun sei di nada, cumu é qui iô possu arrumá quauqué impregu porque nun teiu a leitura, nun é?*); expressões metalingüísticas que denotam auto-localização temporal (*Eu, du... da mĩa lĩnguagi antiga, chamava era “tramóia”, agora vou até lhi contá u casu...*); identidade religiosa (*“-Benditu lovadu a Deus vi, Siora Santa Luzia, qui di Deus já era um servu, Siora Santa Luiza, qui di Deus já era um servu, Siora Santa Luzia”*); ideologias (*Das... das mô... das mulhé mãi soltera num dançai junto cãm ar moça, nem cãm ar muié casada; - É porque eu num sei u qui é essas coisa di labutá cum homi di jeitu niu*). Por meio das características desses falares, vemos a relação que há entre um dialeto tido como “padrão” e as conseqüências derivadas dos fatos históricos revelados na forma do falar sertanejo, um falar oriundo de tantas mesclagens e que tenta se instaurar no português padrão.

Esse sujeito falante, um caboclo mestiço, fruto de uma miscigenação ocasionada do século XVII ao século XX, ocupa, pois, um espaço eco-lingüístico e identitário segregado,

movediço e instável, posto que nem sempre lhe cabe a legitimidade. A mistura é inerente à formação dessa língua, marcada pelos conflitos político-raciais, com as formas fonéticas marcantes da diferença de línguas que o constituíram. Mas são essas características que o ligam à sua história e aos processos de formação da língua portuguesa, caracterizada pela sua diversidade no Brasil.

Portanto, torna-se bastante visível, na forma, a interação que há, dos processos de variação e mudança, com a história que constitui o seu sujeito falante. Essas formas tornam bastante visíveis esses processos históricos, quando os itens lexicais mostram os resíduos indígenas e africanos que sobreviveram nesse falar. Aqui, pois, o estrutural com o seu material lingüístico complementam-se com o histórico, na abordagem crítica dos trabalhos lingüísticos, em que os elementos formais que compõem o discurso têm toda uma significação para se entenderem as condições que possibilitam a instauração da língua.

Desta forma, esta pesquisa científica tem papel fundante e fundamental no conhecimento dessa identidade histórica pela língua. É esse item cultural simbólico, por meio de sua forma, que dá significado a esses sujeitos nas relações sócio-culturais que os circundam e os explicitam.

2 SUPORTE TEÓRICO

“Foi u qü’elis chamaru di “Coluna Prestis” né? Coluna Prestis, us revoltosus qui andaru muito aqui im multus estadu (...) Ua força revolucionária qüi’elis chamavãu... agora eu num sei u significadu pu causa dessa... dessa, dessa saída delis num é? Pá saí assim todú mundu. Num sei u significadu. Elis quirium mudá u sistema di guvernu, quíriam instalá u... u sistema comunista, u socialismu, u comunismu no Brasil, ess’er’ intençãu” (Falante: Euzébio).

A linguagem é um sistema de signos do qual nos utilizamos para a transmissão das concepções políticas, históricas e sócio-culturais, dos conhecimentos e visão de mundo de cada povo. Ela é um desses sistemas compostos de signos que servem de maneira peculiar ao ser humano. Dela ele faz uso, conforme as necessidades de adequação de contexto.

Raimo Anttila (1989, p. 3-4) define a linguagem humana como um tipo de sistema de sinais que liga duas áreas do universo não lingüístico: o mundo real não-lingüístico ou mundo imaginado, que são as coisas sobre as quais falamos, e a outra, que são os sons físicos, como o barulho que é produzido pelos órgãos humanos da fala. É, pois, um sistema, ou seja, um mecanismo que conecta o significado ao som. Ele divide a língua em três subsistemas: (1) *semiológico*, que está conectado com o todo do mundo real; (2) uma seção central a que ele chama de *gramática*, que compreende a morfologia e a sintaxe; (3) e a *fonologia*, que completa a ponte de volta à parte do mundo real. Para ele a língua é um sistema de símbolos vocais arbitrários, pelos quais os membros de uma comunidade de fala (grupo social) cooperam e interagem uns com os outros.

Sapir, em sua célebre obra “A Linguagem”, (1980, p. 14) afirma que a linguagem “é um método puramente humano, não instintivo de comunicação de idéias, emoções e desejos, por meio de um sistema de símbolos voluntariamente produzidos”. Para ele, a linguagem “é constituída de uma ‘relação simbólica toda peculiar’²¹ – e fisiologicamente arbitrária – entre elementos da experiência e elementos fisiológicos”. Ele ressalta, como essência da linguagem, a capacidade em atribuir sons convencionais e voluntariamente articulados aos elementos de nossa experiência. Esse autor lembra que a universalidade e a diversidade da fala levam-nos a inferir que “a linguagem é uma herança imensamente antiga da raça humana, sejam ou não sejam todas as suas variantes desdobramentos históricos de uma única e pristina forma” (*op. cit.*, p. 24). Sapir inicia o capítulo “Língua, Raça e cultura”

²¹ Grifo do autor.

(*op. cit.*, p. 165), afirmando que “toda língua tem uma sede e que o povo que a fala pertence a uma raça ou a certo número de raças”.

Os etnólogos, antropólogos, lingüistas, léxico-estatísticos, glotologistas, instituições governamentais e não-governamentais diversas muito se têm interessado por cartografar as diversidades lingüísticas e mesmo as línguas do mundo. Entretanto, há possibilidade desses dados não representarem a situação real, tendo em vista a diversidade de conceitos para designar o que é uma língua e os critérios que são utilizados para a classificação delas.

De acordo com Brandão (1991, p. 6), “para o real conhecimento de um grupo humano, não basta pesquisar sua história, seus costumes ou o ambiente em que vive, é necessário observar a forma particular de ele representar a realidade que o circunda”. A respeito dessa interação da língua com a cultura e a história, essa autora (1991, p. 5) postula:

É por meio da língua que o homem expressa suas idéias, as idéias de sua geração, as idéias da comunidade a que pertence, as idéias de seu tempo. A todo instante, utiliza-a de acordo com uma tradição que lhe foi transmitida, e contribui para a sua renovação e constante transformação. Cada falante é, a um tempo, usuário e agente modificador de sua língua, nela imprimindo marcas geradas pelas novas situações com que se depara.

A esse respeito Câmara Jr.(1986, p. 87-88) afirma que “As línguas são produto da cultura para permitir a comunicação social. As mudanças na cultura determinam mudanças lingüísticas”. Com a concepção de língua como produto da cultura e de que esta, ao se modificar, acarreta mudanças lingüísticas, esse autor leva-nos a inferir o caráter de sucessividade dos estados da língua. O estabelecimento dessa noção reconhece que a dinamicidade da língua/sociedade se efetiva através do tempo, através dos fenômenos lingüísticos de variação e de mudança. A variação é a atualização desses processos lingüísticos e a mudança é resultante do processo de variação (LUCCHESI, 2004).

Posto que é a língua esse sistema²² convencional organizado de signos dos quais um determinado grupo social se utiliza, essa organização convencional da língua pressupõe determinadas subseções e essas têm suas unidades, como, por exemplo, a fonologia, que representa esse sistema e na qual ele está centralizado e tem como unidade o fonema; essas unidades possuem seus componentes. No caso, um fonema possui traços característicos que o distinguem de outro fonema. Esses dados só comprovam a sistematicidade da língua.

²² A concepção de sistema aqui é tomada de Dubois (1973, p. 560) ” no sentido de que, num nível dado (fonema, morfema, sintagma) ou mesmo numa classe dada, existe, entre os termos, um conjunto de relações que os liga uns aos outros, se bem que, se um dos termos se modificar, o *equilíbrio do sistema* fica afetado” .

A concepção de língua como sistema fundamenta-se na existência do signo lingüístico (que exprime idéia) constituído de duas partes: o significante e o significado. A relação desses dois elementos, ou seja, a união do conceito à imagem acústica gera o vocábulo com valor significativo (SAUSSURE, 1995). O signo ocupa, pois, posição central na organização sistemática da língua. Esta é marcada pela flexibilidade e adaptabilidade em sua dinâmica. Flexibilidade, pelas possibilidades que tem de receber as inovações que ocorrem dentro de seu próprio sistema interno, o qual se expressa, consubstanciando-se numa determinada forma, substância esta eminente da língua. Adaptabilidade, pela predisposição que tem esse sistema de ter adequadas as suas estruturas ao ambiente geográfico, temporal, social ou circunstancial, de conformidade com o que se lhe apresenta.

Essas modificações, conforme postulou Saussure (1995), são de caráter diacrônico, ocorridas ao longo do tempo, e de caráter sincrônico, mudanças que ocorrem no sistema da língua, sem levar em conta a passagem pelo tempo. Coseriu (1988) afirma que o equilíbrio da língua não é estável, mas precário, e que o investigador pode adotar tanto o ponto de vista sincrônico quanto o diacrônico, e continua dizendo que “Uma língua, no sentido corrente do termo (língua espanhola, língua francesa etc.) é por sua natureza um objeto histórico” (1988, p. 20), ao que acrescenta

Com efeito, assim como na sincronia não podemos comprovar a mudança, tampouco podemos comprovar nela a não-mudança, a imutabilidade. Para comprovar que um objeto qualquer não sofre modificação, deve-se observá-lo em dois momentos distintos, por conseguinte, ainda quando a língua fosse por sua natureza sincrônica, isto deveria ser comprovado pela diacronia (Idem, p. 25)²³.

Portanto, essa organização estrutural da língua sofre intervenção do sujeito falante, inserido num contexto histórico-lingüístico. A língua é, pois, inerente (e não autônoma) ao sujeito que a fala, influenciado, esse sujeito, pelo plano histórico e geográfico em que está inserido e pelas relações sociais que mantém em seu ambiente eco-lingüístico.

Percebemos cada vez mais a importância das relações entre sociedade, cultura história e linguagem, e o estabelecimento desse dialogismo, pelos lingüistas, fez surgir na década de sessenta uma nova orientação teórica do ramo da Lingüística: a Sociolingüística, a qual vem marcada pela heterogeneidade de correntes e orientações que procedem aos estudos das relações entre linguagem e sociedade. Uma das orientações teóricas associada à Lingüística Histórica, a Geografia Lingüística, apóia-se no pressuposto de que a pesquisa deve partir de um contacto mais direto com a comunidade lingüística, *i.e.*, a observação dos

²³ Tradução nossa.

fenômenos lingüísticos pressupõe uma comparação. Esta comparação pode ser feita tendo-se como parâmetro o tempo (método histórico comparativo) ou o espaço (método geográfico-comparativo). Segundo Basseto (2001: 70):

[...] a geografia lingüística se ocupa com a situação em que uma língua se encontra num determinado momento, em localidades ou em regiões previamente escolhidas. Não se utiliza de documentos escritos como objeto de sua pesquisa, mas investiga, sobretudo, a linguagem falada.

Este estudo é amplamente enriquecido, quando observamos outras variantes consideráveis. São elas a valorização das manifestações populares, através de seus usos, crenças, costumes, o estudo da influência das diferenças quanto à faixa etária, a situação econômica, grau de instrução, sexo e o processo migratório local e regional, na análise do processo de difusão lingüística e cultural que influenciam a língua. Esses aspectos geográficos são também bastante influenciadores no estudo da diversidade lingüística. Fala bem, pois, uma língua aquele que domina suas variedades, que considera as suas dimensões de flexibilidade e de adaptabilidade. Ou seja, transita por esse espaço que subjaz a diversidade lingüística, quer seja em seus aspectos temporais, quer seja nos espaciais, sociais, nas situações comunicativas diversas. Aí está a grande riqueza do sistema. Aí está a prova mais forte de grandeza da espiritualidade comunicativa de um falante.

Vista a definição de língua, surge, a necessidade de se refletir acerca do que é realmente um dialeto e o que são os falares; qual a unidade de medida usada para dimensioná-los; o que vai delimitar uma língua de um dialeto, um dialeto de um tipo de falar e quais as unidades básicas de referência para essa distinção. Na definição apresentada em Brandão (1991), o dialeto é um sistema singular divergente em relação a uma língua, mas sem forte diferenciação em relação a outros dialetos de uma mesma origem, que está situado num espaço geograficamente delimitado. Já os falares são apresentados como estruturas lingüísticas com pouca diferenciação em seus traços. Eles podem ser *regionais*, quando expressam as peculiaridades próprias de uma região, e *locais*, quando essas peculiaridades se referem a uma região, no entanto, com certos usos limitados a uma localidade administrativa.

Dois fatores parecem fundamentais nessa classificação: o número de falantes e a natureza dos espaços geográficos ou domínios²⁴, que são as áreas em que essas variedades diatópicas são usadas. A variação e conseqüente mudança nas línguas e nos dialetos estão ligadas, além desses fatores, a muitos outros. Dentre eles e talvez os mais fortes, os fatores

²⁴ Uma rica abordagem acerca de domínio como um ambiente lingüístico, em que são consideradas as relações de papéis, é feita por Fishman (1968), conforme as referências, na parte final deste trabalho.

externos, citados por Campell (2004, p. 316-317), como prestígio, estigma, capacidade de leitura, política educacional, decretos políticos, línguas de contato, como também as sanções contra esses dialetos minoritários considerados de menos prestígios, pressão social excludente e muitas vezes repressora.

As línguas nativas (indígenas), os dialetos e os falares (marginais) são inferiorizados e por isto mesmo impedem uma maior mobilidade social dos sujeitos que os falam, já que há uma determinação tácita para o dialeto padrão como domínio de fala em todas as instâncias institucionais. Esse fato desfavorece a manutenção desses dialetos, desses falares e das diversas línguas maternas, enfraquecendo a vitalidade deles. Isto leva a perdas internas estruturais com a crescente fusão dos sons das palavras, com a simplificação das estruturas e da necessidade de funcionalidade (CROWLEY, 2003). Além de que se devem considerar ameaçados quaisquer desses que estiverem em constante contato com outro tido como de maior prestígio. Percebe-se quão forte é o preconceito com essas variantes, à margem dos grandes centros no Brasil. As pressões internas e externas são enormes para essas variantes que são consideradas como de menos valia. Isso leva a uma crescente homogeneização da língua e conseqüente perda de itens culturais singulares, que são as línguas, os dialetos ou os falares, os quais enterram consigo uma gama de informações lingüísticas, culturais, históricas e ecológicas: perdas que representam sistemas e faltarão à luz da ciência da linguagem, com as suas respectivas formas e funções. Serão danos irreperáveis à intelectualidade ou, mais propriamente, ao conhecimento.

Todos esses conhecimentos ajudam a enriquecer um trabalho de Lingüística Histórica, e essa diversidade de conhecimentos é possibilitada, conforme já nos referimos antes, pelo dialogismo que há entre essa disciplina e outras compatíveis, como a Dialectologia e a Sociolingüística. No entanto, é necessário cuidar-se para que não se caia, conforme sugere Faraco (2005), na armadilha do ecletismo. Para isto, é necessário que se conheça mais as idéias filosóficas que permeiam essa disciplina.

2.1 Sobre o fazer da lingüística histórica

Para se promover o estudo científico das peculiaridades lingüísticas de uma região, ressaltando os fenômenos lingüístico-históricos de preservação, de mudança e de difusão, impreterivelmente há que se discorrer sobre os dados históricos que serviram de base

para essas transformações. Também devemos buscar a definição para alguns conceitos-chave, necessários à compreensão do assunto em estudo.

Primeiramente, apresentamos os inúmeros estudos lingüísticos desenvolvidos desde o séc. V a.C., com a gramática de Panini (descoberta no séc. XVIII), quando os indianos antigos estudavam a própria língua, para que não houvesse modificação nos textos bramânicos sagrados reunidos nos *Veda*; de Platão, Aristóteles, os gramáticos latinos, como Varrão, Quintiliano, Probus, a gramática de Port Royal, até os estudos comparativos. Esses estudos tradicionais estavam mais voltados para a linguagem escrita, sendo que a oralidade não era foco de tais abstrações.

O marco inicial para esses estudos lingüísticos de caráter histórico-comparativos, de acordo com Faraco (2005), foi o século XVIII, quando os intelectuais europeus, ao estudarem as civilizações antigas, demonstraram interesse pelo estudo do sânscrito em comparação com outras línguas clássicas, como o latim e o grego. Esse trabalho teve como pioneiro o inglês William Jones (1746-1794). Essa concepção comparativa postula que “as línguas humanas não constituem realidades estáticas; ao contrário, sua configuração estrutural se altera continuamente no tempo” (FARACO, 2005, p. 14).

Em 1808, Friedrich Schlegel lança o livro “Sobre a língua e a sabedoria dos hindus”, em que reforça a tese do parentesco entre línguas, apontada antes por William Jones. Dando seqüência a esse estudo comparativo, Franz Bopp lança a obra “Sobre o sistema de conjugação da língua sânscrita, em comparação com o da língua grega, latina, persa e germânica” em que demonstra o real parentesco entre essas línguas. Mas o marco que referenciou realmente o estudo comparativo foi o lançamento da “Gramática alemã”, de Jacob Grimm, onde apresentava as correspondências fonéticas ocorridas na língua alemã em decorrência da mutação do tempo.

Os aspectos históricos adjungidos ao comparativo geraram a disciplina do século XIX chamada Gramática Comparada. Dentro dessa área de estudo, uma área se especializou no estudo comparativo das línguas românicas, a chamada Filologia Românica que logrou muito êxito nesses estudos, e teve com Friedrich Diez um trabalho de destaque.

No final do século XIX, um grupo de estudiosos da Universidade de Leipzig passa a questionar a tendência que tinham os comparatistas de estudarem línguas que tinham caído em desuso, enquanto poderiam estudar as línguas atuais (ILARI, 1999). Este grupo estabeleceu um conjunto de leis que poderiam explicar de forma menos tradicional o fenômeno da mudança. Esses estudiosos receberam o nome de “neogramáticos”. Vários nomes que pertenceram a essa escola, como o de Osthoff e Brugmann, se destacam. Mas

dentre todos eles o franco-suíço Ferdinand de Saussure é que veio a dar a maior contribuição para a Lingüística, com um conjunto de postulados que fariam dela, realmente, uma ciência.

Com os postulados de Saussure²⁵ (1995), no início do século XX, o estudo da linguagem tem seu caráter científico reconhecido. Esse lingüista não se deteve especificamente aos estudos da linguagem e focalizou seus estudos na Lingüística da língua. Nesses estudos ignorou os aspectos históricos abordados pelos comparativistas e a abordagem dos neogramáticos, considerada por alguns estudiosos como “atomística”, e teve a concepção da língua como uma forma em que os elementos desta estão em estreita correlação, ou seja, “propôs os princípios da língua como estrutura” (LUCCHESI, 2004, p. 30). Segundo este autor, a aplicação desses princípios e o refinamento do método de Saussure fez originar a corrente de estudos lingüísticos conhecida como Estruturalismo. Nessa mesma época, um estudioso americano via a linguagem “como um sistema funcional completo que pertence à constituição psíquica ou espiritual do homem” (SAPIR, 1980, p. 16), um sistema auditivo, e considerou-a como meio perfeito de expressão e comunicação em todos os povos conhecidos. Ele via a língua como forma - estrutura profunda - (*Ibidem*, p. 15) e designava a fala como “sistema auditivo do simbolismo lingüístico, a corrente de palavras pronunciadas” (*Ibidem*, p. 27) com função significativa.

Enquanto isso, na primeira metade do século XX eram desenvolvidos aqui no Brasil os primeiros estudos lingüísticos, de forma historicista, seguindo a tradição desses estudos em Portugal, sob a égide de José Leite de Vasconcelos. Quase simultaneamente desenvolvia-se aqui uma nova perspectiva de estudos, chamada Lingüística Moderna ou Estruturalista, que seguia os postulados de Ferdinand de Saussure, guiados esses estudos pelo grande mestre Joaquim Mattoso Câmara Jr.. Seguiram-se a Câmara Jr. outros estudos voltados para a Lingüística filológica, como os de Antenor Nascentes, de Sousa da Silveira e de Serafim da Silva Neto.

A partir dos anos de 1960, as orientações que percebem a língua social, geográfica e historicamente contextualizada encontram cada vez mais novos lingüistas como adeptos, principalmente em virtude do novo tratamento que esses estudos possibilitaram, indo de encontro à Dialetoлогия no Brasil. Nessa linha de pesquisa diversos trabalhos vêm sendo desenvolvidos, desde o “Atlas prévio dos falares baianos”, do pioneiro Nelson Rossi, aos diversos atlas e pesquisas similares regionais. Recentemente muitos estudos vêm sendo desenvolvidos no âmbito da Lingüística Histórica, desde Fernando Tarallo a Antonio Houaiss,

²⁵ Esses postulados estão presentes na obra “Cours de Linguistique Générale”, lançada em 1916.

Dante Lucchesi, Rosa Virgínia de Mattos e Silva e outros autores de não menos importância. Ressaltemos os trabalhos de Charlotte Galves e Bernadette Abaurre em que “inter-relacionam a mudança sintática e fonológica, centrando-se em mudanças prosódicas” (SILVA, 1999, p. 159) e Gladys Massini-Cagliari, “sobre o acento e o ritmo no português arcaico, no quadro das teorias métrica e prosódica” (*Ibidem*, p. 160). Além desses, há uma série de novos autores e trabalhos que apontam surpreendentes perspectivas com orientações da Linguística Histórica.

Posto isso, devemos deixar clara, dentro das possibilidades de informações, a contribuição dessas novas teorias para a Linguística Histórica. No entanto, no que tange à necessidade de se observarem as renovações que ora ocorrem em relação a esses estudos, não devemos nos esquecer da grande contribuição que os estudos tradicionais têm legado a essa disciplina. Ou seja, deve-se evitar o reducionismo e atentar para uma abordagem que associe essa análise estrutural (sincrônica) e a história que envolve a mudança (diacronia).

2.2 A questão dialética sincronia e diacronia

A fundação da linguística como ciência foi marcada pela doutrina saussuriana, de caráter dicotômico, que menciona várias oposições, dentre elas a contribuição conhecida por sincronia - descrição de um estágio da língua num determinado momento: “simples expressão de uma ordem vigente, a lei sincrônica comprova um estado de coisas; ela é da mesma natureza da que comprova que as árvores de um bosque estão dispostas em xadrez”, (SAUSSURE, 1995, p.109). A diacronia considera as evoluções que as línguas sofrem com o passar do tempo: “A diacronia supõe, ao contrário, um fator dinâmico, pelo qual um efeito é produzido, uma coisa executada” (*op. cit.*, p. 109).

Entretanto, os ensinamentos de Saussure, a despeito das considerações diacrônicas, valorizaram bem mais os estudos sincrônicos, o que lhe rendeu *ipso facto* significantes críticas, dentre essas, as do linguísta Eugênio Coseriu, que afirma que as línguas se constituem de formas atuais, de formas que vão caindo em desuso e de formas em estado nascentes. Segundo Ilari (2004, p. 81):

Para Coseriu, a possibilidade de delimitar uma sincronia é até certo ponto, uma ficção, pois a todo o momento, em qualquer língua, convivem mecanismos gramaticais e recursos lexicais que são fruto de diferentes momentos da história. O velho convive com o novo, e é essa convivência de fragmentos de velhos sistemas

com fragmentos de novos sistemas que caracteriza um estado de língua dado. Por isso, diz Coseriu, o lingüista estará lidando o tempo todo com “pancronias”²⁶.

Outros conceitos transitam por entre essa (bi) taxonomia: os de fatores internos e externos; os de mudança e sistema, os de língua estática e dinâmica, os quais simbolizam as duas vertentes de estudo que os polarizam, tendo como ápice a discussão sincrônica vs. diacrônica. Saussure reconheceu a imutabilidade do sistema, em que o estado “estático” é eminentemente da língua.

Discordando deste ponto de vista, Coseriu (1988, p. 14) afirma que a antonimia sincronia-diacronia não pertence ao plano do objeto investigado - neste caso a língua - e sim ao plano do processo investigativo, ou seja, à lingüística. E, às vezes, há certa confusão quanto a esta idéia de pertencimento. Ele afirma que não há contradição entre o sistema e a historicidade, posto que a historicidade postula a sistematicidade da língua, e que esta antonimia só será superada na história e pela história. Ele cita que os estruturalistas não negam que a língua na realidade se modifica. Só que ele procura adequar essa idéia estruturalista de língua, a qual está ligada a uma língua abstrata, e a língua que se modifica, que é “la lengua real em su existir concreto” (*Ibidem*, p. 17). Ou seja, ao classificar diacronia-sincronia, Saussure coloca-se numa posição de quem descreve e põe-se num determinado estado de observação, conforme o faz com a sua metáfora da partida de xadrez. E essa postura é explicada sabiamente por Coseriu com uma analogia acerca da percepção que os falantes têm quando falam sobre certos elementos mais velhos, mas que não os percebem como tais quando os utilizam na própria fala. E comenta: “Na verdade o equilíbrio da língua não é estável, mas precário, e o investigado pode adotar alternativamente, e adota os dois pontos de vista, o sincrônico e o diacrônico” (*Ibidem*, p. 19).

Demonstrou, pois, Saussure, a importância e a antonimia da língua, por uma projeção sincrônica e descuro da diacrônica e da continuidade da língua através do tempo “reduzindo, desta maneira, a língua a um estado de língua”²⁷, para o que esquematiza: “língua = estado de língua = projeção sincrônica” (*op. cit.*, p. 24). Este autor reforça que, para se comprovar que determinado objeto não se modifica, deve-se observar esse mesmo objeto em dois momentos distintos, pois a observação, num só momento, não pode dar conta da possibilidade de mudança, e este fato, portanto, só seria realmente comprovado por meio da diacronia. Afirma, ainda, Coseriu que Hugo Schuchardt afirmou que Saussure teria introduzido na lingüística um termo paralelo ao que usara Augusto Comte na distinção da

²⁶ Segundo Lopes (1997, p. 76) a origem desse termo deve-se a Walter von Wartburg e Pagliaro.

²⁷ Grifo do autor.

sociologia em “estática” e “dinâmica”. Coseriu continua sua crítica a Saussure pelo fato de este ter desdenhado da diacronia, taxando-a de “atomística”, a qual não teria um fim em si mesma. Ele contesta ao afirmar que o fato de Saussure destacar a importância da sincronia não implicaria uma diminuição da diacronia, “pois o que se descreve é sempre a atualidade de uma tradição” (COSERIU, 1988, p. 26). Este ressalta, ainda, a complementaridade da descrição, da história e da teoria. Portanto, deixa claro que a sincronia e a diacronia não pertencem à teoria da linguagem ou da língua, mas à teoria da lingüística, por ser apenas um modo de “ser” da descrição, ou melhor, um tipo de descrição perceptiva da língua. Coseriu, afirma, enfim, que todo estado de língua é uma reconstrução de outro estado anterior da língua, e que a mudança na língua só é mudança em virtude de uma língua anterior, que esta é cristalizada na língua atual, o que se configura como uma “quebra”, uma “descontinuidade”²⁸ (*Ibidem*, p. 28) da própria mudança, em referência ao passado, e nesse processo de atualização, a mudança é uma continuação em relação ao futuro.

Este autor consegue refutar essa teoria antonímica de Saussure já bastante estabelecida, sem, no entanto, menosprezar a importância que teve o grande mestre do estruturalismo para a história da lingüística. Antes, ele ressalta a importância da mudança como essencial e intrínseca à língua, fato que fundamenta esta pesquisa, em virtude do caráter pancrônico da mesma.

2.3 A Lingüística Histórica e a mudança nas línguas

Já afirmamos, anteriormente, que o objetivo da Lingüística Histórica, também conhecida como Lingüística Diacrônica, é o estudo da mudança nas línguas ocorrida com o tempo. Parece mesmo haver unanimidade quanto a essa afirmação. Campbell (2004) diz que se perguntássemos aos lingüistas por que motivo estudam a mudança nas línguas, eles citariam, que dentre as diferentes razões, é divertido, interessante e intelectualmente estimulante, que esta área envolve alguns dos assuntos mais interessantes na lingüística, além da importante contribuição à Lingüística teórica e ao entendimento da natureza humana. Esse entendimento acerca da mudança potencializa o estudante com um conhecimento bem mais amplo para além da língua. Esse autor (*op. cit.*, p. 4) cita as várias possibilidades de estudar diacronicamente as línguas, como estudar a mudança na história de uma língua, o que se

²⁸ Grifo do autor.

denomina Filologia; o estudo das mudanças reveladas na comparação de línguas relacionadas/aparentadas, chamada de Lingüística Comparativa, ou seja, a Lingüística Comparativa, segundo ele, está no âmbito da Lingüística Histórica. Campbell (2004, p. 4-5) afirma que hoje a Lingüística Histórica dedica-se ao estudo de como e por que as línguas mudam, aos tipos de mudanças, aos métodos de investigação, que são utilizados para reconhecer essas mudanças (de som, lexical, gramatical e semântica) e ainda às teorias que explicam tais mudanças, todas essas linhas que são de fundamental importância para este campo da lingüística.

Anttila (1989) liga o estudo da variação de uma língua à Dialectologia, a qual está dividida em dois tipos principais: a geografia dialetal e a variação social. A geografia dialetal é particularmente importante para a Lingüística Comparativa como a variação social o é para a Lingüística Histórica, ambas as variações são extremamente importantes para o entendimento da mudança e estão bastante entrelaçadas. Ele acrescenta que frequentemente certos tópicos serão apresentados em vários contextos de pesquisa, e isso se faz necessário em virtude da intersecção das várias áreas de conhecimento da língua. Afirma, ainda, que o fato de haver apresentação de um tópico em dois contextos não é fragmentação e sim unidade nos campos de intersecção da lingüística. Isso torna a lingüística tanto mais interessante.

Nessas diferenças dialetais há um mesmo sistema subjacente para a língua – entrada (*input*) - e ocorrem as variações na superfície da língua – saída (*output*) - o que faz com que todos os falantes de uma mesma língua, apesar das variedades dialetais, se compreendam mutuamente. Este e demais autores (FARACO, 2005; CROWLEY, 2003, e outros) classificam essas mudanças estruturais na organização do sistema, ao longo do tempo, como a “história interna” da língua.

Anttila (1989) afirma que as comunidades de fala apresentam variação sistemática na camada social, tais como ocupação, conhecimento étnico, idade, sexo e contexto social (estilo ou registro). Essas comunidades apresentam a variedade conversacional normal de fala. Acima desta, há uma variedade conversacional formal e, abaixo, uma variedade que representa um sub-padrão. Ele assinala que esses fatores interferem na língua usual do falante. Portanto, fica clara a intersecção que há entre os fatores sócio-históricos e estruturais, no processo de constituição da língua. Todo esse contexto histórico, social, econômico e cultural forma a “história externa” da língua e, por conseguinte, flui na descrição gramatical dela. Esta descrição, por mais técnica que seja, não irá retratar uma realidade absoluta da língua e essa variação aparecerá na superfície, por meio dos sons, na morfologia, na sintaxe e na semântica.

A variação e a mudança estão bastante inter-relacionadas, e é a partir da variação que ocorre a mudança. Aliás, a variação já representa o início da mudança no sistema da língua.

Afirma, ainda, Anttila (1989) que o prestígio de um dialeto está diretamente ligado ao prestígio cultural da região, e este, conseguintemente, está ligado ao seu poder econômico. Daí a contextualização social da língua. As mudanças podem designar prestígio a uma nova variante. Temos, para exemplificar a afirmação dele, os falares do dialeto rural de pessoas idosas, geralmente de caráter conservador, os quais, com a morte dessas, vão perdendo, progressivamente, suas características peculiares, enquanto outras estruturas se renovam e alcançam, com o tempo, determinado prestígio. Portanto, o desaparecimento de uma variante pode significar o surgimento de outra variante nas interações sociais e este processo é dinâmico, ou seja, a “mudança contínua” é o que ocasiona a “regularidade da mudança”. Este processo de mudança de variantes de uma mesma língua ou de uma língua para outra ocorre, entretanto, de forma gradativa, conforme discorre Faraco (2005), e ainda “lenta e gradualmente”, daí o caráter eminentemente histórico da mudança.

Aqui ressaltamos o caráter fértil da mudança e tomando como base o princípio de valoração das variedades de fala, a variante sertaneja é considerada de menor prestígio, exatamente pelo afastamento dessas comunidades dos domínios de maior poder econômico e político. Isso gera a estigmatização de determinadas comunidades e o confronto entre elas.

Já falamos do caráter social da língua, inter-relacionada com os aspectos econômicos, sociais e culturais dos falantes, o que deixam claro os sociolinguistas, os quais afirmam que a mudança emerge condicionada pelo caráter heterogêneo do sistema da língua. A esse respeito Lucchesi (2004, p. 198) postula que “ao integrar, na concepção de língua como sistema heterogêneo, estrutura e mudança, a sociolinguística busca construir uma representação teórica do fenômeno lingüístico que articule as suas dimensões estruturais e históricas”.

Esta seria, segundo Lucchesi (2004), uma tentativa da sociolinguística de tornar-se o modelo padrão para as pesquisas da lingüística contemporânea, em tempos em que o Estruturalismo é superado dentro de suas próprias correntes, como pelo Gerativismo e também pela Sociolinguística, pela impossibilidade do Estruturalismo, em momentos atuais, de dar conta da língua, como um sistema homogêneo em sua estrutura, dispensando a dimensão sócio-histórica da mudança nos fenômenos lingüísticos.

Lyons (1987, p.170), retomando os princípios da Lingüística Histórica, afirma que “a mudança lingüística é universal, contínua, e consideravelmente regular”, tratando do fato natural que é a mudança a que todas as línguas vivas estão sujeitas ao longo de sua história.

Muitos, pois, são os fatores que promovem essa mudança, como a “difusão, a convergência e a divergência cultural, a migração, mudanças fonéticas naturais, a analogia, o empréstimo” (1987). Ele lembra que isso ocorre mais rapidamente em alguns períodos que em outros, o que torna os fatos sócio-históricos fundantes desse processo de maior ou menor celeridade da mudança.

Finalmente, a mudança é a base da análise que é efetuada por meio do método comparativo, sobre o qual discorreremos a seguir.

2.4 O método histórico-comparativo

Uma grande contribuição inicial à Lingüística foi dada pela criação de um método de estudo específico, pelo alemão Franz Bopp, denominado método histórico-comparativo, em sua obra “Sobre o sistema de conjugação da língua sânscrita em comparação com o da língua grega, latina, persa e germânica”. Segundo Lyons (1992, p. 192), “*It rests upon the fact that many of the most obviously related words across languages can be put into systematic correspondence in terms of their phonological and morphological structure*”²⁹.

Basseto (2001) explica que esse método antes usado por Bopp no estudo das línguas indo-européias e por Jakob Grimm no estudo das línguas germânicas, teve em Friedrich Diez um dos estudiosos que obtiveram grandes resultados no estudo das línguas românicas. Renzi (1982) afirma que

A primeira geração de alunos diretos e indiretos de Friedrich Diez está constituída por Gaston Paris e Paul Meyer na França, pelo italiano Adolfo Mussafia na Áustria; pelo suíço Adolf Tobler, o alemão Karl Bartsch, etc.: homens de interesse e estilos diversos, porém todos, em primeiro lugar, propagadores do método histórico-comparativo³⁰.

Câmara Jr. (1998, p.7) afirma a necessidade de uso da gramática comparativa para o confronto de línguas e depreensão da origem de uma língua, como também para desenvolver o estudo das mudanças de uma língua ou de um grupo de línguas, ao longo do tempo, conforme assinala em seguida:

²⁹ Este método baseia-se no fato de que a maioria das palavras relacionadas mais obviamente através das línguas podem ser dispostas em correspondência sistemática em termos de sua estrutura fonológica e morfológica. (Tradução do inglês de Marilda Winkler Averbug e Clarisse Sieckenius de Sousa).

³⁰ Tradução nossa.

A lingüística, como ciência autônoma, começou nos princípios do século XIX com a chamada gramática comparativa, ou comparada, que é uma técnica de confrontação entre línguas de origem comum, para depreender o estado originário, ou protolíngua, de que elas emergiram. Daí, em seguida, se desenvolveu um enfoque histórico das línguas, para acompanhar-lhes as mudanças através dos tempos e estabelecer leis, mais ou menos universais, ou privativas de uma língua ou um grupo de línguas, a respeito da maneira por que essas mudanças se dão.

Os autores Tarallo (1990), Anttila (1989), Campbell (2006), Crowley (2003), Coseriu (1988), Faraco (2005) e Lucchesi (2004) mostram a necessidade de se operar com um conjunto de formas correspondentes e, no caso de uma análise fonêmica, de observar o condicionamento fonético/fonêmico das variantes (ANTILLA, 1989). Este autor afirma que esse método domina a Gramática Comparativa e é complementar a outros métodos, e que ele pode ser usado no estudo da reconstrução lingüística, como também para indicar o parentesco lingüístico, e tem sido usado por falantes para lidar com diferentes dialetos. Ilari (1999) afirma que o campo em que o método comparativo proporcionou os resultados mais sistemáticos foi o da fonética, não logrando os mesmos resultados nos campos da morfologia e da sintaxe, em virtude da complexidade na manipulação dos dados para esses campos.

Benveniste (2005, p. 21) afirma a vinculação do embasamento teórico da constituição do método histórico comparativo à Gramática Comparada, sobre o que ele discorre:

Elabora-se a lingüística dentro dos quadros da gramática comparada, com métodos que se tornam cada vez mais rigorosos, à medida que achados ou decifrações favorizam essa ciência nova com afirmações do seu princípio e acrescências no seu domínio. A obra realizada no decurso de um século é ampla e bela. O método experimentado sobre o domínio indo-europeu tornou-se exemplar.

Tomando como princípio esta filiação teórica – a Gramática Comparada no âmbito da Lingüística Histórica - para com ela firmar esse compromisso, esse método de estudo foi escolhido dentro desse quadro teórico, por sustentar as pesquisas concernentes a essa área da Lingüística. Sobre isso Weedwood (2002, p. 103) afirma que “se preocupa com a reconstrução de uma língua mais antiga ou de estágios mais antigos de uma língua com base na comparação das palavras e expressões aparentadas em diferentes línguas ou dialetos derivados dela”.

Finalmente Faraco (2005) atribui a viabilidade desse método à sistematicidade de relações das línguas aparentadas, através das semelhanças fonéticas e lexicais dos itens cognatos, em virtude da regularidade do processo da mudança, ou seja, há realmente sistematicidade estrutural entre os elementos gramaticais dessas línguas aparentadas. Também

afirma os bons resultados do método quando aplicado tanto aos registros escritos quanto a situações em que é utilizada a reconstrução. Segundo ele, “fica impossível qualquer estudo histórico de línguas ou de fases da história duma família ou subfamília de línguas para as quais não há documentação escrita” (2005, p. 123).

Unânime, pois, é o posicionamento dos lingüistas quanto à importância da aplicação desse método nos estudos que envolvem a mudança, o que justifica o uso dele neste trabalho.

2.5 Sobre a formação do português do Brasil

O fato central no estudo da formação do português do Brasil é o processo sócio-histórico de instauração dessa língua e de suas variantes nesta sociedade.

A partir do século XVI, ciclo dos descobrimentos, os portugueses começaram a vir para o Brasil cada vez em maior quantidade, trazendo consigo a língua, a qual naquela época já tinha estatuto de língua nacional. Com a implantação do sistema de capitanias hereditárias, de governo geral, da divisão do território brasileiro nos estados do Brasil e do Maranhão e Grão-Pará, do sistema de sesmarias - entre os séculos XVI e XVII, com uma colonização eminentemente lusitana - e das autorizações das entradas, bandeiras, reduções e minerações - entre os séculos XVII e XIX, ocorre a consolidação da colonização portuguesa e do uso dessa língua.

Ao mesmo tempo houve um processo de redução das nações indígenas, através de um devassamento, com “lutas etnocidas – matadores de culturas – e glotocidas – matadores de línguas -, em que foram atores brancos, índios e negros” (HOUAISS, 1992, p. 47). No final do século XVIII, no nosso território legal havia cerca de 500 mil brancos e livres, 500 mil índios bravios, 500 mil mestiços e 1 milhão de negros escravos. Em meados do século XIX havia cerca de 1,5 milhão de brancos, 1,8 milhão de mestiços e ex-índios, 1,5 milhão de negros e 200 a 300 mil índios bravios. Esses dados comprovam uma verdadeira dizimação das nações indígenas, com celebrações de tratados com os povos mais pacíficos e o rompimento de acordos celebrados quando isso convinha aos colonizadores. Cabral (1992) cita que a tribo dos Amanajó, que habitava às margens do rio Parnaíba, mostrou-se muito acessível nas relações ao chegarem os primeiros criadores de gado, chegando a ajudá-los na instalação dos currais e a oferecer-lhes alimentos de suas roças. Eles trabalhavam gratuitamente para os conquistadores, forneciam-lhes mandioca, milho, inhame, batatas, macaxeira, bananas e mais produções de suas roças. Muitas vezes esse tipo de hospitalidade não foi reconhecida.

No decorrer dessa história tem papel muito importante a formação de uma língua geral (línguas gerais) tupi e amazônica, geralmente com características de um grupo de línguas, que servia para a intercomunicação entre esses grupos e que, até meados do século XIX, foi bastante falada, inclusive pelos portugueses. Devemos a emergência dessa língua geral ao trabalho catequético dos jesuítas, interessados na disseminação do catolicismo. Para isto, entenderam a importância de trabalhar uma língua que tivesse características etimológicas, morfológicas, semânticas, sintáticas comuns a vários outros conjuntos de línguas, posto que viram ser impossível exercerem o ensino religioso numa língua de cultura européia. Reconheceram, portanto, a necessidade de codificarem a gramática dessa língua geral para o próprio uso e de seus catequizados.

Quanto à participação dos escravos africanos nesse processo, houve grandes investimentos no tráfico negreiro, nos séculos XVI a meados do século XIX, com diversos objetivos, dentre eles a utilização deles nos trabalhos domésticos, na lavoura interna e de exportação, em virtude da rebeldia indígena. Foram três séculos de uso e abuso da mão-de-obra escrava. Os movimentos contra a escravidão, nos fins do séc. XVIII e primeira metade do séc. XIX não tornaram menos intensa a importação desses escravos e é na primeira metade do séc. XIX que o maior número de negros chega ao Brasil. Houaiss (1992) representa a estimativa do ano de 1800, de 3 milhões de habitantes, em que 1,5 milhão seriam negros; ou seja, em 1600 seriam 30% da população; em 1700, 40%; em 1800, 50% e em 1850, 33% da população do país.

No séc. XIX já havia uma língua de base tupi para estabelecer a comunicação entre tribos indígenas e os portugueses e as entradas se utilizavam dos “línguas” (pessoas bilíngües, que falavam o português e que conheciam a língua geral) para o estabelecimento dessa comunicação. Aborígenes, escravos e portugueses praticam intensivamente o uso da língua geral. Em relação a esse quadro, houve um aumento de imigração portuguesa e, conseqüentemente, da língua que seus falantes usavam, ao mesmo tempo em que haviam intensificado o uso da língua geral desde o séc. XVII. Desta forma, os negros não deviam usar a própria língua, utilizando-se da língua geral. Embora com presença tão significativa, como é a dos africanos, a essa presença não corresponde o que era de se esperar, em virtude dos apagamentos que foram feitos na história cultural e lingüística desse povo. No séc. XIX (1819) havia, conforme Houaiss (*op. cit.*), 1.707.389 escravos, 800.000 índios e 2.488.743 livres. O Maranhão era o estado com a maior porcentagem, de 200.000 habitantes, 66,6% eram escravos, os quais haviam sido recrutados para a produção do algodão. Em seguida, vinha o estado de Goiás, em que de 63.164 habitantes, 42,5 % eram escravos e trabalhavam

na mineração. No entanto, esse quadro era temporal, pois a economia dependia do trabalho deles e eram requisitados de acordo com a necessidade de mão-de-obra. No auge da mineração, houve um grande fluxo da população escrava para o estado de Minas Gerais, praticamente esvaziando outros estados da mão-de-obra negra masculina, fluxo esse semelhante ao que ocorrera no Maranhão com o ciclo do algodão.

A predominância crescente do português foi marcada por situações de convivência social e lingüística nem sempre pacífica, mas, em sua maioria, por lutas que resultaram na consolidação dessa língua, em detrimento das línguas faladas pelas demais etnias. O processo era glotocida – matador das línguas africanas (HOUAISS, 1992), posto que ao chegarem neste território fossem separados de suas famílias e de seus grupos étnicos. Nos quilombos, em que habitavam negros, mestiços e índios, a língua geral era de base tupi e os grupos falantes de língua africana só ressurgem no séc. XIX.

Essa mistura de tantas línguas ao português brasileiro deu-lhe desde o séc. XIX características específicas de uma língua comum e ao mesmo tempo caracterizada pelos vários dialetos regionais. Acrescentemos a essa diversidade a chegada, nessa mesma época, de imigrantes de vários continentes.

Se não herdamos o que era devido em se tratando da língua dos escravos africanos, entretanto, a herança cultural que nos legaram através das crenças, costumes, hábitos, festividades, é muito rica, além do que, pesou sobre essa gente a tarefa produtora e criadora de riquezas nesses séculos passados. No entanto, itens culturais negros como a música, a culinária, a religiosidade, os costumes e crenças persistem fortemente em nossa cultura.

Vale lembrar, conforme o faz Houaiss (*op. cit.*), que todas essas vicissitudes (territoriais, os contatos, interferências, mesclas, lutas, guerras, influências culturais) fazem parte de uma das faces da história ligada aos fatos da linguagem, a história externa da língua que é a própria história de seus usuários. Essa história é tão dinâmica quanto o é a própria língua, posto que nessa transplantação e nesse confronto de línguas, essas iam se influenciando e se modificando no vocabulário vivo, na pronúncia (ritmo, cadência, melodia), no universo estilístico. Portanto, é inconcebível ignorar-se a importância desse processo histórico já que ele é o próprio processo de formação da língua.

3 METODOLOGIA

“U povu tēi um foli “lá nu anu du piqui é anu bom di buriti, é anu bom di chuva”. Nãu si basea nãw, qui us segredu di Deur ninguéi sabi; qui el..., qui eli dissi qui quandu u povu quisé sabê mar du que eli, eli mudava us tempu. Há tempu qui já mudô. Negor tá tudu diferenti. Vamu prantá só di Janeru im vantí qui aí é terra seca, é chapada, é carrascu. É só í. Prant’u arroiz ligêru, qui agora im janêru, du dia trinta di janeru...janeru, fevereru, marçu, abril, maiu, tá gãí, tá gãí” (Falante: Amendoim).

A Lingüística Histórica tem se atualizado - diferentemente do que se pode imaginar logo nos primeiros contatos com essa disciplina - de um estudo comparativo inicial a um novo modelo teórico-metodológico. Esse modelo vem criando mecanismos de pesquisa que se aplicam à língua, considerando-a como uma estrutura e observando essa estrutura a partir de uma perspectiva sincrônica, não descurando dos ensinamentos do mestre genebrino. Então é adjungida a essa análise a contextualização dinâmica da língua – a perspectiva diacrônica – o que nos leva a considerar todo um processo de historicização e de socialização desse sistema e, conseqüentemente, de seu usuário.

Esta tão vasta dimensão de conhecimentos que abarca a Lingüística Histórica, faz dela uma corrente de estudos bastante produtiva e ao mesmo tempo complexa para a Lingüística, pois para a realização de uma pesquisa nessa área necessita-se de conhecimentos linguístico-históricos da constituição da língua, como também de uma contextualização do seu sujeito falante. Essa diversidade teórica - aqui ressaltamos a diversidade na acepção de um conjunto composto por conhecimentos diversos, que convergem para a construção dessa teoria - é bastante salutar para o escopo da ciência lingüística. Isto, por ela abarcar áreas compatíveis como a sociolingüística e a dialetologia, as quais se associam mutuamente para considerar o contexto que envolve seu objeto de estudo.

Desta forma, associamo-nos às orientações da eminente professora Rosa Virgínia de Mattos e Silva (1999), a qual se respalda nos “Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística” e nos estudos clássicos de Eugêniu Coseriu “Sincronia, diacronia e história” para propor, a par dos conceitos tradicionais de Lingüística Histórica, os conceitos de Lingüística Histórica *lato sensu* “que inclui descrições e interpretações sincrônicas datadas e localizadas” e Lingüística Histórica *stricto sensu* “ que se concentra na mudança lingüística no tempo, levando em consideração fatores intralingüísticos e estruturais e fatores extralingüísticos ou sócio-históricos”, e ainda Lingüística Diacrônica “que , tratando da

mudança no tempo, se concentra no sistema ou na gramática, depreensões teóricas que subjazem às línguas históricas” (SILVA, 1999, p. 151).

Faraco (2005) presenteia-nos com uma espécie de *Vade Mecum* para a construção do trabalho de lingüística, a obra “Lingüística Histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas”, em que ele chama a atenção para a necessidade dos pesquisadores dominarem os conceitos, os métodos e as bases filosóficas que são pré-requisitos para a execução de um trabalho de pesquisa histórica; aconselha-nos a que façamos um recorte da realidade lingüística; que tenhamos clareza quanto às nossas opções epistemológicas; quanto às categorias e procedimentos analíticos; e que tenhamos um sistema de argumentação com os quais possamos sustentar nossas hipóteses, como ele reforça: “amadurecer a capacidade de trabalhar dentro de um sistema teórico, conhecendo seus fundamentos empíricos, seus pressupostos filosóficos, seus métodos e sua localização no conjunto da história da disciplina” (FARACO, p. 94) e ainda: “ter, pois, clareza quanto à concepção de linguagem de cada orientação teórica é um dos fundamentos para se entender as suas diferenças e, principalmente, para direcionar nossas opções iniciais” (*op. cit.*, p. 103).

A importância de um método que integre a história interna e externa da língua, ou seja, o encaixamento estrutural e social dela, conforme sugere Faraco (2005), caracteriza a valorização da heterogeneidade dessa, ao se admitir a língua como um sistema que está vinculado aos fatores sociais, culturais e históricos, e, conforme esse autor (*op. cit.*, p. 103), “trata-se de uma dinâmica intimamente correlacionada com as atividades dos falantes, isto é, as mudanças emergem da realidade lingüística heterogênea que está ligada à heterogeneidade social, histórica, cultural de seus falantes”. A possibilidade de se estudar os fenômenos não isoladamente, mas com o conjunto desses fatores que contextualizam a língua, faz-nos considerar o falante como um ser social, inserido numa comunidade de fala.

Após todas essas reflexões, optamos pela Linguística Histórica *stricto sensu*, a qual se concentra na mudança lingüística, através do tempo, e considera os fatores intralingüísticos e estruturais e fatores extralingüísticos ou sócio-históricos (SILVA, 1999) e pela metodologia por Faraco (*op. cit.*) chamada de *segunda via*, em que partimos do estudo da variação sincrônica atual do falar sertanejo, para só então ir comparando esses resultados com os dados resultantes da perspectiva histórica - Antilla ressalta que o estudo da variedade sincrônica dialetal deve ser tratado pelo mesmo método, pelo qual são tratadas as línguas relacionadas - descrevemos os sons das vogais nesses falares e, a partir dessa análise, tentamos responder ao seguinte questionamento:

- Quais os caracteres lingüísticos peculiares que ocorrem nos sons vocálicos da linguagem oral dos falantes naturais (sertanejos) da zona rural de Balsas-MA?

Para responder ao questionamento deste trabalho descritivo de análise da variante do português falado na zona rural da região de Balsas, seguimos os procedimentos metodológicos dando ênfase aos ensinamentos da Lingüística Histórica. Os pressupostos da fonética/fonologia são pré-requisitos para um trabalho que se pretenda fazer, seguindo essas orientações. Esses fundamentos fonético-fonológicos são explicitados na medida em que vamos depreendendo os fenômenos, no ato da análise. Para isso, baseamo-nos nos ensinamentos desde os estudiosos do estruturalismo, e, posteriormente, nos do grande mestre Câmara Jr., aos ensinamentos de autores atuais, como Bisol, Collischonn, Battisti e tantos outros que estão registrados nas referências bibliográficas. Iniciamos, pois, a descrever o método de análise, conforme a seguir.

3.1 O método de análise

Neste trabalho descritivo-analítico do aspecto das vogais do falar da zona rural da região de Balsas-MA, obedecemos aos seguintes procedimentos metodológicos: i) primeiramente é usada a metodologia estruturalista de análise, baseada na abordagem fonêmica de Kenneth Lee Pike (*apud* CAGLIARI, 2002), por meio da análise distribucional. Partimos, pois, da análise dos dados apresentados foneticamente pelo falante, para então procedermos à interpretação fonológica desses; ii) a partir desse processo de abstração, procedemos a um cruzamento desses resultados do português falado na região pesquisada com a descrição fonético-fonológica do português histórico, através da análise realizada por estudiosos da fase histórica da língua portuguesa, mais especificamente do português histórico, cuja base metodológica é a do método histórico-comparativo, a que Weedwood (2002) se referia como eficiente, para tratar de estágios mais antigos de línguas ou de dialetos delas derivados com base na comparação de palavras – neste caso uma variante sertaneja com o português histórico.

Esse método, com seus respectivos procedimentos, são bastante interpretativos, o que os caracteriza como uma pesquisa qualitativa. Conforme Johnstone (2002), não há pesquisa nem exclusivamente qualitativa, nem exclusivamente quantitativa, mas há um pouco de ambos os procedimentos, tanto numa quanto na outra modalidade. Essa autora afirma o caráter interpretativo que possuem as pesquisas sociolingüísticas de caráter dialetológico,

sociológico ou lingüístico-histórico, posto que elas sempre necessitam de uma interpretação para lidar com os dados, quer seja ao lidar com números, quer ao lidar com determinados eventos, já que um grupo de dados ou eventos são apenas isso em si mesmo, só passando a serem relevantes, após serem interpretados, o que significa que a análise é sempre necessária para interpretar os dados, além de que sempre haverá uma contagem explícita ou implícita de dados. A forma de resposta a essas análises, se mecânica ou não, é o que distinguirá a abordagem quantitativa da qualitativa. A análise qualitativa ajuda, pois, a responder como e por que determinadas coisas ocorrem, por meio da interpretação e da descrição do conjunto que institui essas ocorrências.

Posto isto, acrescentamos que nos baseamos na estratégia adotada por Almeida (2005), no artigo “Ecos fonético-fonológicos no falar cuiabano”. Fazemos, portanto, um cruzamento de forma comparativa, numa visão bidimensional, dos aspectos fonético-fonológicos das vogais do dialeto da região de Balsas-MA, com o estudo das vogais presentes na literatura dos livros de história da língua portuguesa escrita.

No entanto, lembramos, como assinalou Labov (1994), das dificuldades que representa trabalhar-se com o material da Lingüística Histórica, quer pelo distanciamento que ele representa da língua nativa de seus falantes, quer da forma culta. Ou seja, deve-se tentar tirar o melhor proveito desses dados que nos restaram, e com tantas lacunas, aconselha-nos este autor.

Esses são os caminhos da Lingüística Histórica: inusitados e nem sempre sólidos.

3.2 A escolha eco-lingüística

Para essa escolha, procuramos fazer um mapeamento da região e da estimativa populacional dela. Estivemos tentando colher esses dados na Associação Camponesa de Balsas – ACA, no Sindicato dos trabalhadores Rurais de Balsas e na empresa de planejamento agrícola PROJETISA. Além disso, solicitamos informações ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE – núcleo de Balsas, à Casa da Agricultura de Balsas e à Companhia de Colonização Agrícola – CODECA. Após esse levantamento, com a ajuda principalmente da ACA, do Sindicato e da PROJETISA, dividimos a região conforme um conhecimento prévio dos sertanistas³¹ Heliodoro Sousa, João Fonseca, Luis Carlos, Dalvina

³¹ A concepção de sertanista é dada à pessoa que tem ou teve um trabalho desenvolvido no sertão e que desse tipo de localidade tem bastante conhecimento.

dos Santos Nunes Abraão Sousa de Lira e Celso Nogueira da Silva. A partir de então montamos um roteiro de viagem dividido entre as seis zonas geográficas da zona rural (cf. anexo 03): Gerais de Balsas, Correio, Balsinha, Bacaba, Zé do Quelé e Barraria. Nestas duas últimas regiões não foram feitas pesquisas, apenas nas quatro primeiras. No entanto, a região do Gerais de Balsas foi dividida em três sub-regiões, além de termos incluído o Sindicato dos Trabalhadores Rurais, conforme se segue:

- Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Balsas: Data: 19.07.06
Localidade: cidade de Balsas, Centro
- Região do Alto Gerais de Balsas: Data: 31.07.06 a 03.08.06
Localidades: Todos os Santos, Salto, São Félix, Coroatá, Boa Esperança I, Fazenda Cachoeira, Rio Verde, Batavo, Por Enquanto, Buritirana, Ferreira, Baixa Funda, Sítio dos Canários, Limpeza, São Pedro e Boa Esperança II.
- Região do Alto Gerais de Balsas: Data: 16.12.06
Localidade: Porto do Isidoro (Projeto Rio Peixe):
- Região do Alto Gerais de Balsas - (Serra do Penitente): Data: 06.01.2007
Localidade: Fazenda Mutum
- Região do Correio: Data: 20.01.07
Localidades: Água Boa, São José, Povoado Correio, Jenipapo, Boa Vista, Mundo Novo, Prata, Fazenda Certeza.
- Região do Balsinha: Data: 22.01.07
Localidades: Vão da Vargem, Fazenda Tabuleiro, Fazenda Juquira, Bom Jesus, São Bento.
- Região da Bacaba: Data: 24.01.07
Localidades: Fazenda boa Vista, Fazenda Mirante, Fazenda Bacaba

Para realizarmos as entrevistas, conforme apresentamos a seguir, primeiramente fizemos seis expedições: a primeira, entre os dias 31 de julho a 03 de agosto, com o objetivo de coletar o *corpus*, na região do Gerais de Balsas, indo até 350 km de distância, onde visitamos várias localidades. A primeira parada foi na localidade Todos os Santos, seguindo por Saltos, São Félix, Coroatá, Boa Esperança, Fazenda Cachoeira, Rio Verde, Povoado Batavo, Por Enquanto, Buritirana, Ferreira, Passagem Funda, Baixa Funda, São Pedro e Boa Esperança II. O roteiro inicial dessa primeira expedição, em virtude de haver estradas

intransitáveis, foi parcialmente alterado. A segunda Expedição foi no dia 16 de dezembro de 2006, na comunidade e associação Projeto Rio Peixe, localidade Porto do Isidoro, em cuja oportunidade houve a festa de formatura dos alunos do ensino fundamental da Escola Família Agrícola Rio Peixe - além da missa de formatura e batizados - e de uma grandiosa festa dançante. A terceira expedição foi no dia 06 de janeiro de 2007, em que fomos até o outro extremo da Serra do Penitente, a 370 km, na Fazenda Mutum, do Senhor Dominginhos, e em cuja oportunidade houve uma festa dançante de casamento. A região do Correio foi trabalhada na quarta expedição, realizada a 20 de janeiro de 2007. Na quinta Expedição, 22 a 23 de janeiro de 2007, estivemos na região do Balsinha e no dia 24 de janeiro de 2007, na região da Bacaba, bastante próxima à cidade.

Fomos eu, a Sr^a. Dalvina e o motorista João Antônio, este posteriormente alternado com o Senhor Nerivaldo. E foi assim que adentramos rumo a região do Gerais de Balsas, até a região da Bacaba. Antes de sairmos, tivemos o cuidado de levar alimentos como arroz, carne de sol, leite, óleo, biscoitos, vinhos; remédios como analgésicos, arnica, óleos medicinais, pilhas, roupas de inverno, além do material que seria usado no trabalho de pesquisa, visto que não seria ético que dependêssemos dos moradores locais.

As entrevistas foram realizadas por mim; algumas vezes houve a interveniência espontânea de um e/ou outra acompanhante, também camponesa, ou de algum membro da família do falante que inesperadamente resolvia participar da “conversa”, a qual transcorria num clima de muita familiaridade neste trabalho de campo.

3.3 Os informantes

Para a seleção dos informantes, observamos a idade e a origem deles, em virtude desses elementos serem indicadores de preservação da língua: eles são trabalhadores e trabalhadoras rurais e pequenos proprietários de terras, a partir de 55 anos de idade³², que habitam na zona rural e, *a priori*, que sejam naturais daquele município ou para lá tenham chegado em tenra idade – pelo menos até os cinco anos de idade (TARALLO, 2001); de preferência filhos de pais nascidos nessa região, que não tivessem saído do município por

³² Consideramos a faixa etária, conforme classificação sugerida por Braggio (2005) para o estudo dos processos fonológicos da língua Akwe-Xerente. Acreditamos ser a classificação “c”, de 50 anos em diante (terceira geração), bastante adequada para os estudos linguístico-históricos de comunidades que vivem em comunidades quase isoladas, apesar de que pesquisamos apenas um falante de 55 anos; todos os demais estão na faixa de 60 anos ou mais .

muito tempo e que tivessem viajado pouco para fora da zona rural, tendo em vista a necessidade de observar caracteres conservadores nos traços lingüísticos do falar em estudo (BRANDÃO, 1991). Esses informantes são moradores das zonas geográficas, conforme classificação do ambiente, na introdução do item 3.2.

Os informantes de sessenta a setenta anos de idade geralmente ainda exercem atividades profissionais, embora a maioria já possua uma aposentadoria ou esteja em processo de encaminhamento dessa aposentadoria.

Cintra (*Apud* BRANDÃO, 1991) ressalta que há uma diferenciação bastante caracterizadora na fala, de acordo com a faixa etária dos falantes. Nas faixas mais avançadas são encontradas as maiores diferenças, em relação à língua padrão, e traços mais conservadores. Considerando, pois, esses postulados acima referidos, passamos a considerar a idade como um fator que pode favorecer ou desfavorecer a variação e ou preservação do sistema vocálico no léxico.

O nível de escolaridade dos pesquisados não é muito diferenciado, posto que a maioria é considerada não alfabetizada. Esse nível corresponde ao sujeito que não sabe ler nem escrever, embora em alguns casos possa ter algum conhecimento do alfabeto. Poucas foram as pessoas entrevistadas que possuíam o primeiro grau incompleto, ou seja, que sabem ler e escrever, freqüentaram a escola e detêm mais alguns conhecimentos básicos em algumas áreas de estudo. O nível de escolaridade é de bastante interesse para essa pesquisa, pois pode interferir no processo de variação e ou preservação da língua (*op. cit.*, 1991), já que essas pessoas sofrem pouca influência no sistema de reorganização da estrutura lingüística, sendo esta característica mais presente nos meios urbanos.

Embora não nos pareça fácil classificar esses trabalhadores rurais quanto a uma distribuição em classe social, depreendemos que os mesmos pertencem, em sua maioria, à classe social menos favorecida. Isso, por terem uma renda mensal geralmente de dois salários mínimos, uma moradia rural de aspecto bastante rudimentar, o mais das vezes sem energia, sem água encanada, sem aparelhos eletrodomésticos variados (geralmente há rádio, fogão a gás e toca-fitas). Além disso, é muito comum haver vários netos sob a guarda dessas pessoas idosas, as quais continuam a trabalhar para aumentar o rendimento da família. Algumas vezes, os filhos e ou netos desses aposentados ali residem, dependendo bastante do rendimento das aposentadorias. Baseando-nos nessas circunstâncias, acreditamos que a classe social pode, pois, influenciar no processo de variação e ou preservação dos fenômenos lingüísticos, por determinar a manutenção de algumas famílias ou membros dessa família juntos a seus genitores.

Praticam as mesmas atividades profissionais dos pais, a lavoura, a vaqueirice ou criação de alguns animais, sem que tivessem tido tempo de freqüentar a escola, pois desde crianças são levados para o trabalho campesino. As mulheres, além de cuidarem dos afazeres domésticos, também colaboram bastante nas atividades da roça. Conforme os depoimentos, antes era muito comum para elas a tecelagem rudimentar de redes, lençóis e peças diversas, num sistema quase que de auto-sustentabilidade nessas comunidades meio isoladas.

Pareceu-nos fundamental, entretanto, a naturalidade dos pesquisados: se moradores nascidos naquela localidade ou em localidades rurais da região, os quais não tivessem saído da região por um longo tempo (por mais de três meses), que não tivessem viajado muito para outros estados e se filhos de pais balsenses. Percebemos que a grande maioria eram filhos de pais geralmente vindos do Piauí ou do Ceará, no final do século dezenove ao início do século vinte, com o advento das grandes secas. Outros eram descendentes de avós que teriam vindo nas mesmas circunstâncias. De um modo geral esses sertanejos não costumam viajar por um longo tempo. Alguns o fazem por curto tempo; deve-se isso a uma visita a um filho que mora fora ou mesmo a tratamento de saúde. Os locais mais citados para essas poucas viagens são primeiramente Brasília e, em seguida, Goiânia.

O fator tempo de residência desses sertanejos retratou um aspecto bastante fluido dos mesmos. São, geralmente, nômades nas próprias terras, trocando de residência, quer porque a localidade mais produtiva já está se distanciando dessa residência, quer para se aproximarem da beira do rio ou mesmo da residência de outro parente. Certo é que são muitos os motivos que justificam essa mudança. Um outro tipo de nomadismo é justificado pela necessidade de se mudarem de um lugar para outro, por alguns não possuírem terra própria, o que termina ocasionando o êxodo dos mesmos para a cidade. No entanto, ficou evidente a descendência rural dos mesmos e de seus familiares, e em nenhum momento registrou-se algum trabalhador ou trabalhadora que fosse descendente de pais que moravam na cidade, o que comprova a existência apenas do êxodo rural no ambiente social dos entrevistados.

Cintra (*Ibidem*, 1991, p. 30), embora com uma visão bastante tradicional, já reconhecia a importância desse conjunto de fatores, principalmente quando o objetivo é o registro das formas dialetais que representam um léxico mais conservador, conforme assevera:

“Para responder ao questionário, terá o dialectólogo de procurar alguém que represente com fidelidade o tipo de falar característico da localidade – em geral um homem ou uma mulher de meia-idade, nascidos no lugar e ali residentes sempre ou quase sempre, analfabetos (de modo a não haver o perigo de estarem influenciados

pela linguagem escrita). Do acerto na escolha deste informante depende muitas vezes o êxito de todo o trabalho”

Todos esses critérios, lingüísticos e extralingüísticos, ajudam-nos a reconhecer esse sujeito falante inserido contextualmente, de forma que ele tem a sua língua historicizada, a sua fala socializada e as suas expressões culturalizadas. A partir da interpretação e análise desses dados, passamos a ter uma amostra mais representativa desse sujeito falante, o qual chamamos de informante, o sertanejo balsense, com quem procedemos a coleta de dados, conforme o item a seguir.

3.4 Formação e recolha do *corpus* lingüístico

A formação do *corpus* lingüístico foi feita através de entrevistas e depoimentos do tipo DID (Diálogo entre Informante e Documentador). Entretanto, em alguns momentos houve a interferência espontânea da sertanista e ou do motorista que nos acompanhavam, como também de outros membros que, por vezes, se encontravam no local da entrevista. De nossa parte procuramos não interromper esse entrosamento, posto que o mesmo favorecia ainda mais um ambiente de conversação natural e espontânea, além de que não me parecia prejudicar o objeto do trabalho, que era a recolha da fala do informante.

O *corpus* é composto de 19 fitas cassetes de 60 minutos cada, as quais estão organizadas da seguinte forma:

- 1ª fita: Disa, Ciçu, Dinga; local: Sindicato.
- 1.1ª fita: Marceno, Ernesta; local: Sindicato.
- 2ª fita: Jude, Nesa, Lia, Joãozinho; local: Sindicato.
- 3ª fita: Minelva, Ze, Nusa, Aderina, Iza; local Salto (Gerais de Balsas).
- 4ª fita: Iza, Lércio, Luza, Mundica, Conceição, Lourdinha, Ribeiro; local: Coroatá, Boa Esperança (Gerais de Balsas).
- 4.1ª fita: Cruza, Noreldo; local: Ferreira.
- 5ª fita: Noreldo, Nativa, Simão, Cleuda, Alvilina, Mundico Silva; local: Ferreira.
- 6ª fita: Manel, Marisa, Deci, Mano; local: São Pedro;
- 7ª fita: não localizada;
- 8ª fita: Tania, Ulisses, Atividade, Raimundo; local: Por Enquanto (Gerais de Balsas).

- 9ª fita: Loia, Ceiça; local: Gerais de Balsas.
- 10ª fita: Jaques, Dingo; local: Porto do Izidoro.
- 11ª fita: Sali, Dominguinha; local: Porto do Izidoro.
- 12ª fita: Milo; local: Fazenda Mutum (Gerais de Balsas).
Albino, Ceci, Amenduim; local: Correio.
- 13ª fita: Amenduim, Eubio, Chico; local: Correio.
- 14ª fita: Pequeno, Adilino; local: Correio.
Petronílio, Elva; local: Balsinha.
- 15ª fita: Atílio, Neção, Nezinho; local: Balsinha.
- 16ª fita: Ferreira, D. Mara, Anto Severo; local: Bacaba.
Quinzinho, Ana Guia; local: Bacaba.
- 17ª fita: Aninha; local: Em Balsas.

Muitas dessas fitas tiveram apenas um dos lados gravados. O total foi de aproximadamente 12 horas de gravação. Esse *corpus* conta, atualmente, com 59 informantes, dos quais somente 15 foram selecionados para uso neste trabalho descritivo, sendo 08 homens e 07 mulheres.

3.4.1 As entrevistas

As entrevistas analisadas foram gravadas no período de 2006/2007, em fitas cassetes de 60 minutos, através de diálogos, conversação, perguntas e respostas ou depoimentos com temas pré-escolhidos ou, muitas vezes, direcionados pelos próprios falantes. Essas entrevistas têm a pretensão de serem caracterizadas do tipo DID³³ (Diálogo entre Informante e Documentador). Esses diálogos, que têm reflexo no processamento lingüístico, são conceituados como entrevistas que possuem duas classificações básicas: a *narrativa*, em que o informante apresenta suas experiências vividas de forma intimista, geralmente em primeira pessoa; e o tipo *gnômica* ou *instrucional*, em que são dadas informações generalizadas, de caráter impessoal, como sobre uma determinada atividade. As entrevistas tipo DID, conforme instruções do Projeto NURC, são inquéritos que apresentam tanto as marcas narrativas, de caráter pessoal, quanto as marcas instrucionais, que se referem a

³³ Conforme “apresentação DID” III volume, do Projeto NURC/SP, apoio da FAPESP, localizável nas Referências Bibliográficas.

determinados fatos ou atividades. Há, pois, uma interação dos dois tipos de inquérito que caracterizam um tipo de diálogo que possibilita uma maior fruição da competência lingüística³⁴ do falante sertanejo.

Escolhemos ainda a entrevista para coletar os dados, por ser um instrumento em que as taxas de retorno tendem a ser mais altas, conforme salienta Cozby (2003), além de que o contato por meio da entrevista face-a-face, por se desenrolar de forma espontânea e não ser administrativamente tão condicionada, motiva os interlocutores a estabelecerem um diálogo mais produtivo e uma conversação mais natural, em virtude de uma pré-negociação quanto ao tempo utilizado, e à situação de familiaridade ecológica para o pesquisado, o que possibilita maior assimetria entre os participantes e a pesquisadora e, segundo afirma Goffman (1984), certa disposição para a convergência da linguagem. Ressaltamos, no entanto, o caráter nem sempre dialógico da entrevista (Documento DID), em virtude do prévio planejamento desta, mesmo que implícito; da presença do gravador e de uma certa relação que sempre estará sob a orientação do entrevistador/documentador, por mais que este tente criar um relacionamento simétrico entre os envolvidos, para tornar mais férteis as condições de trabalho.

Com base nisso, não efetuávamos as gravações num primeiro momento do encontro, apesar de sermos conhecidos de todos os entrevistados e de também, de um modo geral, conhecê-los. Primeiramente, procurávamos manter um clima de familiaridade entre os presentes. Depois explicávamos que o objetivo da pesquisa era sócio-cultural, apesar de que evitamos dar explicações demasiadamente detalhadas acerca do trabalho – por exemplo, de que iríamos estudar a língua tal como era usada pelas pessoas da comunidade (TARALLO, 2001) - já que isto não era relevante, nem muitas vezes tão compreensível para eles. Só após o informante estar de acordo que fosse feita a entrevista é que preenchíamos a Ficha do Participante, o Termo de Consentimento Livre Esclarecido. Passávamos, então, a fazer a entrevista, ou ainda, após conscientizarmos o informante acerca do objetivo da pesquisa e de procedermos à mesma, por último é que preenchíamos a Ficha do Participante e o Termo de consentimento Livre. Uma ou outra ordem era seguida de acordo com o andamento da conversa.

Ressaltamos que, embora os informantes soubessem de antemão que seriam entrevistados, isso, de modo geral, não lhes causou muito constrangimento, pois se expressaram sem muita inibição, mais ou menos à vontade. Na verdade, tínhamos apenas um esquema simplificado dos temas a serem abordados nas entrevistas, o qual nunca era usado no

³⁴ O conceito de *competência lingüística* é, aqui, tomado de empréstimo de Hymes, que significa a capacidade de adequação da linguagem às várias situações que se apresentam ao falante.

momento do trabalho. Sempre que um informante demonstrava interesse por um determinado assunto, mesmo fora do que se planejara, deixávamos que a conversação fluísse de forma natural. Desse pressuposto dependia, muitas vezes, um maior entusiasmo e desembaraço deles diante de nós, que de certa forma éramos o “outro”, o estranho³⁵ (GOFFMAN, 2005). Por isso mesmo procurávamos evitar ser centro de atenção nesse processo de interação, sem, no entanto, apagarmos nossa presença, mas o objetivo maior era incentivá-los a conversarem.

Nesses momentos, de um modo sutil, deixávamos, se possível, que o próprio entrevistado fosse conduzindo a conversação espontaneamente e evitávamos chamar a atenção sobre nossa pessoa, apesar de que isso não era muito fácil. Dependendo dos assuntos, os entrevistados tornavam-se mais desembaraçados e entusiasmados, parecendo-nos que, de certo modo, esqueciam-se de que estavam sendo gravados.

Algumas vezes, porém, depois das explicações dadas e de feitas as gravações percebemos que ainda não houvera plena compreensão, por parte do entrevistado acerca dos reais objetivos da pesquisa, apesar de ter havido várias entrevistas nossas na rádio local, explicando o objetivo cultural do trabalho e, principalmente, dizendo o roteiro de viagem para que não houvesse nenhum constrangimento aos moradores, com a nossa chegada.

Os assuntos abordados nas entrevistas foram o contexto sócio-cultural dos pesquisados com questionamentos, por exemplo, acerca dos seguintes temas: *i*) a genealogia familiar: nome completo; idade; local de nascimento dos membros da família; número de filhos; *ii*) sobre a localidade e o trabalho: nome do lugar; tempo de residência naquela localidade; se gosta de morar no sertão; se trabalha/trabalhou na roça; como faz com a mandioca; se caçava; como é que vai para a cidade; como é que transporta os cereais que produz; se há escolas/professor; se é aposentado; se a renda familiar é suficiente para o sustento da família; as dificuldades enfrentadas no dia-a-dia; *iii*) aspectos culturais: qual santo é festejado naquela localidade; como é o festejo do lugar; se há Boi de Reisado/Festa de Santos Reis; como são as festas dançantes, a que horas começam e terminam; se dança; quais são os “causos” que sabe contar; os remédios caseiros; *iv*) história local: como conseguia ganhar dinheiro naquela época; como fazia para negociar os cereais; o que é a luta; por que a vida é um sofrimento; por que o tempo sofrido era melhor; o que era a fartura; o que era o trisca, o papa-fogo, a tramóia; se ouvira falar dos revoltosos.

Esses procedimentos devem ter favorecido a espontaneidade dos relatos, em função do envolvimento emocional, o que, segundo afirma Tarallo (2001), é bastante adequado para este tipo

³⁵ A esse respeito, Goffman afirma a influência que tem as ações de um indivíduo numa determinada situação quando este está na presença de outros.

de pesquisa. Dentre esses temas, percebíamos muito mais naturalidade dos pesquisados ao falarem do trabalho na roça e sobre as festas que ocorrem na região.

3.4.2 O *corpus* lingüístico

O *corpus* lingüístico, recolhido ao longo do processo da coleta de dados e usado nesta pesquisa, é constituído das variantes fonéticas que compõem o quadro vocálico, conforme os contextos fonético-fonológicos de tonicidade e atonicidade, extraídos dos itens lexicais selecionados para o desenvolvimento desse trabalho de investigação. A partir da observação desses dados, verificamos que ocorre a variação do quadro vocálico nesse dialeto, condicionada por fatores estruturais (elementos lingüísticos) e por fatores sócio-históricos (elementos extralingüísticos). Os autores variacionistas e historicistas percebem a não arbitrariedade da influência desses elementos sobre a ocorrência desse fenômeno lingüístico. Linguisticamente, a tonicidade que contém um segmento pode influenciar a variação vocálica desse dialeto que aqui se estuda, em relação ao dialeto padrão. Quanto ao aspecto extralingüístico, esse dialeto pode ser identificado em relação a uma comunidade de fala³⁶ marcada histórica e socialmente.

Procuramos simplificar o modelo de apresentação de quadro das pretônicas, utilizando o Modelo Triangular proposto por Trubetzkoy e apresentado por Câmara Jr. em “Estrutura da Língua Portuguesa” (2005).

Passamos, então, a efetuar a análise descritiva dos sons vocálicos e a tentar perceber a ocorrência dos diversos fenômenos que caracterizam as vogais pretônicas, tônicas e postônicas em contexto de fala informal, e a partir daí, depreender-se o quadro dessas vogais usadas nessa variante. Esses dados foram retirados observando-se os diversos processos, sobre os quais fazemos breve referência que se verifique a ocorrência dos fenômenos-foco deste estudo. Para isto selecionamos os vocábulos independentemente da classe de palavra a que pertence, e de acordo com os contextos fonológicos: contexto vocálico e tipo de sílaba, quanto à tonicidade (posição tônica).

Após essa análise descritiva, procedemos à comparação desses dados com os descritos nos estudos históricos da referência assinalada, para que tivéssemos um

³⁶ Depreende-se comunidade de fala, conforme definição em Fiorin (2005, p. 128), onde a comunidade de fala é formada por falantes que compartilham traços lingüísticos que distinguem seu grupo de outros; comunicam-se relativamente mais entre si do que com os outros; e compartilham normas e atitudes diante do uso da linguagem.

conhecimento de maior dimensão desse falar sertanejo, ou seja, que englobasse os estudos analítico-descritivos e analítico-históricos.

3.4.3 Transcrição dos dados lingüísticos

Depois de feita a gravação dos dados, procedemos a um árduo processo de transcrição grafemática ou grafofônica - em que se considera a relação dos traços gráficos e a realidade sonora (BRAGGIO, 1992) - de todas as entrevistas que foram gravadas durante o período de recolha dos dados. Esse trabalho visava transpor, da forma mais fiel possível, a fala oral para os registros gráficos, em virtude da impossibilidade de se trabalhar com esses dados, sem que eles passem por esse processo, conforme assinala Paiva/Mollica (2003). Essa transcrição grafofônica do material recolhido no processo de coleta de dados durou, desde o mês de agosto de 2006 até o mês de março de 2007. Foi esse trabalho, o qual dispensou tanto tempo, que pôde dar-nos subsídios, numa espécie de pré-análise, para que ousássemos passar à seleção do material a ser utilizado nesta pesquisa. Após esse trabalho preliminar, o material classificado recebeu um tratamento mais técnico de transcrição, pois ao fazermos a análise dos sons e dos fenômenos, exemplificamos usando escrever os vocábulos, tanto na forma padrão quanto na forma que mais fielmente se aproximasse de sua realização fonética, ou seja, procedemos à transcrição fonética.

Fizemos, inicialmente, a escolha de um sistema de convenções necessário para que pudéssemos proceder com consistência nesse processo. Inicialmente, escolhemos os símbolos do Alfabeto Fonético Internacional para a transcrição fonética e, posteriormente alguns símbolos para a análise da conversação, os quais nos auxiliaram na tentativa de aproximar a linguagem oral aos registros gráficos, conforme o manual de Marcuschi (2005). Essa descrição, como assinala Paiva (2005) é descontínua e dissociativa.

“Descontínua, pois tem de recorrer a elementos discretos (letras, palavras, frases) para representar o que se manifesta como um fluxo contínuo. Dissociativa, pois, por mais elaborado que seja, nenhum sistema de transcrição consegue reproduzir a conjugação dos componentes segmental e supra-segmental própria do discurso falado”

No entanto, procuramos adequar esse sistema de acordo com as notações que seriam produtivas para nosso trabalho de análise, sem descuidar desse detalhe sistemático.

Ao procedermos esta etapa, procuramos registrar a pronúncia das palavras com mais fidelidade à sua realização fonética, para o que contamos com o auxílio do programa Speech Analyzer, Speech Manager, Uiowa: *Pnnetics: the sounds of spoken language* e fizemos a transcrição fonética utilizando os símbolos do Alfabeto Fonético Internacional (AFI), obedecendo às características desse tipo de alfabeto.

Organizamos os dados geralmente em duas colunas, uma transcrição fonética, baseada no AFI (conforme Lista de Convenções), outra, na forma do português padrão. Muitas vezes apresentamos os exemplos na forma fonológica ou fonográfica, ao invés da fonética, para facilitar a compreensão do leitor.

3.4.4 Qualificação dos dados lingüísticos

Conforme já citamos anteriormente, selecionamos de forma qualitativa os itens lexicais que transpareciam interesse para o presente estudo, baseada num conjunto de diversos fatores de comparação.

Primeiramente, para obtermos uma análise mais específica dos dados de pesquisa, fizemos um processo de triagem do material coletado, adotando os seguintes critérios: i) produtividade da fala – foram selecionadas aquelas entrevistas que de início pareceram possuidoras de maior produtividade de fenômenos vocálicos peculiares; ii) diversidade regional – os informantes deveriam pertencer à maior quantidade possível das micro-regiões distintas para poderem realmente representar o falar da zona rural como um todo. Buscamos como suporte metodológico auxiliar para o desenvolvimento desta seleção a base metodológica do modelo dialetológico (BRANDÃO, 1991) e da Sociolingüística (TARALLO, 2001).

Ao iniciarmos o trabalho experimental de análise, fazemos o levantamento e a descrição dos sons vocálicos ocorrentes nesse material, comparando-se a língua real falada pelo sujeito sertanejo de Balsas e os dados analisados pelos estudiosos do português histórico em suas várias fases históricas. Em seguida, verificamos a existência de fenômenos que nos pareceram inovadores como também tecemos alguns comentários – como veremos a seguir - acerca do dialeto padrão institucionalizado politicamente, ou melhor nominalizando, a língua imaginária, conforme o faz Orlandi (2002).

Fica cada vez mais clara a importância de se considerar o sujeito e todo o ambiente sociocultural que o cerca na aplicação das pesquisas lingüísticas. Também fica a

necessidade de se utilizar não apenas uma linha de pesquisa, mas aquelas que sejam mais produtivas para a análise de determinados problemas, a fim de que se possa obter o melhor resultado possível na pesquisa empreendida.

Apresentamos, pois, a seguir, a descrição das vogais do falar sertanejo e, concomitantemente, as vogais nos vários períodos históricos da língua, quando, então, fazemos a comparação, a partir dos principais fenômenos de singularidade lingüística recorrentes no discurso sertanejo, conforme relacionamos a seguir.

4 ANÁLISE PRELIMINAR DOS DADOS

“Naquela época si u cara fiã agũa coiza di vendê... si fiã agum gadim eli vindia ia fazendu as quebragi ou trabaiandu qualqué otu jeitu pa incunumizar mais, pa num vendê u gadu, qui'era a veizi pocu i quim fiã vindia muito gadu. Aqueli gadu maió ia ficandu grandi, eli vindia aqueli boi. Aqueli dferu pagarra. Assim é qui'eu fazia mermu. Ra dexava mais preparadu aqueli qui ra tava mei grandi. Nu corrê du anu ia formandu um pocu num era?” (Falante: Nezim).

Queremos afirmar, inicialmente, que nesta pesquisa acadêmica entrecruzam-se a investigação teórica e a investigação prática. Teórica, em virtude dos parâmetros que dão suporte à argumentação histórico-metodológica e à descrição e breve análise do *corpus*. Prática, no que diz respeito à realização das pesquisas de campo e à observação dos sons e de alguns processos fonético-fonológicos que nos ajudam, neste momento, a descrever esses sons que formam o quadro sonoro, objetivando, através desse *corpus* representativo, depreender suas principais características num espaço temporal.

A partir deste entrecruzamento de investigação propomos, neste primeiro momento, a descrição dos fonemas vocálicos, retomando o “modelo triangular” assim chamado por Trubetzkoy (CÂMARA JR., 1977), em que considera a vogal /a/ como um único fonema, ao invés do “modelo quadrangular”, que considera o /â/ “abafado”, mais posterior e precedente das nasais, uma outra unidade opositiva. Optamos por considerar o /â/ como uma variante posicional. Também aqui incluiremos algumas reflexões acerca da nasalidade das vogais, posto que estas merecem uma análise à parte mais aprofundada. Deixamos de discorrer acerca dos aspectos prosódicos que envolvem esses sons, tendo em vista que pretendemos trabalhar esses aspectos num projeto maior, que iniciaremos posteriormente.

4.1 Quadro vocálico do falar da região de Balsas-MA

A partir dos textos transcritos fonograficamente de falas espontâneas das entrevistas do Sr. Neção, Petrunílio, Deci, Conceição, Dinga, Disa, Ciçu, Amendoim, passamos à classificação e à transcrição fonética dos vocábulos classificados para o levantamento dos sons vocálicos, os quais descrevemos a partir da subdivisão em orais e nasalizados, ordenando-os de acordo com a posição acentual ou tonicidade, posto que reconhecemos a devida importância desse traço no que se refere aos diversos tratamentos que receberam os sons. Por isso, didaticamente seguimos essa taxonomia.

4.1.1 A vogal *a*:

Para este fonema, temos os alofones dentro do *corpus* levantado, que passaremos a descrever, os quais estão em distribuição complementar, ou seja, ocorrem em contextos específicos, conforme descritos abaixo:

a) O /a/ tônico:

Pertence ao sistema das sete vogais tônicas encontradas nesse corpus - e é encontrado, no português brasileiro - em sílaba inicial, medial, final ou ainda nas monossílabas tônicas, não precedidas de consoante nasal respectivamente, como apresentamos a seguir:

- em posição inicial tônica.

| | |
|---|---------------|
| [^l bawsə]/[^l balsə] | <i>Balsas</i> |
| [^l qwaçɨ] [^l qwah] | <i>quase</i> |
| [^l baχʊ] | <i>bairro</i> |

- em posição medial tônica:

| | |
|---|-------------------|
| [^l ɪbaʃʊ] | <i>embaixo</i> |
| [duẽ ^l taɖʊ] | <i>adoentado</i> |
| [^l idētʃɪ ^l dadʒɨ] | <i>identidade</i> |
| [^l gwẽ ^l taɐ] | <i>agüentava</i> |
| [qũ ^l padʒɨ] | <i>compadre</i> |
| [qɔ ^l kalɨ] | <i>cocal</i> |

- posição final tônica:

| | |
|------------------------|------------------|
| [mẽnɔ ^l pa] | <i>menopausa</i> |
| [ɛqu ^l la] | <i>aculá</i> |

- em monossílabas tônicas:

| | |
|-----------------|--------------|
| [ˈta] | <i>está</i> |
| [ˈqwah]/[ˈqwaʃ] | <i>quase</i> |

Tarallo (1990) apresenta o /ā/ e o /ǎ/ do latim clássico, os quais perderam a diferenciação do traço de quantidade e fundiram-se ao /a/ tônico do latim vulgar, mantendo-se até o português moderno. Ex: *ǎquila, águia; bonitāte, bondade; grātia, graça*. Raras são as alterações sofridas pelo /a/ tônico e Nunes (1989) atribui esses fatos à força da *dissimilação* (e.g. *abantesma ou avantesma > phantasma*), à *relação entre palavras* (*erva, em érvodo*), à *influência árabe nos nomes próprios* *Beja < Pace e Tejo < Tagu*, e ainda exemplifica com alguns *casos importados do provençal* (e.g. *alegre < alăcrem; greu < grau*) e à ação das labiais como *fome < fame*. Discorreremos sobre a transformação do /a/ tônico em *ei, ai, ou e au* na análise sobre os ditongos.

b) O /a/ pretônico:

O /a/ pretônico, representado pelo fone [e], pertence ao sistema das cinco vogais pretônicas não precedidas de nasal. Pode estar localizada na posição imediatamente anterior à tônica, como em [peˈpeli] *papel*, ou em posição precedente não imediatamente anterior à tônica, como em [begeˈserə] *bagaceira*. Seguem outros exemplos desse alofone.

| | |
|--------------|----------------------------------|
| [puzêteˈsõw] | <i>aposentadoria/aposentação</i> |
| [peˈpeli] | <i>papel</i> |
| [gezeˈyavə] | <i>agasalhava</i> |
| [eˈχoyzi] | <i>arroz</i> |
| [kəskeˈveli] | <i>cascavel</i> |
| [ketɾeˈdaw] | <i>catedral</i> |
| [begeˈserə] | <i>bagaceira</i> |
| [eGũˈniə] | <i>agonia</i> |
| [xepɛˈderə] | <i>rapadeira</i> |

| | |
|--------------|--------------------|
| [brɪɣe'dĩ] | <i>obrigadinho</i> |
| [kɛrke'mãʒu] | <i>carcamano</i> |

Essa vogal pode vir precedida de consoante (CV), sozinha na sílaba (V), seguida de consoante (VC), ou precedida e seguida respectivamente de consoante (CVC, CCVC, CCVCC). Possui um som mais fraco, em relação à tônica e, por vezes, quase inaudível (desvozeada), dependendo do ambiente em que se encontra, ou seja, de qual som ela vem seguida, ou precedida. No entanto, conforme afirma Nunes (1989), é a vogal /a/, em relação às demais vogais átonas, a mais resistente, ou seja, a que sofre menos alteração ou mesmo elisão, por influência de outros sons.

É comum, entretanto, na linguagem do sertanejo da região de Balsas-MA, a queda dessa vogal quando inicial desapojada [puzête'sõw], *aposentação*; [gɛzɛy'yavə] *agasalhava*, [e'ɣwêtu] *agüento*, ou a inserção da mesma em alguns vocábulos, a exemplo de [esê'tadu], *sentado*; [e'lêbru], *lembro*; fenômenos estes já atestados no português arcaico (NUNES, 1989, P. 58), como em *acentar*, *avogar*, *alardo*; *liança*, *hebdõmada*>*doma*, *eclípsem*>*cris* (WILLIAMS, 1994, p. 111).

Percebe-se, nesse dialeto, a tendência a atribuir o acento secundário à primeira sílaba, nas palavras com duas ou mais sílabas, como em [gɛzɛy'yavə] *agasalhava*, [xɛpɛ'derə] *rapadeira*, [kɛrke'mãʒu] *carcamano*, [ɛɣõ'niə] *agonia*, fenômeno sobre o qual discorre Nunes (1989, p. 38).

c) O /a/ postônico final:

Esse fonema, representado foneticamente pelo *schwa* [ə], está vinculado ao sistema das três vogais que formam o conjunto das postônicas finais: /a, /i/ e /u/ e persiste como vogal final. É central e possui um som fraco, como podemos perceber nos exemplos que se seguem:

| | |
|-----------|--------------------------|
| [ˈberə] | <i>beira</i> |
| [ˈɫçibə] | <i>enriba (por cima)</i> |
| [buˈnitə] | <i>bonita</i> |
| [qũ'midə] | <i>comida</i> |
| [qõ'sutə] | <i>consulta</i> |

| | |
|------------|----------------|
| [pɾ'cɛnə] | <i>pequena</i> |
| [ɪʎ'tradə] | <i>estrada</i> |
| [ˈarə] | <i>área</i> |

Essas postônicas finais tendem geralmente a persistir em português como em *domina > domna > dona; aquila > águia.* , diferentemente do /e/ e /o/ finais, em que houve muitas ocorrências de redução, respectivamente a /i/ e /u/.

4.1.2 A vogal e:

Os fones [e] e [ɛ] são respectivamente os fonemas /e/ e /ɛ/ no falar sertanejo analisado e estabelecem entre si uma oposição fonológica nos pares mínimos abaixo, ou seja, tem valor distintivo, conforme exemplificamos.

| | | | | | |
|-------|-------|-------|---------|--------|----------|
| Vei | [vey] | desse | [ˈdesɪ] | colher | [ku'yeh] |
| Velho | [vɛy] | desce | [ˈdɛsɪ] | colher | [ku'yɛ] |

a) O fonema /e/ em posição tônica:

Apresentamos outros exemplos desse *corpus* com /e/ em posição tônica, representado pelo fone [e]:

| | |
|--------------|-----------------|
| [dʒɪ'ɛrɔ] | <i>dinheiro</i> |
| [ˈdesɪ] | <i>desse</i> |
| [o'se]/[ˈse] | <i>você</i> |
| [kɛh'tɛrə] | <i>carteira</i> |
| [ɔɪ'vɛrə] | <i>Oliveira</i> |
| [ɛɪ'vɛə] | <i>alivia</i> |
| [ˈbebɔ] | <i>bêbado</i> |
| [kɛ'zɛrɔ] | <i>caseiro</i> |

| | |
|-----------------------|---------------|
| [ʒu ¹ de] | <i>ajudei</i> |
| [bɐ ¹ zeə] | <i>baseia</i> |

Um fenômeno típico nesse falar sertanejo é que essa vogal muitas vezes é proveniente do /i/ tônico que formava o hiato *i-a* em final de palavra, como em [ɐl¹veə] *alivea* (> *alivia*). Outra proveniência do /e/ é explicada pela redução do ditongo tônico *-ei*, seja em posição inicial, medial, ou final de palavra, como [ɔl¹verə] *Olivera* (> *Oliveira*) e [ʒu¹de] *judê* (> *ajudei*). A redução de um ditongo em uma só vogal (monotongação) é bastante comum nesse falar. Proveniente do /ē/, /i/ e /œ/ do latim clássico (*mercēde* > *mercee* > *mercê*; *plēno* > *cheo* > *cheio*), conforme Nunes (1989, p. 46), o /e/ tônico continua a subsistir no português atual de forma bastante produtiva.

b) O fonema /e/ em posição pretônica:

Esse fonema é representado pelo fone [e], em posição pretônica:

| | |
|----------------------------|--------------------|
| [qũme ¹ se] | <i>comecei</i> |
| [ɪpreze ¹ radə] | <i>emprazerada</i> |
| [potre ¹ ʒesi] | <i>protegesse</i> |
| [prẽ ¹ meru] | <i>primeiro</i> |

No *corpus* analisado, a manutenção desse fonema em posição pretônica como em [potre¹ʒesi] *potrejessi* (> *protegesse*) e [qũme¹se] *cumecê* (> *comecei*) é rara, pois a tendência maior é alçá-lo, como em [qũs¹ʒi] *cunsigni* (> *consegui*), [ɪfrec¹sẽnu] *infraquisenu* (> *enfraquecendo*) e [dʒɪs¹kãsu] *discansu* (> *descanso*). Merecem serem ressaltados os seguintes processos que ocorrem com essa variante: i) a transformação do /i/ em /e/, quando precedido pela bilabial mais uma líquida e depois seguido de bilabial, como em [prẽ¹meru] *premeru* (> *primeiro*); ii) a troca dessa vogal, quando formando ditongo decrescente, em início de palavra, por outra vogal média, no entanto, mais aberta (e.g. *Eufrásio* > *Ofrásio*) ou pela vogal central fechada (e.g. *Enrique* > *Anrique*), esta última também registrada por Nunes (1989) e bastante comum no falar pesquisado. Esses fenômenos podem ter-se dado, em virtude da força assimilatória do som tônico seguinte.

O /e/ átono pretônico em algumas regiões do Brasil tem-se mantido. No entanto, a exemplo de /a/ átono, quando inicial desapoado, a tendência é cair ou modificar-se, conforme exemplifica Nunes (1989), ressaltando a tendência que tem a língua portuguesa em rejeitar tanto o /e/ quanto o /i/ iniciais isolados. O resultado dessa rejeição é a nasalização como forma de manutenção dos mesmos (e.g. *enxemplo* ou *enxemplo*, *enxercito*, *enleger*, ao invés de *exemplo*, *exercito* e *eleger*).

c) O /e/ em posição postônica não final:

A tendência desse fonema é sofrer apagamento, quando próximo a consoantes com que possa formar grupos consonantais, seguindo certa rejeição que tem a linguagem popular na formação de proparoxítonas. Não temos registro desse fonema postônico não final no *corpus* pesquisado. O que temos registradas, nesse falar, são formas sincopadas como *córgu* (> *córrego*), *charca* (> *chácara*) o que mostra uma alternância em relação ao português padrão, onde aparecem formas como em *pêssego*.

Em posição postônica final, tanto nesse falar sertanejo, quanto nos demais falares do português do Brasil, conforme apresentado anteriormente, houve muitos casos de redução do /e/ > /i/, como em *fomi*, *arvi*.

A tendência a sincopar as formas proparoxítonas vem antes mesmo de o português se instituir como língua, conforme o atesta Nunes (1989): *tenĕru* > *tenro*, *virĭde* > *verde*, *pulĭca* > *pulga*; também é histórico o fato do /e/ postônico final como o som que mais sofreu queda, como em *capitale* > *capital*, *crudele* > *cruel*, *sale* > *sal*, *maré* > *mar*, *dolore* > *dor*, *cruce* > *cruz*, *vorace* > *voraz*, *narice* > *nariz*.

4.1.3 A vogal ε:

O /ε/ é uma vogal frontal média baixa e aberta, bastante produtiva no falar pesquisado, tanto em posição tônica quanto átona.

a) O /ε/ em posição tônica:

Esse fonema, em posição tônica, é representado pelo fone [ɛ], como nos seguintes exemplos do dialeto pesquisado:

| | |
|-------------|-----------------|
| [ɾ'tɛ] | <i>até</i> |
| [sɪ'nɛzɪ] | <i>Sinézio</i> |
| [ɪz'pɛsɪ] | <i>espécie</i> |
| [qɔy'yɛ] | <i>colher</i> |
| [ɛ'hɲɪ] | <i>hérnia</i> |
| [pɛ'pɛɪ] | <i>papel</i> |
| [kɛskɛ'vɛɪ] | <i>cascavel</i> |
| [õ'nɛʃtʃɪ] | <i>honesto</i> |
| [qweɾ'ɛ] | <i>qualquer</i> |

O /ɛ/ tônico é oriundo de /ě/ e do /æ/ do latim clássico, subsistindo no latim vulgar e no português, como a vogal /ɛ/ anterior, média, aberta, em palavras como *véu*, *terra*, *chapéu*, *essa*, *esta*. Nesses dois últimos pronomes, o timbre da vogal *e* manteve-se fechado até o século XVI. Em palavras como *fé* o timbre aberto teria sido originado pela contração da crase *fee* > *fě*. O /ɛ/ tônico do latim vulgar permaneceu com os mesmos traços, quando a vogal da penúltima sílaba era *e* (lat. clássico *ě*), como no exemplo *uěspěram* > *véspera*, e alternou-se para *i*, quando a vogal da penúltima sílaba era *i*, como no exemplo *děčimum* > *dízimo*. Essa vogal aberta, como as demais tônicas, reafirmamos, tendem a persistir no português, como em *fělle* > *fel*, *děce* > *dez*, *lěpore* > *lebre*, *quaero* > *quero*.

d) O /ɛ/ em posição pretônica:

| | |
|---------------|--------------------|
| [pɾɛ'fũmɪ] | <i>perfume</i> |
| [pɛqu'rej] | <i>procurei</i> |
| [ɛdɛvɔ'gadu] | <i>advogado</i> |
| [sɛɾvi'sĩ] | <i>servicinho</i> |
| [mɛɾɛ'lõw] | <i>amarelão</i> |
| [ɪpɾɛzɛ'radə] | <i>emprazerada</i> |
| [kɛɾɛ'daw] | <i>catedral</i> |

| | |
|--------------|--------------------|
| [ɛ'dʒizʊ] | <i>Edízio</i> |
| [pɛ'sizə] | <i>precisa</i> |
| [çɛ'la] | <i>ralar</i> |
| [çɛziɫ'tēsə] | <i>resistência</i> |

Geralmente as vogais átonas são mais suscetíveis ao enfraquecimento ou elisão. No entanto, essa vogal aberta, representada pelo fone [ɛ] em posição pretônica, parece carregar um acento secundário nessa região, o que lhe dá certa resistência. Esse fone compõe o quadro fonético em posição postônica do falar sertanejo balsense, como também é bastante comum em outras regiões do Nordeste, Norte e Centro-Oeste, no entanto não faz parte do quadro das vogais pretônicas do português do Brasil, conforme nos apresenta Câmara Jr. (1998).

Esse fonema é muito raro em posição postônica não final, existindo em palavras de uso não muito popular do dialeto padrão do Brasil, como em *hóspede*. A regra para a linguagem popular é haver a síncope, como no exemplo seguinte:

| | |
|----------|----------------|
| [ˈqɔrgʊ] | <i>córrego</i> |
|----------|----------------|

e) O [ɛ] em posição postônica final:

Esse fonema inexistente em posição postônica final do dialeto pesquisado e é pouco produtivo no português do Brasil.

4.1.4 A vogal ɔ:

Os fones [o] e [ɔ] estão em oposição ou distribuição contrastante, ou seja, há contraste significativo, por isso são fonemas /o/ e /ɔ/ respectivamente. Estes dois fones são vogais médias que se opõem, em virtude de o primeiro ser vogal fechada e o segundo ser uma vogal aberta, o que justifica a oposição.

Deduzimos, a partir da tendência que há para monotongar o ditongo [ow] > [o], que há o par mínimo de sons foneticamente semelhantes, no qual é demonstrada a oposição /o/ vs. /ɔ/.

| | |
|-----------|----------------|
| [iʃ'tora] | <i>estoura</i> |
| [iʃ'tora] | <i>estória</i> |

a) O /ɔ/ tônico:

| | |
|-----------|----------------|
| [nɛ'ɔh] | <i>negócio</i> |
| [sĩ'ɔra] | <i>senhora</i> |
| [nɔh] | <i>nós</i> |
| [ih'mɔlə] | <i>esmola</i> |
| [ʃ'qɔrɔ] | <i>córrego</i> |
| [is'tora] | <i>estória</i> |
| [iz'qɔra] | <i>escora</i> |
| [ʃ'χɔlə] | <i>enrola</i> |
| [ʃ'ɔli] | <i>fole</i> |
| [ɛ'brɔbɔ] | <i>abóbora</i> |
| [ʃ'ɔrɔ] | <i>órgão</i> |

O /ɔ/ tônico do português moderno, representado pelo fone [ɔ], é oriundo do /ō/ breve existente no latim clássico. Como as demais tônicas da língua vulgar, esse fonema persiste, o que é comprovado em Nunes (1989, p. 51) com exemplos como: *sōcra* > *sogra*, *nōtula* > *nódoa*.

b) O /ɔ/ em posição pretônica:

Como podemos perceber a seguir, esse fone é bastante produtivo como vogal pretônica tanto inicial quanto não inicial, na região de Balsas, como geralmente em toda a região Nordeste, Norte e parte da região Sudeste.

Registramos o /ɔ/ em posição pretônica inicial, representado pelo fone [ɔ], tanto acompanhado de consoante quanto sozinho formando sílaba:

| | |
|-------------|------------------|
| [dɔqʉ'mêtu] | <i>documento</i> |
| [ɔli'vera] | <i>Oliveira</i> |

| | |
|-------------------------|---------------------|
| [pɔhqu'ranu] | <i>procurando</i> |
| [qɔrgu'zĩ] | <i>corregozinho</i> |
| [pɔlõ'gãnu] | <i>prolongado</i> |
| [ɔfɪ'dzidə] | <i>ofendida</i> |
| [ɔ'briɔu] ³⁷ | <i>abrigo</i> |

Esse /ɔ/ inicial também comprovou a tendência à queda, quando desacompanhado, e maior resistência, quando precedido por consoante, como demonstra Nunes (1989, p. 56), a partir de exemplos como: *cöcina* > *cozinha*, *mönetā* > *moeda*, *jöcare* > *jogar*

c) [ɔ] em posição pretônica não inicial:

Extraímos os seguintes exemplos do *corpus*:

| | |
|--------------|-----------------|
| [ɪzpɔ'rẽw] | <i>esporão</i> |
| [ɛðevɔ'gadɔ] | <i>advogado</i> |

Nunes (1989, p. 66) afirma a tendência geral das pretônicas a conservarem-se, quando não encontram uma consoante com que possam formar grupo, como em *ornamentu* > *ornamento*, *devocione* > *devoção*, **solidata* > *soldada*, **rolutare* (por **rotulare*) > *roldar*, **auctoricare* > *outorgar*.

d) O /ɔ/ em posição postônica:

Em posição de postônica não final e de postônica final, nesse *corpus* pesquisado, há uma neutralização da oposição entre /o/ e /u/. O mais comum é tornar as proparoxítonas em paroxítonas, seguindo a tendência das átonas não finais dos proparoxítonos a desaparecerem, posto que estas condições estruturais são favoráveis a este processo, no falar balsense. Seguindo essa linha de pensamento, ilustramos, abaixo, com um exemplo bastante comum no linguajar do sertanejo.

| | |
|-----------|----------------|
| [a'brɔbə] | <i>abóbora</i> |
|-----------|----------------|

³⁷ Houve a elevação do *a* de abrigo para *o* (obrigo).

Nunes (1989, p. 55) explicita historicamente desde o latim essa tendência, como em: *lepōre* > *lebre*. Este autor ressalta, no entanto, o grande número de proparoxítonas mantidas, das quais extraímos alguns exemplos em que o /ɔ/ postônico se manteve: *víbora*, *névoa*, *nódoa*. Mas apresenta as formas popularmente sincopadas, como *bibra*, *neva*, *noda*.

Em posição de postônica não final e de postônica final, reafirmamos os postulados de Câmara Jr. (2005, p. 44) também para a norma padrão, em que ele apresenta os dois quadros das vogais postônicas do português do Brasil. Conforme mostramos anteriormente, ele apresenta as vogais postônicas dos proparoxítonos, em que houve uma neutralização da oposição entre /o/ e /u/, para o que cita exemplos como *pérola* e *estrídulo*.

4.1.5 A vogal o:

O fonema /o/ - média alta sofre o processo de neutralização por serem seus traços assimilados pelos traços de altura do /u/, conforme ocorre entre /e/ e /i/ na posição de postônicas finais, ao que exemplificamos com os dados pesquisados abaixo.

| | |
|--------------|--------------------|
| [ɛdɛvɔ'gadu] | <i>advogado</i> |
| [pɔlɔ'gãnu] | <i>prolongando</i> |

Essa vogal /o/, segundo Nunes (1989, p. 52) é oriunda do /ō/ e do /ŭ/ do latim clássico, que se tornou /o/ no latim vulgar e continuou produtivo no português, o que o autor exemplifica com: *flōre* > *flor*, *amōre* > *amor*, *colōre* > *cor*, *ōvu* > *ovo*, *bŭcca* > *boca*, *pŭter* > *podre*, *tŭrre* > *torre*, *gŭtta* > *gota*.

a) O /o/ em posição tônica:

Quer como a vogal /o/ original, quer como fonema oriundo da alteração dos ditongos *ou*, *oi* ou *eu*, este último incomum, é bastante produtivo no falar sertanejo em estudo, como ilustramos a seguir:

| | |
|------------|-----------------|
| [mɛʃu'koh] | <i>machucou</i> |
| [ˈyo] | <i>eu</i> |

| | |
|-------------|-----------------|
| [do'to] | <i>doutor</i> |
| [ˈχo] | <i>vou</i> |
| [doh] | <i>dois</i> |
| [ˈpoqu] | <i>pouco</i> |
| [ˈχopə] | <i>roupa</i> |
| [pɪrɪ'gozu] | <i>perigoso</i> |
| [ˈqoʃtu] | <i>encosto</i> |
| [ˈporqu] | <i>porco</i> |
| [dzɪzˈpoyz] | <i>depois</i> |

O plural metafônico de palavras cujo /o/ tônico precede a um /o/ final, geralmente este realizado como /u/, mantém-se, neste *corpus*, com a pronúncia fechada, como é o caso de *ovo* > (os) *ôvu*, *esposo* > (os) *ispôsu*.

b) O /o/ em posição pretônica:

Diferentemente de outros fonemas o /o/ tende a manter-se nesse falar sertanejo e no português, conforme podemos verificar abaixo:

| | |
|--------------|-------------------|
| [no'se] | <i>você</i> |
| [o'se] | <i>você</i> |
| [po'sĩ] | <i>pocinho</i> |
| [mio'roh] | <i>melhorou</i> |
| [potre'ʒesi] | <i>protegesse</i> |
| [qo'çey] | <i>Correio</i> |

c) O /o/ em posição postônica:

No falar sertanejo balsense nenhuma ocorrência desse fonema foi identificada nesse contexto fônico. Primeiro, pela tendência que tem a palavra, se for proparoxítona, a tornar-se paroxítona (*névoa* > *neva~neve* > *nevi*, *víbora* > *vibra*); segundo, pela tendência que há a elevar esse som a /u/ (*mágoa* > *mágua*, *povo* > *povu*). Outrossim, pelos mesmos motivos,

afirmamos que o /o/ postônico praticamente não se realiza na linguagem oral, no português do Brasil.

4.1.6 A vogal *i*:

Os sons [ɪ] e [i] são alofones, pois os dois se diferem apenas quanto à tonicidade, ou seja, quanto à posição em relação à sílaba tônica. São complementares em relação ao fonema /i/.

a) O /i/ em posição tônica:

No dialeto em estudo apresentamos os seguintes exemplos com /i/ tônico.

| | |
|------------|-----------------|
| [pu'sivɪ] | <i>possível</i> |
| [qũsɪ'ʃi] | <i>consegui</i> |
| [e'bilɔ] | <i>Abílio</i> |
| [ˈvridɔ] | <i>vidro</i> |
| [bũ'nitə] | <i>bonita</i> |
| [qũi'si] | <i>conheci</i> |
| [i'çibə] | <i>enriba</i> |
| [ci'riə] | <i>queria</i> |
| [ɔ'brigo] | <i>abrigo</i> |
| [çɛzi'ti] | <i>resistir</i> |

Esse fonema é oriundo do /ī/ do latim clássico e como /i/ tônico do latim vulgar, manteve-se e desta forma continua no português, como: *rīvu* > *rio*, *fīcu* > *figo*, *vacīvu* > *vazio*, *formīca* > *formiga*.

b) O /i/ em posição pretônica:

Quando desapoado esse fonema, no corpus analisado, procura reforço geralmente nasalizando-se, como em *identidade* > *indentidade*, *exame* > *inzame*. Além disso, a assimilação e ou dissimilação influenciam a produtividade desse fonema, representado pelo

fone [ɪ], como podemos perceber em [ɪzqu'tey] *escutei*, [bɪ'biə] *bebia*, [dʒɪ'mayzɪ] *demais*.
Vejam os exemplos abaixo:

| | |
|---------------|-----------------------|
| [mãɲɪ'sipyɯ] | <i>município</i> |
| [tʃɪ'rã] | <i>tirando</i> |
| [ɪzqu'tey] | <i>escutei</i> |
| [bɪ'biə] | <i>bebia</i> |
| [sɪ'vɪɪ] | <i>civil</i> |
| [dʒɪ'mayzɪ] | <i>demais</i> |
| [ɪ'ʒɪtʃɪmɯ] | <i>legítimo</i> |
| [tʃewʒɪgwētɯ] | <i>teus unguentos</i> |

Na última expressão, observamos a permuta do /i/ nasalizado por *un* em *inguentu*, o que não é incomum, como na conhecida palavra *imbigo* (>*umbigo*).

Quando oriundo do /i/ do latim clássico, inicialmente mantém-se como *dicere* > *dizer*, *mīliariu* > *milheiro*, *prīmariu* > *primeiro* (NUNES, 1989, p. 57). Neste último exemplo, como visto anteriormente (*primeiro*>*premero*), o /i/ não se manteve no contexto entre duas bilabiais, seguida, a primeira de uma consoante líquida, o que pode ter contribuído para que esse fonema se alternasse com o fonema /e/.

O fonema /i/ em posição pretônica não inicial geralmente conserva-se.

| | |
|-----------------------|-------------------|
| [ɪdētʃɪ'dadʒɪ] | <i>identidade</i> |
| [əlɪ'veə] | <i>alivia</i> |
| [pəɪ'sɪdɯ] | <i>parecido</i> |
| [sehɪvɪ'sɪ]/[sevɪ'sɪ] | <i>servicinho</i> |
| [ɔɪ'veɪə] | <i>Oliveira</i> |
| [pɪsɪ'zavə] | <i>precisava</i> |
| [ɪɪ'ah] | <i>enlinhar</i> |

No entanto, esse fonema cai, conforme Nunes (1989, p. 66), quando precedido de consoante como *m*, *n*, *l*, *r* ou *z*, que podem formar grupo com a consoante seguinte ao fonema

/i/, proveniente de *ci*: *devotione* > *devoção*, *bonitate* > *bondade*, *belitate* > *beldade*, *delicatu* > *delgado*, *merimellu* > *marmelo*, *amaricare* > *amargar*.

c) O /i/ em posição postônica não final:

Esse fonema /i/, representado pelo fone [ɪ], tende a cair, quando as condições estruturais são propícias para a ocorrência deste fenômeno, como é o caso de grande número de exemplos do falar pesquisado. No entanto, ressaltamos ainda a presença desse /i/ postônico não final em algumas palavras como *dívida*, *lágrima*, *décima*.

| | |
|--------------|-----------------|
| [mas] | <i>máximo</i> |
| [lɪ'zitʃimɔ] | <i>legítimo</i> |
| [ˈoỹbu] | <i>ônibus</i> |

Este processo já é bastante conhecido no português padrão e Nunes o registra (1989, p. 68) com exemplos como: *viride* > *verde*, *asīnu* > *asno*, *puľica* > *pulga*, *mańica* > *manga*, *domĭna* > *dona*, *comĭte* > *conde*, *gallicu* > *galgo*, em que percebemos o favorecimento do processo, pelas condições estruturais que ocorrem no ambiente fônico para formar grupos de consonantais.

d) O /i/ em posição postônica final:

As vogais /e/ e /i/, quando átonas finais, reduzem-se a um único fone, o [ɪ] em posição postônica final. É, pois, comum, a mudança do /e/ originário final (ou que assim se tornou pela queda de uma consoante final), como também o paragógico, para o /i/, o que se verifica abaixo:

| | |
|-----------|-----------------|
| [ˈdesɪ] | <i>desse</i> |
| [puˈsivɪ] | <i>possível</i> |
| [ˈɛwɔɪ] | <i>Eric</i> |
| [ˈdõdʒɪ] | <i>onde</i> |
| [ˈsẽpɪ] | <i>sempre</i> |

| | |
|-------------|------------------|
| [pɾɛ'fũmi] | <i>perfume</i> |
| [qũ'padʒi] | <i>compadre</i> |
| [χɔ'dɾigɪz] | <i>Rodrigues</i> |
| [pa'pɛli] | <i>papel</i> |
| [qɔ'kali] | <i>cocal</i> |
| [pɛsɔ'ali] | <i>pessoal</i> |
| ['tali] | <i>tal</i> |
| [ɛ'brili] | <i>abril</i> |

Esse processo de neutralização ocorre no português de quase todas as regiões do Brasil, exceto em algumas partes do sul do país, onde ainda prevalece o /e/ átono final, como também já ocorria no português histórico, conforme assinala Nunes (1989).

4.1.7 A vogal *u*:

Os sons [u] e [ʊ] são alofones de /u/, pois estão em distribuição complementar em relação à tonicidade, como em:

| | |
|--------|---------------------------|
| [ã'du] | <i>andu</i> (feijão) |
| ['ãdʊ] | <i>ando</i> (verbo andar) |

a) O /u/ em posição tônica:

Esse fonema é oriundo do latim clássico e subsiste nessa variante pesquisada do português, como também na variante padrão, conforme a seguir:

| | |
|------------|-----------------|
| ['qũdʊ] | <i>quando</i> |
| ['qũmu] | <i>como</i> |
| [qõ'sultə] | <i>consulta</i> |
| [vɔ'lũmi] | <i>volume</i> |

| | |
|--------------|------------------|
| [ɪzkɾɪ'turə] | <i>escritura</i> |
| [ɛbɪ'suhdɔ] | <i>absurdo</i> |

Nunes (1989, p.55) exemplifica a historicidade desse fonema, em que cita alguns vocábulos como exemplos: *acūtu* > *agudo*, *lūna* > *lua*, *nūdu* > *nu*, *verrūga* > *verruca*, *salūte* > *saúde*.

b) O /u/ em posição pretônica inicial:

Neste *corpus* esse fonema pode ser oriundo do processo de assimilação das vogais altas /i/ e /u/ tônicas sobre as átonas, ou mesmo da influência de vogais átonas sobre outra átona, o que pode ocorrer no ambiente pretônico ou postônico.

| | |
|--------------------|------------------|
| [qũ'midə] | <i>comida</i> |
| [tɔ'aɫə]/[tɔ'ayyə] | <i>toalha</i> |
| [duẽ'tadɔ] | <i>adoentado</i> |
| [bũ'nitə] | <i>bonita</i> |
| [pɔ'favə] | <i>puxava</i> |
| [mɔ'tivɔ] | <i>motivo</i> |

Além dessa origem, historicamente ele é proveniente do *ū* do latim clássico e persiste até o português, como em: *mūralia* > *muralha*, *mūtare* > *mudar*, *sūdore* > *suor*, *crūdele* > *cruel*, *dūritia* > *dureza*.

c) O /u/ em posição pretônica não inicial

Representado pelo fone [u] essa pretônica segue a tendência a manter-se, quer originariamente do latim, quer se tenha transformado nesse fonema por meio do processo de assimilação ou dissimilação.

| | |
|------------------------|-----------------|
| [pɛqɔ'rey]/[pɛhqu'rey] | <i>procurei</i> |
| [ɪzqɔ'tey] | <i>escutei</i> |

| | |
|---------------|----------------------|
| [ɛpuzẽtẽ'sẽw] | <i>aposentadoria</i> |
| [mɛʃu'qo] | <i>machucou</i> |
| [dɔqʊ'mẽtu] | <i>documento</i> |

Entretanto, cai, quando em contexto acompanhado de *m, n, l, r* ou *z* (NUNES, 1989, p. 66-67), como: **rolutare > roldar, *moludare > moldar*.

d) O /u/ em posição postônica não final:

Nessa posição, não se identificou nenhuma ocorrência desse fonema na presente pesquisa. Ele segue a tendência que as demais vogais têm em cair, quando seguidas ou precedidas de consoantes que possam formar grupo consonantal com a vogal seguinte ou precedente (*Ibidem*, p. 68), tornando quase improdutiva a posição postônica não final das vogais para gerar as proparoxítonas: *pilŭla > perla, colubra > cobra, regŭla > regra, pericŭlu > perigo*.

e) O /u/ em posição postônica final:

Esse /u/, representado pelo fone [ʊ], em posição postônica final, ou que dessa forma se torna pela queda de uma consoante final, tende a persistir na linguagem oral do sertanejo balsense, em que, embora escrito como *-o*, é pronunciado *-u*: *periculu > perigo > pirigu, articulu > artigo > artigu, baculu > bago > bagu*. Em virtude da transformação sistemática do fonema /o/ final em /u/ nesse falar sertanejo, como também em quase todas as variantes do português do Brasil, este /u/ torna-se muito produtivo, o que se comprova no *corpus* levantado.

| | |
|-----------|----------------|
| [fɪ'cẽmu] | <i>ficamos</i> |
| [mẽnu] | <i>menos</i> |
| [ɛ'bilu] | <i>Abílio</i> |
| [vɪridu] | <i>vidro</i> |
| [tɛ'kãnu] | <i>tacando</i> |
| [ãdu] | <i>andam</i> |

| | |
|-------------------------|----------------|
| [¹ sisu] | <i>Cícero</i> |
| [dʒi ¹ fisu] | <i>difícil</i> |
| [¹ õỹbu] | <i>ônibus</i> |

4.1.8 Os quadros vocálicos do dialeto da região de Balsas-MA

Feito o levantamento dos sons vocálicos do léxico em análise, conforme foi visto anteriormente, verificamos cinco quadros, os quais apresentamos, a seguir, representativos dos fonemas vocálicos do dialeto sertanejo balsense. No primeiro, as vogais que apresentam a tonicidade máxima são /i/, [al¹griə] *alegria*; /e/ [bɪ¹zɛxə] *Bezerra*; /ɛ/ [ʒo¹zɛ] *José*; /a/ [ɪpɾɛzɛ¹radə] *emprazerada*; /ɔ/ [ʌ¹leo] *ôleo*; /o/ [pudɛ¹rozɔ] *poderoso*; e /u/ [qu¹tumi] *costume*, conforme reproduzimos abaixo:

Quadro 1 – Quadro das vogais tônicas no falar sertanejo do Sul do Maranhão

| | | | |
|---------------|-----|-----|-----|
| <i>Altas</i> | [i] | | [u] |
| <i>Médias</i> | | [e] | [o] |
| <i>Altas</i> | | | |
| <i>Médias</i> | | [ɛ] | [ɔ] |
| <i>Baixas</i> | | | |
| <i>Baixa</i> | | | [a] |

Fonte: A autora, baseada nos estudo de Câmara Jr. (1977)

Conforme é possível perceber, esses fonemas são bastante produtivos em nossa região, como exemplificamos: /i/, [kɛbɪ¹sɛrə] *cabeceira*; /e/, [pudɛ¹rozɔ] *poderoso*; /ɛ/, [ɪzpɛ¹rãsə] *esperaneça*; /a/ [pɛ¹ri¹sidu] *parecido*; /ɔ/ [dɛspɔ¹zaryə] *Desposáoria*; /o/[mi¹roh] *melhoro*. No entanto é incomum, e já o afirmavam Callou e Leite (2000) e Ferreira Neto (2001), a presença das médias baixas /ɛ/ e /ɔ/ na composição do quadro das vogais pretônicas do português falado em algumas regiões do Brasil, em que esse quadro está reduzido para apenas cinco vogais, e não estão incluídas as abertas /ɛ/ e /ɔ/.

Quadro 2 – Quadro das vogais pretônicas iniciais no falar sertanejo da região de Balsas-MA.

| | | |
|---------------|-----|-----|
| <i>Altas</i> | [i] | [u] |
| <i>Médias</i> | [e] | [o] |
| <i>Altas</i> | | |
| <i>Médias</i> | [ɛ] | [ɔ] |
| <i>Baixas</i> | | |
| <i>Baixa</i> | [a] | |

Fonte: A autora, baseado nos estudos de Câmara Jr. (1977)

Até o presente momento identificamos apenas o vocábulo *miorou* com a vogal pretônica não inicial média alta arredondada /o/ no léxico do falar sertanejo do Sul do Maranhão. O processo que geralmente impede a realização desse fonema é o alçamento dele em /u/, como em [ɪʀpuzɪ'sõw] *exposição*, [χɔ'drɪɲz] *Rodrigues*. Rara é a realização do fonema /e/ nesse ambiente tônico, como em [potre'ʒesi] *protegesse*.

Quadro 3 – Quadro das vogais pretônicas não iniciais no falar sertanejo do Sul do Maranhão

| | | |
|----------------------|-----|-----|
| <i>Altas</i> | [i] | [u] |
| <i>Médias</i> | [e] | [o] |
| <i>Altas</i> | | |
| <i>Médias Baixas</i> | [ɛ] | [ɔ] |
| <i>Baixa</i> | [a] | |

Fonte: a autora, baseada nos estudos de Câmara Jr. (1977)

As postônicas não finais apresentam-se com apenas um fonema, posto que nesse falar sertanejo há pouquíssima produtividade dos vocábulos proparoxítonos e, desta forma, há o apagamento dos fonemas /e/ e /o/ postônicos não finais, tornando-os paroxítonos e adotando a vocação natural da língua portuguesa, quanto a seu aspecto acentual.

Quadro 4 – Quadro das vogais postônicas não finais do falar da região de Balsas

| | | |
|--------------|-----|-----|
| <i>Altas</i> | [i] | [ø] |
| <i>Média</i> | [ø] | [ø] |
| <i>Baixa</i> | [ø] | |

Fonte: A autora, baseada nos estudos de Câmara Jr. (1977)

Para o quadro seguinte, o das vogais postônicas finais, ocorre neutralização entre o /o/ e /u/ e entre o /e/ e /i/. Esse fenômeno, como podem comprovar os dados anteriores, ocorre de forma bastante produtiva no *corpus* em análise, o que gera o quadro com a seguinte apresentação:

Quadro 5 - Quadro das vogais postônicas finais do falar sertanejo da região de Balsas

| | | |
|--------------|-----|-----|
| <i>Altas</i> | [i] | [u] |
| <i>Baixa</i> | [a] | |

Fonte: A autora, baseada nos estudos de Câmara Jr. (1977)

A neutralização entre as médias e altas fez com que esse quadro das postônicas finais se reduzisse para apenas três vogais finais, o que é muito comum na fala espontânea em quase todo o território brasileiro. Câmara Jr. (1977), nos estudos que realizou, afirma a ocorrência desses mesmos processos na região do Rio de Janeiro.

Em suma, o falar da região de Balsas possui quadros próprios das vogais pretônicas iniciais, das vogais pretônicas não iniciais e das vogais postônicas não finais. São semelhantes ao quadro do dialeto padrão do português apenas os quadros das vogais tônicas e o quadro das vogais postônicas finais.

4.2 As seqüências vocálicas

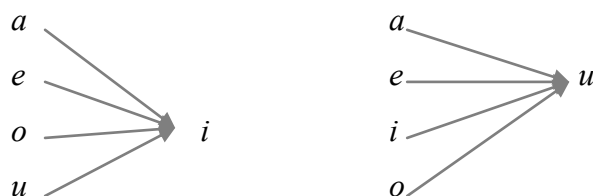
A emissão de uma só vogal na sílaba possui um som acusticamente diferente de quando se emitem dois sons vocálicos em sílabas diferentes, ou em um som vocálico mais um semivocálico, juntos na mesma sílaba. Estes sons semivocálicos também são conhecidos como assilábicos, pois não podem formar sílaba sem o apoio da vogal, diferentemente dos sons vocálicos silábicos, que ocupam a posição de núcleo e podem formar sílabas, sozinhos. São silábicas quaisquer vogais que estejam ocupando o núcleo da sílaba. São assilábicas o *i*, representado foneticamente por [y], e *u*, representado foneticamente por [w], quando não estão ocupando o núcleo da sílaba, ou ainda *e* e *o* nesta mesma posição, quando têm os respectivos sons reduzidos a /i/ e /u/.

4.2.1 Os ditongos

Os ditongos são classificados, conforme Nunes (1998, p. 76-77), em latinos, os que se originaram do latim, e românicos, os que se originaram a partir do período românico.

Os ditongos latinos foram *a-e*, *o-e*, *a-u* e *e-u*, dos quais *a-e* > /ɛ/ e *o-e* > /e/, enquanto que, provavelmente depois do século X, *a-u* tornou-se *ou*: *tauru* > *touro*, *auru* > *ouro*, *autumnu* > *outono*. Acerca do ditongo *ou*, Nunes afirma que ele se alterna, no português moderno com *oi*, como em *ouro* > *oiro*, *touro* > *toiro* etc. No entanto, parece incomum essa alternância no português geral do Brasil, salvo em alguns vocábulos, como em *coisa*. O ditongo *eu*, pouco produtivo em latim, reduziu-se, em alguns contextos, geralmente a simples vogal, como em *Eulália* > *Olália*.

As semivogais eram representadas pelos sons [y] (escrito *i* ou *h*) e [w], (escrito *u*) como em *dormio*, *dormhio*, *guarir* e *quando*, respectivamente. Paul Teyssier (2004, p. 31) apresenta as seguintes seqüências de combinações vocálicas que formam os ditongos do galego-português, em que o timbre inicial do *e* e do *o* eram fechados.



A alteração e o aumento do quadro dos ditongos ocorrem como consequência do processo de evolução que sofreu a língua, de meados do período galaico-português ao início do português moderno, conforme apresenta Teyssier (2004, p. 52).

Nesse entremeio, houve a alteração das vogais orais do hiato *a-e*, o qual passa a se confundir com *ai*, como em *a-e > ae ~ ai*: *sinaes > sinais*; e do hiato *a-o* que se torna *au*: *a-o > ao ~ au*: *ma-o > mao > mau*.

Os ditongos novos foram *ói*, resultante de *o-e > oi*; *éi*, resultante de *e-e > ee > éi*, e *eu*, resultante *e-o > eo > eu*. Ou seja, no século XV, já no português moderno, tínhamos os seguintes ditongos:

| | |
|-----------|-----------|
| <i>ai</i> | <i>au</i> |
| <i>ei</i> | <i>eu</i> |
| <i>ei</i> | <i>eu</i> |
| <i>oi</i> | <i>iu</i> |
| <i>oi</i> | <i>ou</i> |
| <i>ui</i> | |

O ditongo românico *ei* tornou-se *i*, quando átono na sílaba inicial, como em *eigreija > igreja*, *peior (arc.) > pior*, e tornou-se *e*, quando tônico, seguido de consoante: *cerveja (arc.) > cerveja*, *Tareija > Tareja (arc.)*. Esse ditongo continua a se reduzir a /e/ quando se realiza nas falas dos sertanejos da região de Balsas e nas demais falas populares do português do Brasil.

Os ditongos *ai*, *oi* ou *ui*, seguidos de consoante, perderam o segundo elemento que o compunha, tal como em *graixa > graxa*, *coixa > coxa*, *luita > luta*, *fruta > fruta*. Essas duas últimas formas são ocorrentes no falar pesquisado, embora não estejam compondo o *corpus*. Os ditongos *au*, *eu*, *iu*, *ou* perderam o segundo elemento, quando átonos, como em *paulito > palito*, *apousento > aposento*.

Os ditongos crescentes do período arcaico *iu /yu/* e *ia /ya/*, derivados do latim, com a semivogal muitas vezes representadas pelo /h/, desapareceram, como em *chuvha > chuva*, *ravha > raiva*, ao mesmo tempo, que alguns ditongos crescentes foram recuperados, como /ai/, muito usual no período arcaico: *adversariu (lat.) > aversairo (arc.) > adversário*, *contrariu (lat.) > contrairo (arc.) > contrário*.

Grafias como *agoa*, *agoardente* também são encontradas nesse período, como também registros que indicam a ausência da semivogal /w/ dos ditongos, como em *aguardar*

~ *agardar*, *aguardente* ~ *agardente*, o que evidencia, segundo Silva (2006, p. 66) a variação nessas seqüências vocálicas desde o período arcaico. No falar sertanejo essa variação é produtiva.

Apresentamos, a seguir, as seqüências vocálicas que se formam no falar da região Sul do Maranhão. Classificamos, inicialmente, os ditongos nas ordens crescentes (orais e nasais) e decrescentes (orais e nasais), como se seguem:

a) Ditongos crescentes:

Apresentamos os ditongos crescentes orais com a semivogal /y/, em palavras transcritas fonograficamente do *corpus* analisado.

| | | |
|-----|-----|--------------------------------|
| /y/ | /a/ | [õ'tõyḁ] <i>Antônia</i> , |
| | /ɛ/ | [muy'yɛ] <i>mulher</i> |
| | /e/ | [quy'yeh] <i>colher</i> |
| | /ɔ/ | [mã'dzɔkḁ] <i>mandioca</i> |
| | /o/ | [yo] <i>eu</i> |
| | /u/ | [mã'ju'sipyu] <i>manicipiu</i> |

Esses ditongos são bastante produtivos nessa região em virtude da queda das palatais /ʎ/ e /ɲ/, com a respectiva inserção do iode /y/. A esse fenômeno dá-se o nome de despalatalização.

A despalatalização, também conhecida como yeísmo, é um fenômeno bastante produtivo nos discursos pesquisados. Enquanto a palatalização (DUBOIS *et alli*, 1973, p. 448) “é o fenômeno particular de assimilação sofrido por certas vogais e consoantes em contato com um fonema palatal (...)”, a despalatalização consiste no fenômeno inverso, havendo a transformação do fonema palatal por um processo de iotização diante das vogais anteriores, -e, -ɛ e -i. Esse fenômeno ocorre como um retorno ao processo de eliminação dos encontros vocálicos (TEYSSIER, 2004, p. 48) quando do processo da evolução fonética do português europeu do século XIV.

O galego-português medieval era muito produtivo quanto à frequência dos hiatos, resultado da queda de consoantes como o *d*, o *l* e o *n* intervocálico. Com a posterior evolução

a tendência é a eliminação desses hiatos no século XVI³⁸, voltando a desenvolver-se a consoante entre duas vogais. Logo, o processo evolutivo pode se apresentar da seguinte forma:

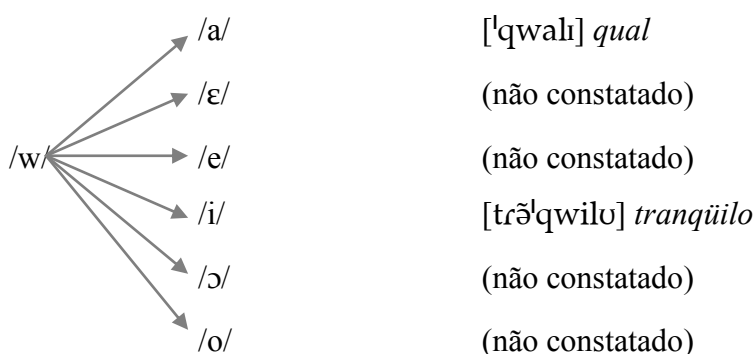
Quadro 6 – Processo evolutivo em alguns hiatos

| Latim | Séc. XIII a XVI (Arc.) | Séc. XVI (Mod.) | Realização no discurso do sertanejo balsense | Latim | Séc. XIII a XVI (Arc.) | Séc. XVI (Mod.) | Realização no discurso do sertanejo balsense |
|----------------|------------------------|-----------------|--|----------------|------------------------|-----------------|--|
| <i>Vinu</i> | vĩ-o | vinho | vĩ-u | <i>miliu</i> | milyu | milho | mii/miu |
| <i>Gallina</i> | galĩ-a | galinha | galĩ-a | <i>filiu</i> | filyu | filho | fii/fiu |
| <i>Manana</i> | manhãa/ | manhã | mãiiã/mãã/mãã | <i>teneo</i> | tenyo | tenho | têu |
| <i>Una</i> | ũa | uma | ũa | <i>muliere</i> | muliére | mulher | muié |
| <i>Unas</i> | ũas | umas | ũas | | | | |
| <i>Mea/mia</i> | mẽa | minha | mĩa | | | | |
| <i>Alicuna</i> | algũa | alguma | algũa | | | | |

Fonte: a autora

Percebe-se, a partir desses exemplos, que a realização de alguns desses ditongos, no dialeto sertanejo, ocorre de forma semelhante como se realizavam no período arcaico, ou seja, do século XIII ao século XVI. No entanto, há outras formas que são distintas daquelas existentes no século XIII.

Ditongos crescentes orais com a semivogal /w/



Não se registraram os ditongos crescentes *wɔ*, *wo*, nem *wɛ*, embora se saiba que este último existe nesse dialeto, em palavras como *guela* (goela). Quanto à palavra *tranqüilo*, ela também é usada em variação livre com a forma *tranqüilo*.

³⁸ Adotaremos, neste trabalho, a periodização abrangente, proposta por Silva (2006, p. 25), que estabelece como *português arcaico* aquele estabelecido no período que vai do primeiro documento escrito (1214) - *O Testamento de Afonso II* – até 1536/1540, datas das primeiras reflexões acerca da sistematização da língua.

b) Ditongos decrescentes:

Ditongos decrescentes orais com a semivogal /y/

| | |
|-----|--|
| /a/ | [xɐ'payzɪ]/[ə'day] <i>rapaz, andarem</i> |
| /ɛ/ | [vɛy]/[mɛyɔ'dziə] <i>velho, meio-dia</i> |
| /e/ | [mey]/[izɔ'ɥey] <i>meio, escutei</i> |
| /i/ | [miy] <i>milho</i> |
| /ɔ/ | [ɾ'dɔydə] <i>endoidece</i> |
| /o/ | [ɐ'χoyzɪ]/[ˈsoyzə] <i>arroz, Souza</i> |
| /u/ | [fuy] <i>fui</i> |

Os ditongos decrescentes orais com a semivogal /y/ são os mais produtivos pela tendência que tem as vogais, nesse falar, quando precedem os fonemas /s/ ou /z/ em sílaba final tônica ou átona, a realizarem-se como um ditongo, com o acrescentamento do *glide* /y/: [nóyz], [trɛ'veyz], [ˈmeyzɪ] *nós, outra vez, mês*. Outro fenômeno característico na formação dos ditongos, nessa região, é o apagamento das consoantes da sílaba final no futuro impessoal dos verbos: *andarem > andari > andai; passarem > passari > passai*.

| | |
|----------|----------|
| [ə'day] | andarem |
| [pɐ'say] | passarem |

Ditongos decrescentes orais com a semivogal /w/

| | |
|-----|---|
| /a/ | [kɛtɾɛ'daw] <i>catedral</i> |
| /ɛ/ | [ˈɛwkɪ] <i>Eric</i> |
| /e/ | [dɛw]/[ɛw] <i>deu, eu</i> ³⁹ |
| /i/ | [fiyɔ]/[viw] <i>filho, viu</i> |
| /ɔ/ | (não constatado) |
| /o/ | (não constatado) |

³⁹ Ressaltamos, aqui, a grande produtividade do fenômeno de variação livre, em que um falante pronuncia uma mesma palavra de maneiras diversas, como *eu ~ io, pecurei~percurei~porcurei*.

Dentre essas combinações, o *ow*, embora não apresente ocorrência, sabe-se que ele existe em palavras como *anzów* (< *anzol*) em variação livre com *anzoli* (< *anzoli*), *lençów* (< *lençol*) ~ *lençoli* (< *lençol*) e ainda *lançów*; o *ow* é o que mais se monotonga, em palavras como *machucô* (< *machucou*), *dotô* (< *doutor*) *vô* (< *vou*), daí a sua ocorrência vazia no levantamento dos discursos selecionados dessa pesquisa.

Quanto aos hiatos, estes foram classificados, conforme vários autores (NUNES, 1998, TARALLO, 1990 e outros), em hiatos latinos, aqueles que são provenientes do latim, e românicos, os que se originaram a partir do período românico, pela queda de consoante intervocálica. No processo de evolução dos hiatos latinos temos como tendência maior o desfazimento dos mesmos, com as seguintes alterações:

- o *l* e o *n* seguidos de *i* (u) tornam-se *lh* [ʎ] e *nh* [ɲ] respectivamente *filiiu* > *filho*, *consiliu* > *conselho*, *vinea* > *vinha*, *juniu* > *junho*, desfazendo a seqüência de segmentos;

- o *ci* ou *ti* dão *-z*, *-c*, e *-sch-*, quando o *ti* vem precedido de *s*: *judiciu* > *juízo*, *pretiare* > *prezar*;

- o *di* torna-se *j* antes de vogal: *insidia* > *enseja*, e em *c*, quando precedido de consoante ou ditongo: *verecundia* > *vergonça* (arc.);

- o *gi* torna-se *j*: *fugio* > *fujo*, **corrigeo* > *corrijo*; ou em *i*: *navigiu* > *navio*;

- em *si* ou *ssi*, a semivogal se une à tônica para formar ditongo e o *s* simples (sonoro) torna-se *j*: *basiu* > *beijo*, se dobrado (surdo), torna-se *x*: *passione* > *paixão*.

- os *ii* dobrados foram reduzidos ou a um *i* simples tônico, ou fez cair a semivogal: *Coímbria* > *Coimbra*, *Síntria* > *Sintra*, *vidrio* > *vidro*.

- quando as consoantes eram seguidas de *u*, cita Nunes (1998), a semivogal se junta à tônica e formam ditongo: *agua* > *auga* (arc.) > *água*; ou *cai*: *aquila* > *águia*, *al(i)quod* > *algo*, *al(i)quem* > *alguém*, *manuaria* > *maneira*, *januaria* > *janeiro*.

Nunes observa que em muitos casos a queda de *i* e *u* já se havia processado no latim vulgar. Todos esses casos demonstram a tendência que sempre teve a língua portuguesa em desfazer-se dos hiatos.

Também o hiato românico continuou a desaparecer fundindo-se as vogais semelhantes: *teer* > *ter*, *leer* > *ler*; com a queda de uma das vogais que formavam o hiato: *escaecer* > *esquecer*, *paomba* > *pomba* e com a ditongação da tônica: *cea* > *ceia*, *feo* > *feio*.

Nunes (*op. cit.*) observa que, não obstante a tendência a desaparecerem os hiatos no português, muitos deles se mantêm, além de que, na linguagem popular, o povo cria novos hiatos. Isso também se dá no falar analisado e no português do Brasil.

Teyssier (2004, p. 48-51) e outros autores ressaltam a grande quantidade de hiatos no galego-português resultante da queda do *d*, *l*, e *n* intervocálicos, conforme processo oriundo do latim. Ele afirma que, desde o século XIII, as evoluções ocasionaram a eliminação desses hiatos, por meio dos seguintes processos:

- desenvolvimento de consoante intervocálica entre *ĩ-o* e *ĩ-a*: *vĩo* > *vinho*;
- contração de duas vogais em posição tônica *lã-a* > *lã*, *bõ-o* > *bom*;
- contração das vogais, o que resultou num grupo de apenas sete das dez latinas existentes, conforme visto anteriormente;
- contração dos grupos átonos finais em posição postônica: *diabo-o* > *diabo*, *Braga – a* > *Braga*;
- contração das vogais de hiato em posição pretônica, que resulta gerar os fonemas abertos [a], [ɛ], [ɔ];
- contração de vogais orais gerando ditongos orais: *cruees* > *cruéis*, *ce-o* > *ceo* > *céu*.

Se, por um lado, houve o desfazimento de muitos hiatos, por outro, a queda do -d- intervocálico gerou novos encontros vocálicos como em *estades* > *esta-es* > *estaes* > *estais*, *vendedes* > *vende-es* > *vendees* > *vendeis*. No entanto, é comum a tendência à monotongação no falar pesquisado e no português atual, como afirma Teyssier (2004, p. 63):

- de *ou* > *o*
- de *ei* > *e*

Dentre os aspectos dos encontros vocálicos do falar sertanejo e do português do Brasil em geral, ressaltamos a alteração da pronúncia do ditongo *ei* [ey]. Esse ditongo, como os demais, tende à monotongação na linguagem popular, como *inteiro* > *intero*, *padeiro* > *padero* e o ditongo *ou* > *o*, como *ouro* > *oro*, *tesoura* > *tesora*.

Quadro 7 – Principais ditongos latinos decrescentes

| LATINOS | ARCAICO | MODERNOS | FALAR SERTANEJO DA REGIÃO DE BALSAS-MA |
|--|---|--|--|
| ae: saeta oe: poenna au: auru eu: heu (interjeição) | ay: apraixa ey: eigreja oy: coixa uy: luita aw: cautivo ew: teu iw: feriu ow: auriente | ay: vai éy: papéis ey: rei óy: rói oy: boi uy: azuis aw: pau éw: réu ew: meu iw: viu ow: roubo | ay: dimais éy: mei-dia ey: correi óy: indoida oy: dispois uy: fui aw: catredau éw: Euqui ew: eu iw: viu |

Quadro 8 – Principais ditongos crescentes

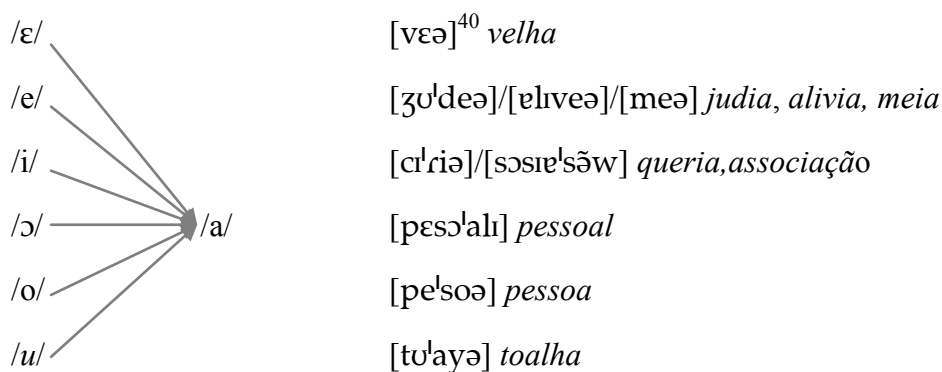
| ARCAICOS | MODERNOS | FALAR SERTANEJO DA REGIÃO DE BALSAS-MA |
|---|--|---|
| yu: filiu ya: milia wa: água wo: quota | ya: glória ye: quieta yo: médio (Sul do Brasil) ye: cárie (Sul do Brasil) yu: mistériu | ya: Ontôia ye: muié yô: iô (eu) yó: mandioca yu: manicípio wa: quali we: guela wi: lingüiça, tranqüilo |

Fonte: A autora

4.2.2 Os hiatos

Apresentamos os hiatos – seqüência contígua de dois segmentos vocálicos em sílabas separadas - no falar sertanejo da região Sul do Maranhão, como a seguir:

a) Levantamento do conjunto dos hiatos orais com a segunda vogal –a, no *corpus* analisado:



Os hiatos que têm como segunda vogal o fonema /a/ são muito produtivos no falar sertanejo pesquisado e no português. Fica comprovada, nessa região, a tendência a retornar os hiatos, com o desfazimento de alguns ditongos, como no hiato *e-a*, em *média* > *meia* > *meã*, *baseia* > *basea*. Nos verbos da terceira pessoa do singular do presente do indicativo, há a seguinte alteração: *alivia* > *alivea* e *judia* > *judea*, com a alteração do /i/ > /e/, que demonstram a preservação *e-a*, em que essas palavras eram formadas com o hiato, composto

⁴⁰ Esta forma se alterna com [veyə]/[veyyə].

de /e/ tônico, seguido de /a/ e mantido durante o período do português arcaico, como *candea* (AFONSO X, p. 28), *judea* (*Ibidem*, p. 76), *vena* > *vea* (> *veia*), *coena* > *cena* > *cea* (> *ceia*), *tēla* > *tea* (> *teia*), *candēla* > *candea* (> *candeia*) exemplos extraídos de Nunes (1989, p. 75) e que são comuns na região de Balsas.. O hiato *ia*, por sua vez, é bastante produtivo. Por vezes é formado pela queda da líquida /l/ como em *família* > *famia*. Em *o-a* a queda do /n/ gerou o hiato, como em *persona* > *persõa* > *pessoa*, e deste vocábulo originou-se o coletivo *peçoal* > *peçoali*, com o deslocamento do assento para a segunda vogal do hiato. O hiato *u-a* nesse *corpus* é resultado do alçamento da vogal *o* do hiato *ao*: *tuaia* (< *toalha*), diferentemente do hiato *u-a* original, como em *tábua* (< *tabŭlam*) ou de *espádua* (< *spatŭlam*), que não se realiza nesse falar em função da monotongação: *taba*, *ispada*.

b) Levantamento do conjunto dos hiatos orais com a segunda vogal -ε, no *corpus* analisado:

| | |
|-----|---|
| /a/ | (não constatado) |
| /e/ | (não constatado) |
| /i/ | (não constatado) |
| /ɔ/ | (não constatado) |
| /o/ | (não constatado) |
| /u/ | [mʊ¹ɛlə]/[mʊ¹ɛdə] <i>moela</i> , <i>moeda</i> |

Dentre os pares de hiatos que têm como segunda vogal o fonema /ε/, o mais comum é o *u-ε*, em que há o alçamento da primeira vogal do par /ɔ/ > /u/, e a segunda vogal é uma média baixa. O par *a-ε* é incomum, no entanto, ele se realiza no falar sertanejo em palavras como *aero*, *maestro*.

c) Levantamento do quadro dos hiatos orais com a segunda vogal -e, no *corpus* analisado:

| | |
|-----|-----------------------|
| /a/ | (não constatado) |
| /ε/ | (não constatado) |
| /i/ | [j¹ɛdə] <i>Ieda</i> |
| /ɔ/ | (não constatado) |
| /o/ | (não constatado) |
| /u/ | [ʒʊ¹ɛy] <i>joelho</i> |

Esses pares de vogais são improdutivos para formarem hiatos. O hiato *u-e* ocorre em *juei* (<*joelho* < *jeolho*), em que houve alçamento da primeira vogal que forma o hiato /o/ > /u/.

d) Levantamento do quadro dos hiatos orais com a segunda vogal *-i*, no *corpus* analisado:

| | |
|-----|--|
| /a/ | [xɐ'izi] <i>raiz</i> |
| /ɛ/ | (não constatado) |
| /e/ | (sem ocorrência) |
| /i/ | [ˈfĩi] <i>filhinho</i> |
| /ɔ/ | (não constatado) |
| /o/ | (não constatado) |
| /u/ | [ɛdu'si]/[mu'idu] <i>adoeci, moído</i> |

Quanto aos hiatos formados por vogais idênticas, além do *ã-ã* da palavra *mãã*, o grupo *i-i* possui uma pronúncia que mais se parece um alongamento para compensar a ausência da consoante palatal /ʎ/, oriunda do /l/, como em *filiu* > *filho* > *fio* > *fii*, *miliu* > *milho* > *mio* > *mii*. Entretanto, faremos o enquadramento desse grupo como hiato.

e) Levantamento do conjunto dos hiatos orais com a segunda vogal *-ɔ*, no *corpus* analisado:

| | |
|-----|-------------------------|
| /a/ | (não constatado) |
| /ɛ/ | (não constatado) |
| /e/ | (não constatado) |
| /i/ | [ɪ'lødɔ] <i>Iolanda</i> |
| /o/ | (não constatado) |
| /u/ | (não constatado) |

No grupo vocálico *i-ɔ* a segunda vogal realiza-se, conforme transcrito, como uma média baixa no falar sertanejo analisado, divergindo da forma como se realiza na região Centro-Sul.

f) Levantamento do conjunto dos hiatos orais com a segunda vogal –o, no *corpus* analisado:

| | |
|-----|---------------------|
| /a/ | (não constatado) |
| /ɛ/ | (não constatado) |
| /e/ | (não constatado) |
| /i/ | [i'odʊ] <i>iodo</i> |
| /ɔ/ | (não constatado) |
| /u/ | (não constatado) |

Improdutivos são os grupos formados tanto com o /ɔ/, quanto com o /o/ como segunda vogal, o que podemos verificar, com a ocorrência somente do grupo *i-o*, conforme esperado, posto que o /i/ e o /u/ são sempre muito produtivos, quer como vogais, quer como semivogais, como verificamos a seguir.

g) Levantamento do conjunto dos hiatos orais com a segunda vogal –u, no *corpus* analisado:

| | |
|-----|-------------------------|
| /a/ | [sɐ'udʒi] <i>saiúde</i> |
| /ɛ/ | (não constatado) |
| /e/ | (não constatado) |
| /i/ | [mi'udʊ] <i>miúdo</i> |
| /ɔ/ | (não constatado) |
| /o/ | (não constatado) |

Os hiatos formados com a combinação *a-ú* e *i-ú* são comuns tanto no falar sertanejo balsense quanto no dialeto padrão do português. Podemos, mesmo, formular um quadro das principais vogais silábicas de apoio à formação do hiato no falar sertanejo. Esse quadro é, pois, formado pelas vogais /i/, a mais produtiva e, em seguida, as vogais /u/ e /a/, consecutivamente.

Quadro 9 - Quadro das principais vogais silábicas de apoio à formação do hiato, no falar sertanejo da região de Balsas

| | |
|-----|-----|
| [i] | [u] |
| [a] | |

Fonte: A autora

Os hiatos, formados na maioria pela queda do *-l-* e do *-n-* intervocálicos, têm-se mantido, em virtude do caráter conservador da sílaba tônica (*-i* e *-u*).

Apresentamos, a seguir, um quadro dos principais hiatos do período arcaico e do *corpus* analisado.

Quadro 10 – Principais hiatos orais arcaicos e do *corpus* analisado

| PRINCIPAIS HIATOS ORAIS ARCAICOS | PRINCIPAIS HIATOS BALSENSES |
|-------------------------------------|--------------------------------|
| aa: maa<mala | ae: aero |
| ae: maestre<magister | ai: raizi |
| ao: mao<malu | ea: alivea, judea |
| ee: leer<legere | ea: vea |
| ii: viir<venire | ia: queria |
| oi: soidade<solidade | ie: Ieda |
| oo: sôo<salu | ĩĩ: fĩĩ |
| uu: nuu<nulo | io: Iolanda |
| | oa: pessoa pessoali |
| | ua: tuaia |
| | ue: mueda |
| | ue: Juei |
| | ui: aduici |

Fonte: A autora

4.2.2.1 Os hiatos primários e os hiatos secundários

Conforme pudemos observar, a segmentação das seqüências vocálicas está relacionada à organização da estrutura da sílaba, posto que esses segmentos vocálicos são componentes desta. Portanto, a estrutura da sílaba contém as categorias de segmentos das seqüências vocálicas com todas as regularidades que subjaz a essa classificação.

Outro fator importante na constituição da sílaba é o acento, já que ele faz gerar as regras de comportamento dos segmentos silábicos e está diretamente relacionado à postura dos segmentos vocálicos dentro da sílaba.

Foram vistas as seqüências vocálicas que formam os ditongos crescentes, os ditongos decrescentes e os hiatos. Quanto a estes, observamos a riqueza da produtividade deles no falar pesquisado, mesmo com a tendência geral que há nas línguas para a eliminação deles. Ou seja, ao mesmo tempo em que há uma tendência a eliminá-los, também vão surgindo, nas línguas, nos dialetos e nos falares, novos processos de simplificação da linguagem falada, sendo os vocábulos alvo de inserção, apagamento, troca ou alteração de segmentos tanto vocálicos quanto consonantais. O surgimento desses processos de simplificação da linguagem, por sua vez, interfere no comportamento dos segmentos, dentro do ambiente silábico, e pode contribuir para o surgimento de novas seqüências de segmentos vocálicos. No falar do sertanejo balsense ocorre, com freqüência, o apagamento das palatais *lh*, *nh* e *n*, cujos correspondentes fonéticos são [ʎ] e [ɲ], [n] como em *toalha* > *tuaia*~*tuaiia*, *manhã* > *maiã*~*maiãã*, *velha* > *veia* ~ *véiia*, *olho* > *oiu* ~ *oiuu*, *Vânia* > *Vâia* ~ *Vãiiã*⁴¹. Por conseguinte, o falante natural encontra um ambiente fonético favorável para a inserção do iode⁴², como também tenta compensar a queda desses fonemas por meio de uma regra de compensação expressiva na realização da vogal, complementando-a com o iode. Em decorrência do apagamento dos fonemas consonantais e da inserção do iode, a classificação das seqüências de segmentos vocálicos fica alterada, pois entre duas vogais de sonoridade bastante alta, houve queda do fonema palatal e em seu lugar foi inserido um iode (ou dois). Houve, pois, a alteração dos sons [ʎ] e [ɲ] por um de sonoridade maior, o [y]:

| | | | |
|-----------|---|-----------|---------------|
| [to'ʎaʎə] | > | [tu'aɣyə] | <i>toalha</i> |
| [ʎvɛʎə] | > | [ʎvɛyə] | <i>velha</i> |

E ainda, quando nasalizados os fonemas, esse traço se mantém, conforme podemos verificar na primeira coluna de transcrição fonética, correspondente à variante padrão do português e, na segunda coluna, correspondente ao falar pesquisado.

⁴¹ Nem sempre fica bem claro numa palavra, pela gravação, se há a inserção de um ou de dois iodes em compensação pela queda do fonema palatal. Nesse sentido lamentamos por não fazermos uma análise acústica computadorizada, que poderia fornecer-nos dados mais precisos.

⁴² O termo *iode* tem a acepção, aqui, de semivogal que compõe ditongos crescentes ou decrescentes (HOUAISS & VILLAR, 2001).

| | |
|----------------------------|--------------------|
| [ẽtrã'ɲadu] > [ĩtrãỹ'yadu] | <i>entranhando</i> |
| [majã] > [mayã] | <i>manhã</i> |
| [ɔ'kãdu] > [ɔy'yãdu] | <i>olhando</i> |
| [ã'toɲã] > [o'tõyyã] | <i>Antônia</i> |
| [ẽmã'ɲã] > [ẽmãỹ'yã] | <i>amanhã</i> |

Podemos perceber que a forma fonética simplificada do falar balsense passou a ter as seguintes seqüências de segmentos vocálicos:

| | |
|--------------|----------------|
| [ĩtrãỹ'yadu] | <i>ãi-ia</i> |
| [mãỹ'yã] | <i>ai-iã</i> |
| [ɔy'yãdu] | <i>oi-iã</i> |
| [o'tõyyã] | <i>õi-ia</i> |
| [tɔ'ayyã] | <i>u-ai-ia</i> |
| [vẽyyã] | <i>éi-ia</i> |

Essas seqüências podem, pois, serem classificadas da seguinte forma:

- [ĩtrãỹ'yadu] *ãi-ia*: ditongo decrescente (ãi); ditongo crescente (ia)
- [mãỹ'yã] *ai-iã*: ditongo decrescente (ãi); ditongo crescente (iã)
- [ɔy'yãdu] *oi-iã*: ditongo decrescente (ói); ditongo crescente (iã)
- [o'tõyyã] *õi-ia*: ditongo decrescente (õi); ditongo crescente (ia)
- [tɔ'ayyã] *u-ai-ia*: hiato (u-ai); ditongo decrescente (ai); ditongo crescente (ia)
- [vẽyyã] *éi-ia*: ditongo decrescente (éi); ditongo crescente (ia)

No entanto, somente esta classificação não dá conta das relações que há entre os diversos tipos de seqüências que se conectam dentro destes vocábulos. Fica, pois, a pergunta de como seriam classificadas as seqüências de segmentos vocálicos uma em relação [←→] a outra seqüência, nos seguintes grupos:

- a) *ãi* <-> *ia*
- b) *ãi* <-> *iã*
- c) *oi* <-> *ia*
- d) *õi* <-> *ia*
- e) *u* <-> *ai* <-> *ia*
- f) *é* <-> *ia*

Um problema que parece se nos apresentar é a inserção do iode (assilábica) entre a seqüência de duas vogais (silábicas), quer apenas com um iode, se se considerar como em “f)“ *é* <-> *ia*, quer com a seqüência de dois iodes como “a)“ *ãi* <-> *ia*, e “c)“ *oi* <-> *ia*. Não podemos, no entanto, ignorar que há aí uma seqüência complexa de segmentos vocálicos.

Da classificação tradicional das seqüências vocálicas existentes no português, de acordo com a gramática tradicional, é o *hiato*, o termo usado para classificar o grupo de duas vogais contíguas, porém, pronunciadas em sílabas diferentes. Essa definição deixa claro que a seqüência das vogais é contígua, ou seja, estão juntas como em [to'laʎə] > [to'ayə] *toalha*, *u* <-> *ai*, em que o *a* vem logo após a primeira vogal do hiato (*u*), ou seja, o som que vem primeiramente após a primeira vogal do hiato é outra vogal. Cabe ressaltar, no entanto, que essa definição fechada pode ser problemática, porque está voltada somente para o português padrão na modalidade escrita.

Como fazer então com uma seqüência, em relação à outra, dos dois ditongos, decrescente e crescente respectivamente, dessa mesma palavra *ai* <-> *ia*, se entre as duas vogais *a* existem dois iodes, i.e., não é realizada após a vogal, primeiramente outra vogal, ou seja, se as vogais, uma em relação à outra estão em posição secundária? Resta-nos, pois, classificar essa seqüência de segmentos vocálicos como *hiato secundário*. Isto se justifica por que: i) primeiro, estamos considerando o grau de sonoridade mais alto que classifica esse segmento como vogal, i.e., as vogais produzem uma proeminência sonora maior em relação aos demais segmentos; ii) mesmo havendo o iode entre essas duas vogais, o grau de sonoridade mais alto é o das vogais; iii) o nível de posicionamento padrão regular de uma vogal em relação à outra, que subjaz à sua realização, é secundário; iv) o fator “sílabas diferentes” para classificar tanto o hiato primário quanto o hiato secundário é levado em consideração, ou seja, constitui uma regularidade comum aos dois tipos de hiatos; v) esse tipo de segmentação é bastante produtiva no falar sertanejo pesquisado, o que lhe dá *status* de “regularidade de processo”; vi) o hiato secundário é sistematicamente formado em contexto

fonológico em que houve o apagamento dos fonemas palatais /ʎ/ e /jɲ/; vii) essa classificação, como taxonomia gramatical, vem dar conta da inovação que está ocorrendo na dinâmica desse falar.

Deduzimos, nesta análise, que o hiato a que aqui estamos denominando “secundário” possui uma regularidade produzida pela força da atuação dos processos de queda e alteração de fonemas e que essa regularidade atua de forma independente, em relação à existência do hiato primário, pois a ocorrência daquele independe da existência deste. Além dos processos que organizam a estrutura silábica, o hiato secundário pode ser sensível à força da entonação da palavra e da acentuação, o que merece um estudo específico.

4.3 A nasalidade vocálica

O termo “nasal” é usado para definir o aspecto articulatório de um som em que, no momento da realização deste, a passagem de ar pela cavidade bucal fica parcialmente bloqueada e o ar procura sair pela cavidade do nariz. Malmberg (1998, p.78-79) diz que esses sons são oclusivos, quanto ao aspecto da cavidade bucal, em virtude do fechamento da passagem de ar pela boca, o que, conseqüentemente, ocasiona o abaixamento do véu palatino e ocasiona a passagem livre do ar pelo nariz.

Ladefoged (1971, p. 33) atribui como prática comum o uso do termo “nasalizado”⁴³, para especificar os sons realizados, quando o véu palatal é abaixado e o som não é totalmente preso, quando da passagem de ar pela boca, de forma que parte do som é expelida pela cavidade oral e a outra parte pela cavidade nasal. Ele cita acerca dos sons nasalizados que:

Em todas as línguas que eu tenho investigado esses sons ocorrem somente onde uma das vogais adjacentes é também nasalizada; eu não sei de nenhum contraste entre semivogais nasalizadas e não nasalizadas, em que uma vogal adjacente não é similarmente especificada pelo processo oro-nasal. Isto é, portanto, uma outra forma de dizer que o processo oro-nasal freqüentemente afeta a sílaba como um todo.⁴⁴

Há, portanto, uma diferença básica entre o que se pode depreender de um som nasal e de um som nasalizado. A partir daí, surgem pelo menos duas perspectivas diferentes, como propõe Collischonn (2006, pp. 7-8), para considerar o aspecto da nasalidade das vogais

⁴³ É esse o termo que estamos utilizando para denominar os sons que possuem a sonância nasal.

⁴⁴ Tradução nossa.

no português: i) uma que considera que há, fonologicamente, uma vogal eminentemente nasal, como em /kãpo/; ii) outra que considera, fonologicamente, que há a vogal oral seguida da consoante nasal, como em /kaNpo/.

Essa polêmica, deixemo-la para que um outro pesquisador a tome. Por agora interessa-nos discorrermos acerca de outros aspectos da nasalidade e apresentarmos o levantamento dos quadros das vogais nasalizadas e das seqüências vocálicas nasalizadas do falar sob análise, conforme se seguem.

4.3.1 Representação da nasalização

Inicialmente queremos ressaltar a fértil variação da representação da nasalização pelo /~/, /n/, /m/ e /ɲ/ não só no falar pesquisado e no português moderno, como no português histórico em geral, conforme Silva (2006) e Teyssier (2004) ressaltam, o que podemos verificar nos exemplos seguintes:

mãã
campo
mesq[u]ỹa

4.3.2 Percurso da nasalização

Nunes (1989, p. 112) apresenta a possibilidade da existência da ressonância da nasal sobre a vogal com que está em contato, desde o latim, a partir de pistas deixadas pelos gramáticos romanos, ortografias das inscrições, métrica e testemunho das línguas românicas. No caso da nasal intervocálica, teria a nasal comunicado a ressonância à vogal precedente; num segundo momento, essa vogal teria absorvido esse som, havendo a fusão dos dois, o que exemplifica com: *lãn-a* > *lã-a* > *lã*; *bõn-o* > *bõ-o* > *bom* (ou *bõ*). Este processo gerou, na época um grande número de hiatos, nos quais, na fase arcaica, ainda foi mantida a ressonância nasal, como em *bõa*, *hũa*, e *vỹo*.

A presente pesquisa se vale de autores diversos que discorrem sobre a nasalização e que podem dar sustentação à consecução desta análise. Dentre esses autores, Williams (1994, p. 108) apresenta o fenômeno da nasalização da vogal - de influência dos povos celtas

- produzida pela ressonância das nasais, quer em posição inicial, medial ou final. Afirma essa influência sobre as vogais (*op. cit.*, p. 81), no curso do século X, quando o *n* intervocálico, após ter nasalizado a vogal antecedente, cai, nas seguintes condições:

- Quando as vogais eram semelhantes e a primeira era tônica houve a ressonância nasal com a contração dessas vogais: *bōnum* > *bōo* > *bom*; *lanam* > *lāa* > *lã*; *tenes* > *tēees* > *tens*.

- O *e* final átono se tornou *i* e se contraiu com o *i* tônico: *fines* > *fiis* > *fins*

- O *o* final átono se tornou *u* e se contraiu com *u* tônico: *ūnum* > *uno* > *ūm* > *um*

- Em palavras eruditas o sufixo *-ano* permaneceu: *humanum* > *humano*.

- O *n* intervocálico manteve-se em palavras eruditas: *fortunam* > *fortuna*; e em empréstimos: *septimanam* > *semana*.

Câmara Jr. (1998, p. 30-33) faz uma rica discussão sobre os aspectos da nasalização, em que afirma que há duas formas básicas para explicar esse fenômeno junto às vogais. A primeira, que manifesta o caráter de nasalização pura das vogais, como é característico no francês, em que cita a oposição no fechamento consonântico de */bon/* em relação a */bõ/*. A outra forma é a nasalização da vogal em português, em que cita a vogal nasal como sendo fonologicamente “vogal fechada por consoante nasal”⁴⁵. Ao afirmar a não existência da nasalização pura em português, ele atribui a esse processo “a emissão de uma rápida consoante nasal de travamento como o traço acompanhante”⁴⁶, ou seja, a sílaba tornou-se travada, em virtude de uma consoante nasal após a vogal, como em [mĩnto] *minto* em contraste com [mitu] *mito*, ao que ele atribui um valor fonológico.

Apresentamos exemplos extraídos de nosso *corpus*, para ilustrar a nasalização de valor fonológico como atribuído por Câmara Jr.:

| | |
|--------------------|------------------|
| [o'yãndu]/[o'yãnu] | <i>olhando</i> |
| [dɔɔqʊ'měntu] | <i>documento</i> |
| [ˈdõndzɪ] | <i>donde</i> |
| [e'ʒũntə] | <i>junta</i> |

Observam-se, nesses vocábulos, vogais nasalizadas pelo efeito assimilatório que faz surtir o arquifonema nasal acompanhante sobre a vogal anterior. Como propõe Câmara Jr.

⁴⁵ Grifo nosso.

⁴⁶ Idem.

(1998, p. 30-31), há o fechamento da sílaba ocasionado pelo traço de nasalização emitido pela vogal nasalizada da mesma sílaba.

O segundo tipo de nasalização do português, proposto por Mattoso, é transmitido pela consoante nasal da sílaba seguinte a uma vogal que a precede, como em [kãm̃a], em que não possui valor fonológico, pela falta de contraste distintivo entre [kãm̃a] e [kama], esta última enunciação, sem a nasalização. Este tipo de nasalização espraçada pode ser percebida no seguinte vocábulo do *corpus* pesquisado:

[qũ'padʒi] *compadre*

Em alguns vocábulos, o caráter do espraçamento do traço de nasalização do *m* e do *n* intervocálicos para a vogal anterior muda, dependendo da região. Conforme informado anteriormente, essa diferenciação não possui valor fonológico, como ressalta Câmara Jr.(1998). Os vocábulos da primeira coluna abaixo, com o espraçamento da nasalização, são foneticamente característicos na região pesquisada.

[kɛrke'mãʒu] *carcamanu*

[dɔqu'mêtu] *documento*

No falar pesquisado, aparece como nos vocábulos que transcrevemos a seguir, a vogal anterior ao fonema nasal *m* sem o espraçamento dessa nasalização. Parece que isto se deve ao desfavorecimento do ambiente pelas vogais baixas e médias baixas que antecedem a sílaba alternada à sílaba que tem como coda o fonema nasal ativo /m/ ou /n/. Além disso, percebemos uma força emitida pela existência do acento secundário na sílaba anterior alternada à sílaba que tem como coda a nasal (o acento secundário está se alternando com o acento primário). Ou seja, o ambiente precedente ao da vogal que sofreria a nasalização regressiva parece não favorecer o processo de dissimilação nasal nesse falar, pela força do acento secundário, como em:

[bã'nãnə] *bããna* [benãnə] *banãna*

[ãm'igʊ] *ãmigo* [e'migʊ] *amigo*

Nos exemplos seguintes há o efeito contrário, com o espraçamento da nasalização, quando o núcleo da sílaba que antecede imediatamente a nasal que espraia o traço de

nasalização ou da sílaba alternada que antecede aquela nasal é uma vogal alta /i/ ou /u/, ou quando não recebe a influência de uma vogal baixa que precede o núcleo daquela sílaba, posto que as vogais altas são muito suscetíveis a favorecer alterações nos ambientes que as cercam, além da ausência do acento secundário, o qual ajudaria a bloquear o espriamento da nasalidade, como podemos verificar:

| | |
|-----------|----------------|
| [lɾ̃gũmi] | <i>legume</i> |
| [ˈqũmu] | <i>como</i> |
| [qũmeˈse] | <i>comecei</i> |

Câmara Jr. (1998) continua justificando seu postulado sobre a nasalização, ao argumentar a não adesão da vogal nasal à crase. Acrescenta a seus argumentos o fato de inexistir um /r/ brando seguinte à vogal nasal. Esse /r/ forte ou brando é contrastante como nos vocábulos *era/erra*, *caro/carro*. Seguindo uma sílaba fechada, ressalta a presença apenas do /r/ forte, o que comprova a existência implícita ou explícita da consoante no processo de constituição de nasalização, como em *tenro* e *honra*.

No estudo acerca da nasalização, Câmara Jr. (1998) afirma a inexistência em português de vogal nasal em hiato. Esse processo se daria ou pelo desaparecimento da nasalização como em *luna* > *lua*, ou pelo surgimento de uma consoante nasal intermediária, para desfazer o hiato como no feminino de *um/ũa* > *uma* ou no pronome indefinido negativo *nenhum* < *nem+um*.

Silva (2006, p. 67), a exemplo de Nunes, reafirma a nasalização das vogais e dos ditongos do português provenientes de vogais seguidas de consoantes nasais no latim, as quais dispõe em: i) posição implosiva (homossilábica): *cambiare* > *cambiar*; ii) em posição intervocálica, com o desaparecimento da consoante nasal: *lana* > *lã*, *manu* > *mão*; iii) em posição implosiva em final de palavra, antes de pausa: *amant* > *amam*, *in* > *em*, *cun* > *com*. iv) nasalização resultante da contigüidade da consoante nasal da sílaba seguinte (heterossilábica), que não desapareceu: *amare* > *amar*, *flamma* > *chama*. A partir desta exposição ela ressalta o caráter regressivo da nasalização no português – o que também o faz Callou & Leite (2000, p. 23) – e a possibilidade de existência dessa ocorrência no português arcaico. De fato, há muitas evidências do espriamento regressivo da nasalidade no galego-português, em palavras como *põer*, *rezõaron*, *pregoando*.

A existência do caráter regressivo da nasalização, no português, abre espaço para que também seja considerada a possibilidade da existência do caráter progressivo da nasalização nesta língua. Embora menos comum, mas não deve ser ignorada a nasalização resultante da relação de proximidade imediata da vogal imediatamente posterior a um fonema nasal, como em *bem ali* > *bẽãli*, *Chacrã* > *Chacrãã* e *muito* > *mũito*. Nesse exemplo não há a representação da nasalidade em *ali* com o til ou consoante nasal no final da palavra anterior, mas percebe-se claramente o espriamento da nasalização para a sílaba seguinte à da palavra *bem*, sílaba que é primeiramente característica do sinal de nasalização.

Um processo que marca de forma bastante produtiva a nasalização da vogal é a queda do *n* intervocálico, inicialmente característica do galego-português, pelo século XI a XII, próximo ao aparecimento dos primeiros textos escritos, afirma Teyssier (2004, p. 18). Segundo ele, o processo deu-se com: i) nasalização da vogal precedente: *corona* > *corõna*; ii) queda do *n*: *corõna* > *corõa*, que é a forma do galego-português.

4.3.3 Descrição da nasalidade na variante balsense

No falar sertanejo pesquisado percebemos a produtividade da nasalização das vogais. Passamos a descrever, abaixo, para uma melhor compreensão, as vogais com traço de nasalização, presentes nessa variante. Elas estão ordenadas na primeira coluna e, na segunda coluna, no português padrão. As palavras são apresentadas de acordo com o aspecto acentual: primeiramente, as tônicas, em seguida, as átonas.

a) A tônica /ã/:

Essa vogal, representada pelo fone [ã], ocorre quando vem antes ou depois de uma consoante nasal [m], [n] ou [ɲ], na mesma sílaba ou não, ou quando já possui estabilidade nesse processo de nasalização a ela incorporado, isto é, não há a presença da consoante nasal, pois esta sofreu apagamento, mas permaneceu o traço de nasalização. Essa vogal central, seja inicial, medial ou final, é fechada pela ressonância nasal (WILLIAMS, 1994, p. 108), como em *canto* > *canto* [ˈkãtu] e nos exemplos que transcrevemos abaixo:

| | |
|-------------------|----------------|
| [ɔ'yãdu]/[ɔ'yãnu] | <i>olhando</i> |
| [ũnãw̃]~ [nãw̃] | <i>não</i> |
| [ĩ'tãw] | <i>então</i> |
| [ɪzpɔ'rãw̃] | <i>esporão</i> |
| [ˈsãym] | <i>sangue</i> |

b) A tônica /ẽ/:

Esse fonema, representado pelo fone [ẽ], apresenta-se apenas como vogal fechada no falar pesquisado. Também se apresenta nessa mesma forma no português do Brasil, afirma Teyssier (2004, p.102), ao discorrer sobre as inovações da fonética brasileira. Ocorre que há o fechamento da sílaba, e, obviamente, da vogal tônica, ocasionado pelo traço de nasalização emitido pela consoante nasal da mesma sílaba, conforme a seguir.

| | |
|-------------|------------------|
| [dɔqɔ'mẽtu] | <i>documento</i> |
| [ˈmẽnu] | <i>menos</i> |
| [kɾi'ẽtʃi] | <i>cliente</i> |

Diferentemente do português de Portugal, esse processo ocasiona a neutralização entre o timbre aberto e fechado para as vogais *a*, *e* e *o*, quando diante de consoante nasal. Resumindo, não temos os sons /a/, central aberta, /ɛ/, média baixa e /ɔ/ média baixa, nasalizados.

c) A tônica /ĩ/:

Entre o *i*, *a* ou *u* desenvolveu-se a palatal [ɲ], como em: *divinare* > *adivinhar*; **ne (nec) –unum* > *nẽ hum* > *nenhum*. Quando a primeira vogal era *i* tônico e a segunda *a* ou *o*, houve o surgimento de uma palatal entre ambas: *gallinam* > *gallia* > *galinha*; *vicinam* > *vizãa* > *vizinha*; *vinum* > *vĩo* > *vinho*. No falar pesquisado, a palatal não se realiza, o que podemos verificar nos exemplos seguintes.

| | |
|------------|------------------|
| [ˈtʃiə] | <i>tinha</i> |
| [kəroˈsi] | <i>carocinho</i> |
| [izˈpiə] | <i>espinha</i> |
| [pẽneˈdiə] | <i>penadinha</i> |

Nesse falar regional de Balsas não houve o desenvolvimento desse último estágio (século X) - o que podemos observar acima - conservando-se, este fenômeno, como em muitos vocábulos no galego-português: *camão*, *festão*, *armão*.

d) A tônica /õ/:

| | |
|-----------|-----------------|
| [õˈtõyə] | <i>Antonia</i> |
| [ˈdõdʒi] | <i>donde</i> |
| [ˈkrõtʃi] | <i>encontro</i> |
| [ˈõybʊ] | <i>ônibus</i> |

Seguiu o exemplo da ressonância nasal mantida em *ã-o*, *õ-e*, e *ã-e*, o que gerou ditongos nasais com a queda do *n* intervocálico, como em *ônibus*, onde houve, como esperado, a queda da nasal *n*, o que ocasionou a formação do ditongo nasal *õi* (*õibu*). Esse processo foi registrado por volta do século XII em palavras como *germanum* > *irmão*; *manum* > *mão*; *lectiōnes* > *lições*; *pōnes* > *pões*; *canes* > *cães*.

e) A tônica /ũ/:

| | |
|------------|---------------|
| [eˈɫũə] | <i>alguma</i> |
| [eˈʒũtə] | <i>junta</i> |
| [dʒiˈʒũtu] | <i>junto</i> |

Uma labializada desenvolveu-se entre o *u* e *a* finais: *unam* > *hũa* > *uma* (e seus derivados). Também aqui o estágio intermediário, sem a consoante bilabial, se mantém até

nossos dias nas formas nasalizadas desse falar sertanejo e de alguns outros falares, sem a presença da consoante labial como no vocábulo [ɐ'ɔũə] *alguma*.

Ainda sobre as nasalizadas tônicas, Nunes (1989, p. 189) expõe que a vogal final de sílaba tônica, seguida imediatamente por consoante nasal que inicia a sílaba seguinte, recebia a ressonância nasal: *lama* > *lãma*; *feno* > *fẽno*; *tino* > *tĩno*; *dono* > *dõno*; *sumo* > *sũmo* como também nos vocábulos do *corpus* analisado:

| | |
|------------|-----------------|
| [pɾɔ'bẽmə] | <i>problema</i> |
| [fi'cẽmɔ] | <i>fiquemos</i> |
| [l'qũmɔ] | <i>como</i> |
| [liɔũmi] | <i>legume</i> |
| [ɔɯʃ'tũmə] | <i>costuma</i> |
| [pɾi'cẽnə] | <i>pequena</i> |
| [l'mẽnu] | <i>menos</i> |

Nas nasais finais *ĩ*, *õ*, *ũ* ou *im*, *om*, *um*, houve um primeiro estágio em que a vogal oral se dobrou, atenuando a segunda vogal e que gerou: *ẽi*, *õo* (õu) *ũu*, o que ainda hoje se verifica em *ẽ* (ou em, *ẽi*), ao que se registrou ter havido *teem* > *tẽi*; *veem* > *vẽi*; *fim* > *fim*; *doom* > *dom*; *alguum* > *algum*.

f) A pretônica /ã/:

| | |
|-------------|-------------------|
| [ɛ'tãw] | <i>então</i> |
| [bãĩ] | <i>banhozinho</i> |
| [ɛmãɣ'ỹã] | <i>amanhã</i> |
| [xã'kavə] | <i>arrancava</i> |
| [ɾmã'dadzɪ] | <i>irmandade</i> |
| [pɾã'tavə] | <i>plantava</i> |

Esse fonema vem representado pelo fone [ã]. A observação acerca da existência de sons nasalizados apenas fechados vale tanto para as vogais tônicas quanto para as átonas pretônicas e postônicas, em que a diferença de traços ocorre apenas quanto ao aspecto acentual. Dito isto, observa-se no *corpus* analisado também a pretônica /ẽ/. Williams (1994, p. 54) observa que, se a vogal *a* pretônica do latim vulgar era seguida de nasal, ao passar por um processo de contração, fechava-se, como *călĕntem* > *caente* > *queente* > *quente*; *palũbum* > *paombo* > *pombo*.

g) A pretônica /ẽ/:

Esse fonema nasalizado é representado pelo fone [ẽ], como em:

| | |
|--------------|--------------------|
| [duẽ'tadu] | <i>adoentado</i> |
| [ɛpuzẽtesãw] | <i>aposentação</i> |

Quando esse fonema nasalizado vem em posição inicial de palavra no falar pesquisado, sua realização fonética torna-se [i], como podemos verificar em:

| | |
|-----------|------------------|
| [i'baʃu] | <i>embaixo</i> |
| [i'dɔydə] | <i>endoidece</i> |
| [i'tãw] | <i>então</i> |
| [iʒẽyʊ] | <i>engenho</i> |

h) A pretônica /ĩ/:

Essa pretônica não apresenta dúvidas quanto ao seu aspecto de vogal alta, fechada, acrescentando-se a nasalidade desta, quer pelo espraçamento de uma nasal da mesma sílaba, quer pelo espraçamento nasal de uma sílaba adjunta.

| | |
|----------------|---------------------|
| [ɪgɐxɐ'ʃah] | <i>engarranchar</i> |
| [dʒi'ɛɾu] | <i>dinheiro</i> |
| [sɨ'ɔɾə] | <i>senhora</i> |
| [idɛtʃi'dadʒi] | <i>identidade</i> |
| [i'tɛ] | <i>até</i> |
| [i'zɛ̃y] | <i>engenho</i> |
| [vi'dʒiə] | <i>vendia</i> |

Fértil é a disponibilidade dessa vogal para receber o traço de nasalização, no falar em estudo, mesmo quando nenhuma nasal se encontra em posição adjunta, como é o caso de [i'tɛ] *até*, onde houve a elevação da baixa /a/ > /i/, juntamente com a nasalização espontânea. Nunes (1989, p. 57) lembra a tendência que tem a língua portuguesa a repugnar o *e* e *i* iniciais isolados, e que, ao conservá-los, muitas vezes os nasaliza, como podemos verificar em [i'tɛ] *até* e em [idɛtʃi'dadʒi] *identidade*. Em [i'zɛ̃mi] *exame* e [i'brɛ̃mə] *IBAMA* pode haver a ressonância da nasal à distância, apesar de que a ausência desta na palavra não impossibilita a manifestação do traço de nasalidade sobre o *i*.

i) A pretônica /õ/:

Muitos são os exemplos com esse fonema no falar pesquisado, como transcrevemos a seguir:

| | |
|-----------|-----------------|
| [qõ'sutə] | <i>consulta</i> |
| [tõ'mɛy] | <i>também</i> |
| [õ'tɛw] | <i>então</i> |

Segundo Williams (1994, p. 57) esse fonema é oriundo do /o/ pretônico do latim vulgar seguido por um grupo consonantal iniciado por nasal, como em *compūtāre* > *contar*.

j) A pretônica /ũ/:

Esse fonema, pretônico nasalizado, representado pelo fone [ũ], como ocorre abaixo, é oriundo da passagem que se deu na língua culta, de *on*, *om* para *um*, como Nunes (1989) cita. Segundo ele, essa instabilidade deve-se à atonia do *o*.

| | |
|------------|----------------|
| [ũ'nãw̃] | <i>não</i> |
| [qũ'i'si] | <i>conheci</i> |
| [qũ'me'se] | <i>comecei</i> |
| [qũ'midə] | <i>comida</i> |

O primeiro vocábulo, em que apresenta a prótese do fonema /ũ/, é bastante popular e pronunciada de forma meio inconsciente nesse dialeto.

Williams (1994, p. 58) lembra, ainda, que as palavras em que aparece esta vogal nasalizada podem ser de origem erudita ou semi-erudita, como *unguentum* > *ungento*. Nesse *corpus*, no entanto, esta palavra é pronunciada popularmente como *inguentu*, assim como *umbigo* é pronunciada *imbigo*.

Como postônica não-final, não identificamos nenhum registro no dialeto pesquisado até o momento, o que se explica pela aversão que tem esse falar sertanejo à realização das palavras proparoxítonas, não diferente do que ocorre no dialeto padrão.

Como postônicas finais, as vogais se nasalizam quando acompanhadas por *n*, grafia que se modificou para *m*, desde o período do galego-português medieval (TEYSSIER, 2004, p. 34); *en: senten* > *sentem*; *an: venderan* > *venderam* (mais-que-perfeito) e *venderon* > *venderam* (perfeito). Os tempos do *perfectum*, no falar sertanejo, mantêm-se no estágio anterior com *o* pronunciado como *u*: *venderum*. Nos tempos em que, na norma⁴⁷ padrão há a inserção da nasal [ɲ], no falar sertanejo balsense mantêm-se as formas com ditongo e hiato, o que exemplificamos com os dois primeiros exemplos da relação abaixo dessas vogais postônicas.

l) A postônica /ã/:

⁴⁷ A norma padrão refere-se à língua escrita e oficial e não está atrelada à fala.

| | |
|----------|------------------|
| [tʃĩã] | <i>tinha</i> |
| [tẽãw] | <i>tenham</i> |
| [ʃe'kĩã] | <i>chacrinha</i> |
| [ũã] | <i>uma</i> |

Com vogais semelhantes, onde a primeira dessas semelhantes fosse postônica e a segunda dessas semelhantes fosse final, a ressonância nasal caía como em *sabãnam* > *savaa*. Quando *a-o* vinha depois da sílaba tônica, desenvolveu *ã*: *orgãnum* > *órgão*; *orphãnum* > *órfão*; *Stephanum* > *Estêvão*. A explicação dada para *orphanam* > *órfã* é a influência de *órfão* e, talvez, de *irmã*. Na região pesquisada o *ã* átono final geralmente realiza-se como *u*, como em *Estevu*, *órfu*, *sótu*, conforme se verifica no extrato do *corpus* em análise:

| | |
|---------|--------------|
| [ˈɔrɔu] | <i>órgão</i> |
|---------|--------------|

Nunes (1989) ressalta que *ã* átono tornou-se *o* em alguns dialetos. Confirmamos certa rejeição que há no falar sertanejo pesquisado, conforme diz esse autor, pela ressonância nasal postônica final, o que faz gerar as seguintes formas vocabulares: *ferrugi*, *oregu*, *nuvi*, em lugar de *ferrugem*, *orégão*, *nuvem*.

m) Levantamento dos ditongos crescentes nasalizados com a semivogal /y/, no *corpus* analisado:

| | | |
|-----|-----|--------------------------|
| /y/ | /ã/ | [oy'ẽndu] <i>olhando</i> |
| /ỹ/ | /ã/ | [məỹ'ỹã] <i>manhã</i> |

O ditongo nasal *yã* é muito produtivo no *corpus* analisado, em virtude da não ocorrência das palatais /ɫ/, /n/ e /ɲ/. A queda desses fonemas ocasiona a inserção do iode e, como conseqüência, ocorre a ditongação da vogal ou o hiato secundário das vogais que formam sílabas com a consoante que caiu, como em: *olhando* > *oiãndu*, *manhã* > *mãã~ mãã ~ mẽã*.

n) Levantamento de ditongos crescentes nasalizados com a semivogal /w/, no *corpus* analisado:

| | | |
|------|-----|--------------------------|
| /w/ | /ã/ | [ˈqwãðu] <i>quando</i> |
| /w̃/ | /ẽ/ | [ˈGwẽntu] <i>aguento</i> |

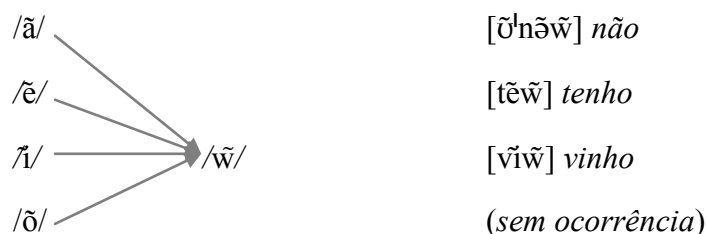
Os ditongos crescentes formados com a semivogal *w* não são muito produtivos pela tendência que tem esse falar sertanejo em optar pela queda desse apêndice labial. Esse fenômeno se observa no vocábulo *tranquilo* muitas vezes realizado como *tranquilu*. Ocorre então a mudança de *w* semivogal para *u* afônico, o qual se adjunge ao *q* para formar dígrafo.

o) Levantamento de ditongos decrescentes nasalizados com a semivogal /y/, no *corpus* analisado:

| | | |
|-----|--------|---|
| /ã/ | → /j̃/ | [bãj̃] / [sãj̃gui] <i>banho, sangue</i> |
| /ẽ/ | | [tēj̃] / [tõmj̃] <i>tem, também</i> |
| /õ/ | | [õj̃bu] <i>ônibus</i> |
| /ũ/ | | [xũj̃] <i>ruim</i> |

A formação do ditongo decrescente que tem o /j̃/ como semivogal dá-se em *bã* pela queda da palatal /ɲ/: *banho* > *bãj̃*. Os vocábulos *têi* e *tomêi* tiveram o apagamento da nasal final *m*, após a assimilação do traço de nasalização e, posteriormente, a inserção da semivogal *y* para gerar o ditongo: *tem* > [tēj̃], *também* > [tambēj̃] > [tomēj̃]. Em *também* o /b/ sofre a assimilação da nasal /m/ e o /a/ sofre assimilação do timbre da vogal tônica *ẽ*. A nasal /n/ caiu na palavra *õibu* e permaneceu apenas o *i* que se transformou na semivogal. Nessa palavra também caiu a consoante final *s*: *ônibus* > *õibus* > *õibu*. Em *rũ* ocorreu a assimilação da nasalização na primeira sílaba. Em seguida houve o deslocamento do acento para a sílaba inicial e a conseqüente queda da nasal /m/, que ajudava a dar suporte ao hiato. Após a queda da consoante final o *i* transformou-se na semivogal *y*: *ruim* > *rũim* > *rũj̃*.

p) Levantamento de ditongos decrescentes nasalizados com a semivogal /w/, no *corpus* analisado:



O ditongo decrescente nasalizado vem do advérbio de negação latino *none* > *non* > *não*, em que houve a influência da queda da nasal *n*. O ditongo *ẽw̃*, como tantos outros ditongos nasalizados desse falar, foi gerado pela queda da nasal /ɲ/: *tenho* > *tẽo* > *tẽw̃*.

Quadro 11 - Principais ditongos nasalizados decrescentes

| MODERNOS | DO FALAR BALSENSE |
|--------------|-------------------|
| ãỹ: cãỹbra | ãỹ: sãỹgui |
| ẽỹ: bêỹ | ẽỹ: tãmẽỹ |
| õỹ: põỹ | õỹ: oỹibu |
| ũỹ: mũỹtu | ũỹ: rũỹ |
| ãw̃: pãw̃ | ãw̃: ãtãw̃ |
| | ẽw̃: tẽw̃ |
| | ĩw̃: ṽiw̃ |
| | õw̃: õtõw̃ |

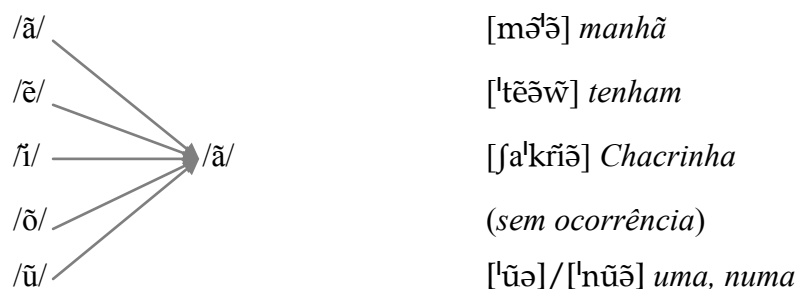
Fonte: A autora

Quadro 12 - Principais ditongos nasalizados crescentes

| MODERNOS | DO FALAR BALSENSE |
|---------------|-------------------|
| wã: qwãdu | yã: mãyã |
| wẽ: freqwẽti | wã: qwãdu |
| wĩ: qwĩqwẽniu | wẽ: gwẽtu |

Fonte: A autora

q) Levantamento de hiatos nasalizados com a segunda vogal /ã/, no *corpus* analisado:



Observamos que quando a primeira vogal do hiato é tônica nasalizada e a segunda vogal do hiato é átona desacompanhada de nasal, a segunda vogal, por ser átona, recebe o traço de nasalização da vogal nasalizada. Há, pois, um espraiamento progressivo do traço de nasalização sobre a átona e, conseqüentemente, a segunda vogal do hiato torna-se nasalizada, como em *ĩ-ã*: *Chacrĩã*. Outro fato importante a observar é a produção do fonema /ã/ em final de palavra, o que parece se realizar com certa naturalidade nessa variante, não indo absolutamente de encontro com a afirmação de Nunes (1989, p. 38) de que a realização desse fonema nesse ambiente é contra o gênio da língua.

Quando a primeira vogal do hiato é átona nasalizada e a segunda vogal do hiato é tônica desacompanhada de nasal, observa-se que a segunda vogal, por ser tônica, não recebe influência da vogal nasalizada, ou seja, não há um espraiamento progressivo da nasalização sobre a tônica e, conseqüentemente, a segunda vogal do hiato permanece oral, como em *ĩ-a*: *farĩada*. Ou seja, a tonicidade influencia o espraiamento da nasalidade.

Consideramos que o fonema [ɲ] foi fundante no processo de nasalização da vogal anterior, quando o traço de nasalização se assimilou a ela e em seguida o fonema caiu, ou seja, houve a nasalização progressiva: *Chacrinha* > *chacrĩnha* > *chacrĩa* > *chacrĩã*. No último estágio do processo de mudança desta palavra foi fundante a tonicidade da sílaba nasalizada, que ocasionou o espraiamento progressivo da nasalidade *chacrĩa* > *chacrĩã*.

r) Levantamento dos hiatos nasalizados com a segunda vogal /e/, no *corpus* analisado:

| | | |
|-----|-----|----------|
| /ĩ/ | /e/ | [dĩ'eru] |
|-----|-----|----------|

Verificamos apenas a combinação acima no *corpus* selecionado, em que o /i/ aparece como primeira vogal dessa seqüência de segmentos vocálicos. A ocorrência do hiato *ĩ-e* deve-se à assimilação do traço de nasalização à vogal anterior /i/ > /ĩ/, com a conseqüente

queda do fonema nasal intervocálico /ɲ/, conforme explicitado anteriormente, o que torna os hiatos produtivos nesse dialeto. Esse hiato ocorre nos registros do português histórico em palavras como *dieiros*.

s) Levantamento dos hiatos nasalizados com a segunda vogal nasalizada /ẽ/, no *corpus* analisado:

| | |
|-----|--|
| /ã/ | (não constatado) |
| /ɛ/ | (não constatado) |
| /ĩ/ | [pĩẽ] (ave: <i>pinhem</i>) |
| /ɔ/ | (não constatado) |
| /õ/ | (não constatado) |
| /u/ | [duẽ'tadu]/[mu'ẽdu] <i>adoentadu, moendo</i> |

O hiato *ĩẽ*, da palavra *pĩẽ* (> *pinhem*) formou-se, inicialmente pelo espraiamento regressivo da nasalização de /i/ > /ĩ/ e pela posterior queda do fonema nasal intervocálico /ɲ/, e em seguida, pela queda do fonema nasal /m/, cujo traço de nasalização já se assimilara à vogal *e*, com o processo /e/ > /ẽ/.

t) Levantamento dos hiatos nasalizados com a segunda vogal nasalizada /ĩ/, no *corpus* analisado:

| | |
|-----|-------------------------------|
| /a/ | [xa'ĩə] <i>rainha</i> |
| /ã/ | [mãỹ'yã] <i>manhã</i> |
| /ɛ/ | (não constatado) |
| /ẽ/ | (não constatado) |
| /i/ | [fĩ'i]/[fi'i] <i>filhinho</i> |
| /ɔ/ | (não constatado) |
| /õ/ | (não constatado) |
| /u/ | (não constatado) |
| /ũ/ | [qũ'i'si] <i>conheci</i> |

Os três processos de hiatização ocorrentes em *ãi*, *ãĩ*, *ĩi* e *ũi* devem-se ao mesmo processo anterior, em que, primeiro houve a assimilação do traço de nasalização e, conseqüentemente, deu-se a queda dos fonemas palatais /ɲ/ e ou /ʎ/, como em *rainha* > *rãinha* > *rãia*, *manhã* > *mãnhã* > *mãã*, *filhinho* > *filhinho* > *fĩ*. Quanto a *fii* (< *filho*) e *mii* (< *milho*), parece haver mais um alongamento compensatório pela queda da consoante palatal.

u) Levantamento dos hiatos nasalizados com a segunda vogal /ɔ/, no *corpus* analisado:

 /ĩ/ /ɔ/ [sĩ'ɔɾə] *senhora*

Outras combinações não apareceram no *corpus* levantado.

v) Levantamento dos hiatos nasalizados com a segunda vogal /o/, no *corpus* analisado:

 /ĩ/ /o/ [sĩ'o] *senhor*

Nessa proposta de agrupamentos, o único hiato identificado no *corpus* foi a combinação do /ĩ/ com /o/, o que comprova a produtividade dessa primeira vogal na formação dos hiatos. Nos dois sistemas citados houve o mesmo processo descrito anteriormente, ou seja, o processo conhecido como iotização. No primeiro exemplo, *senhora* > *sinhora* > *sĩnhora* > *sĩɔra*, a segunda vogal do hiato é média baixa, ou seja, é um fonema aberto /ɔ/, enquanto no segundo exemplo, *senhor* > *sinhor* > *sĩnhô* > *sĩô*, a vogal é média alta um /o/.

x) Levantamento dos hiatos nasalizados com a segunda vogal nasalizada /õ/, no *corpus* analisado:

 /a/ /õ/ [e'õdʒi] *aonde*

Com a segunda vogal /õ/ outras combinações não apareceram. No hiato *a-õ* houve a contração da preposição *a-* com o advérbio *-onde*, em que o segundo fonema /õ/ já se encontra nasalizado.

z) Levantamento dos hiatos nasalizados com a segunda vogal /u/, no *corpus* analisado:

Nenhuma ocorrência houve de hiatos nasalizados, quer na primeira, quer na segunda vogal dos segmentos formados pelas combinações *a-u*, *ε-u*, *e-u*, e *i-u*, *ɔ-u* e *o-u* no *corpus* pesquisado, confirmando-se, nesse falar, um fato já conhecido no dialeto padrão.

Sistematizando, pois, a partir do levantamento de todos os segmentos formadores das seqüências dos hiatos – orais e nasalizados – a análise leva-nos a observar que em todas as seqüências de segmentos vocálicos um dos elementos do hiato é /i/ outra vez /u/ e ainda /a/, o que nos leva a concluir que essas silábicas principais e mais produtivas são fundantes na constituição da grande variedade dos hiatos.

Apresentamos, a seguir, um quadro dos principais hiatos nasalizados do período arcaico e do falar sertanejo analisado:

Quadro 13 – Hiatos nasalizados do português arcaico e do dialeto da região de Balsas-MA

| ARCAICO | HIATOS NASALIZADOS BALSENSES |
|---------------------|------------------------------|
| ãa: mãã < manana | ãã: mãã |
| ão: mão < manu | eã: mẽã, tẽãw |
| ẽo: alhẽo < alhem | ĩã: hacrĩã, fĩã |
| ĩa: galĩa < gallina | ũã: ãã, nũã |
| ĩo: vĩo < vinu | ĩa: faĩada, penadĩa, |
| õa: bõa < bona | ĩẽ: pĩẽ, criẽti |
| õe: companhões | eũ: duẽtadu |
| õo: bõo < bono | iê: fie |
| | ĩê: đĩeru |
| | ĩo: sĩora |
| | ĩô: sĩoh |
| | ũĩ: quĩsi |

Fonte: A autora

Vista a análise desse *corpus*, verificamos que as seqüências de segmentos vocálicos ocorrem em função da queda de um fonema nasal, o qual deixou o traço de nasalidade na vogal imediatamente anterior. Essas seqüências apresentam-se, algumas vezes, como ocorriam no estágio do português arcaico (correspondente ao século XIII a XVI). No entanto, a produtividade destas seqüências no falar sertanejo mostrou-se muito mais produtiva, o que torna evidente as inovações desse falar, como podemos verificar no quadro seguinte.

Quadro 14 - Hiatos com pelo menos uma das vogais nasalizadas

| FALAR SERTANEJO | PORTUGÊS ARCAICO | PORTUGUÊS MODERNO |
|-----------------|------------------|-------------------|
| [ũə] | ũa | uma |
| [mĩə] | mĩa | minha |
| [nuə] | nũa | numa |
| [qũĩ'si] | | conheci |
| [tẽəw] | | tenham |
| [mǎ'õ] | mãã | manhã |
| [emǎ'y'ỹã] | | amanhã |
| [bǎ'ĩ] | | banhozinho |
| [duẽ'tadu] | | adoentado |

Fonte: A autora

No falar da região de Balsas permanecem os hiatos nasalizados com vogais idênticas *ũa*, e outros hiatos nasalizados, como *ũa*, *ũa*, *ũa*, *ũa* *ũa*, *ũa*. Nele é apagado o fonema [ɲ] resultante do desenvolvimento entre as duas vogais dos hiatos nasalizados *-ũa-o* e *-ũa-a*, os quais se tornam *-inho* e *-inha*.

Quanto à colocação de Câmara Jr. da inexistência de hiatos nasalizados, temos algumas restrições, pois é bastante comum no falar do Sul do Maranhão a nasalização nas vogais de determinados hiatos, na linguagem oral, conforme foi bastante usual no português arcaico. Ao fazer essa afirmação, Câmara Jr. não considerou a possibilidade da preservação de formas do período arcaico em regiões meio isoladas do interior do Brasil. Também há que se considerar que o *corpus* da pesquisa dele foi levantado no estado do Rio de Janeiro e, em tamanha diversidade geográfica, muitas outras áreas ficaram a descoberto, o que gera a possibilidade de fenômenos diferenciados dos que por ele foram apresentados, como é o caso de alguns hiatos desse *corpus*.

Quadro 15 – Hiatos com vogais nasalizadas

| DIALETO SERTANEJO | PORTUGUÊS ARCAICO | PORTUGUES MODERNO |
|-------------------|-------------------|-------------------|
| [ũə] | ũa | uma |
| [mĩə] | mĩa | minha |
| [nũə] | nũa | numa |
| [qũĩ'si] | | conheci |
| [tẽəw] | | tenham |
| [mã'õ] | mãã | manhã |
| [duẽ'tadu] | | adoentado |

Fonte: A autora

Os vocábulos *mãã*, *ũa*, *nũa*, *mĩa* são característicos do falar sertanejo e aparecem na primeira fase do português arcaico, quando era comum o uso dos hiatos presentes nesses vocábulos. Também era comum o uso da vogal duplicada, em que a nasalidade era marcada pelo til na primeira vogal do hiato, ou às vezes em ambas as vogais, como em *lãã*, *bõõ*, *tẽer* (SILVA, 2006; TARALLO, 1990).

Além do tipo de nasalização apontada por Câmara Jr., em que ocorre a assimilação do traço de nasalidade de uma consoante numa sílaba seguinte à vogal anterior, percebemos, no falar sertanejo balsense, a facilidade que têm os sons de espriarem esse traço. Isso ocorre provavelmente pela diversidade dos processos de nasalização que tem esta variante, ajudada pela vocação peculiar dela para os sons com o traço nasal, como o demonstra primeiramente o processo de nasalização regressiva.

Quadro 16 – Vocábulos com nasalização regressiva

| DIALETO SERTANEJO | DIALETO PADRÃO |
|-------------------|----------------|
| [ʃe'kĩõ] | chacrinha |
| [pɾ'cẽnə] | pequena |
| [lɪçũmɪ] | legume |

Fonte: A autora

Em seguida, há o processo de assimilação regressiva, em que há sílabas alternadas entre a vogal assimilada e a consoante nasal, como também estando esta consoante em outra palavra aproximada, como em:

| | |
|----------------|-------------------|
| [ʔzãmɪ] | <i>exame</i> |
| [ʔbrãmə] | <i>IBAMA</i> |
| [ɪdětʒɪ'dadʒɪ] | <i>identidade</i> |

Finalmente, a nasalização à distância, que ocorre mesmo estando esta consoante em outra palavra, como em:

| | |
|-----------|-----------------|
| [prə̃'mĩ] | <i>pra mim</i> |
| [bĩ ẽli] | <i>bem ali.</i> |

Para sintetizar e encerrar este capítulo acerca da análise descritiva que envolve as vogais e, respectivamente, as seqüências de segmentos vocálicos, quer nasalizadas ou não, podemos afirmar que esse sistema se diferencia do sistema da forma padrão. Essa diferenciação ocorre em virtude do ambiente em que se realizam esses sons e por fatores extra-linguísticos que facilitam essa variação.

Informamos que deixamos de apresentar, neste trabalho, uma análise mais aprofundada dos fenômenos fonético-fonológicos que tão particularmente caracterizam lingüisticamente essa região⁴⁸. Esse estudo fica adiado para outro trabalho de pesquisa.

⁴⁸ Disponibilizamos na revista *Signótica*, vol. 19, um artigo que descreve os fenômenos de alçamento e abaixamento vocálicos na região do Gerais de Balsas.

CONCLUSÃO

Como conclusão, apresentamos as contribuições que nos trouxeram o conhecimento acerca dos aspectos culturais da região de Balsas, da formação do sertanejo e de suas ideologias.

Ao descrevermos geograficamente a região, entendemos que a estrutura rural da comunidade sertaneja determinou a (des) integração dela aos meios sócio-educativos, como também as dificuldades com as quais eles (os sertanejos) têm de lidar, em virtude da baixa densidade demográfica que favorece a condição de isolamento. Percebemos que essa condição de isolamento tem sido motivada pela falta de investimentos na estrutura da zona rural e nos faz entender que o sertanejo nativo vem sofrendo muito, devido a essa carência em setores básicos, como a educação, o saneamento básico, as comunicações, os serviços sociais e jurídicos. Essa marginalização, com certa condição estéril e de imobilidade, reflete-se fisiologicamente na linguagem dessas vozes marcadas pelo uso de uma variante em que é feito com que esses falantes se sintam inferiores e diferentes e, na maioria das vezes, são desprestigiados socialmente por usá-las. Esse sítio de visões e argumentos fundamenta a hipótese da existência de caracteres conservadores e inovadores nos traços lingüísticos vocálicos do falar em estudo.

Com a formação socioeconômica da região, ocorreu a transformação do sistema produtivo regional do cultivo agrícola familiar e da atividade econômica dominante, a pecuária. Essa transformação deu-se para o sistema de mecanização agrícola em larga escala, com alta mecanização, e também a pecuária utilizada no sistema de integração com a lavoura. Percebemos que essa transformação vem impossibilitando-lhes exercerem atividades econômicas campestres tradicionais, como a criação extensiva de animais, pois há o imprensamento deles em pequenas áreas de terra, o que favorece concomitantemente o aumento do êxodo rural e do isolamento do sertanejo. Essas condições contribuíram para conservação de determinadas formas que já caíram em desuso.

Houve, no decorrer do início da história, um alheamento (duplo) para com os índios e os negros africanos. Aqueles, na terra que era deles; estes na terra que era de outrem. Foi mostrado que o processo de formação histórica do sertanejo ocorreu permeado de violência, com o afugentamento e/ou trucidamento dos índios, cedendo lugar à “civilização do couro”, que durou um longo período. Em seguida a esse período de estagnação, ocorreu o advento da lavoura mecanizada. Nesse item, identificamos o sincretismo de raças com o

“entranhamento” nas culturas nativas, como fator fundante na formação histórica desse sertanejo mestiço. Nesse estudo, em que é apresentada a mesclagem de raças, são trazidas à superfície da língua do sujeito falante as formas representativas da constituição deles. Os termos que constituem a lista de itens lexicais, a partir dos quais é feita a análise, levam-nos a depreender que a história desses sertanejos não só ajuda a explicar a língua, como é a própria história da língua analisada.

Desta forma, consideramos de grande importância a história na constituição do falar sertanejo. Isso se justifica, quando apresentamos, no item 1.4, esses efeitos produzidos no falar local. São apresentadas formas resultantes dessa identidade indígena como *buriti*, *mamucapu*, *pacará*, da identidade africana, como *capuera*, *andu*, *canga*, além das representações ideológicas que são mostradas. Diante dessas representações, compreendemo-las como constituintes do sujeito, formado esse, historicamente, em suas relações sócio-culturais. Essa instituição histórica se revela no discurso dos sujeitos e, conseqüentemente, no dos membros da comunidade e, de forma característica, na variante analisada.

Fica claro, afinal, com as reflexões desse capítulo, que os fatores sócio-históricos são determinantes da expressão (morfofonética) dos itens lexicais. A condição de imobilismo cultural, como carência de escolas (e de letramento), de transportes e a falta de maior contato social e de outros meios de comunicação de massa (afora o rádio), conseqüentemente, são propícias para a conservação de formas, que são encontradas em outros períodos da história da língua. Ao ser apresentada a interação que há entre a língua e a história, pudemos perceber que, se apresentada apenas a língua, sincrônica e estruturalmente, o trabalho lingüístico careceria de abordagem crítica, de visão dialética e, como pesquisa acadêmica, perderia muito de sua potencialidade, como objeto de transformação. Desta forma, foram de suma importância a complementaridade dos estudos da língua, como estrutura a ser descrita e a observação dessa estrutura, a partir de uma perspectiva histórica, para se observarem as mudanças e o estudo das teorias que dão subsídios a essas investigações.

O estudo da teoria possibilitou-nos percebermos a linguagem como sistema de signo, do qual nos utilizamos para a transmissão das concepções políticas, históricas e sócio-culturais. Esta definição geral tenta dar conta das apresentadas pelos autores citados, além de parecer suficiente para a formulação deste estudo. O conceito de língua como um sistema convencional organizado de signos, dos quais um determinado grupo social se utiliza também parece ser pacífico e atender às necessidades filósofo-metodológicas deste estudo.

Com as definições de linguagem, de língua, de dialeto e de falares, pudemos nos situar mais claramente, quanto à natureza da variação espacial em que está localizado o falar

do sertanejo da região de Balsas-MA. Contribuiu, sobremaneira, para uma perspectiva crítica desse trabalho a consciência acerca da variação e conseqüente mudança nas línguas. Entendemos que essas mudanças são ocasionadas, dentre tantos outros fatores (internos e externos), pelo (des) prestígio, estigma, capacidade de leitura, falta de política educacional mais consistente, sanções contra esses dialetos e falares minoritários e a pressão social excludente e repressora. Isso explica o assujeitamento desses falantes à imobilidade social e ao enfraquecimento da vitalidade de seus falares. Como conseqüência, ocorre lenta e gradualmente a perda dessas estruturas (como a fusão de suas palavras, simplificações de estruturas internas) de informações ecolingüísticas, culturais e históricas, em função da necessidade de funcionalidade do uso desses falares. Percebemos, a partir dessas reflexões teóricas, quão importante é para a ciência da linguagem e para a intelectualidade descrever e documentar esses dialetos e falares locais e regionais.

Foi fundamental conhecer um pouco da historiografia da Lingüística Histórica, para que houvesse uma contextualização de nosso trabalho com os estudos e pesquisas que vêm sendo desenvolvidos. Essa atualização possibilitou-nos conhecer as perspectivas que ora despontam no ramo da Lingüística Histórica, como também percebemos a própria filiação do trabalho a esse ramo de pesquisa e inserido nessas novas perspectivas.

No entanto, com o aprofundamento do estudo da teoria pertinente a essa disciplina, deparamo-nos com a questão dialética sincronia x diacronia. Essa polêmica, em torno dessa antonímia, leva-nos a perceber que a observação dos fenômenos lingüísticos, a partir de uma perspectiva temporal, é o que realmente denota as mudanças na realidade da língua. Sem o aspecto temporal, a observação da mudança é por demais abstrata, em virtude de sua estaticidade. Compreendemos ainda que a sincronia e a diacronia pertencem não ao plano da língua, que é o objeto investigado, mas ao plano do processo investigativo, ou seja, da lingüística.

Ao expor item 2.3, pudemos conhecer a natureza dos estudos atuais da mudança e, conseqüentemente, da Lingüística Comparativa no âmbito da Lingüística Histórica. Isso foi básico e necessário, pois tornou possível fazermos uma localização da Dialetologia e da Lingüística Comparativa, no âmbito da Lingüística Histórica, em virtude da intersecção que há entre as várias áreas do conhecimento que formam a história interna e externa e do entrelaçamento de certos tópicos com essas áreas. A apresentação do contexto de formação da história externa das línguas esclareceu-nos a ligação direta que há entre o prestígio de um dialeto (falar) do prestígio cultural da região, o qual, por sua vez, também está relacionado ao poder econômico. Desta forma, compreendemos, mais uma vez a necessidade da

contextualização sócio-cultural da língua *ad hoc*. A explicitação acerca do caráter e da fertilidade da mudança e de sua situacionalização social (e não linguisticamente), a partir do princípio de valoração das variedades de fala, leva-nos a deduzir que a variante sertaneja foco da pesquisa é considerada como de menor prestígio, em função do seu isolacionismo (e certo imobilismo) cultural. Isso nos firmou a certeza de que os fatos sócio-históricos têm caráter fundante e fundamental no processo de variação e de mudança das línguas, e é a mudança que dá base à análise.

Grande foi a contribuição dada a essa análise lingüística, com o conhecimento do método histórico-comparativo. Ele é a base analítica que consubstancia a descrição desse falar pesquisado, ao compararmos os fenômenos fonético-fonológicos característicos do *corpus* pesquisado com os apresentados na literatura da história da língua portuguesa. É o método histórico-comparativo que sustenta as pesquisas concernentes à área da Lingüística Histórica e que lhe acrescenta ainda maior importância, posto ter essa disciplina seu método próprio.

O estudo sobre a formação do português no Brasil contribuiu, sobretudo, para que tivéssemos o entendimento do processo sócio-histórico de instauração da língua, posto que também trabalhamos a comparação do falar sertanejo com os dados da Lingüística Histórica. Nesse item, compreendemos que o processo de transportação da língua lusitana para nosso território ocasionou, concomitantemente, a redução das nações indígenas e das línguas dessas nações, com lutas etnocidas e glotocidas. Conseqüentemente, no decorrer dessa história percebemos a importância do surgimento das línguas gerais, em virtude da necessidade do estabelecimento de uma comunicação maior entre os grupos de línguas afins (com caráter característico etimológicas, morfológico, semântico e sintático comum). Esse fato mostra-nos a necessidade, já naquela época, da codificação de uma gramática dessa língua.

Também fica claro que os escravos africanos tiveram uma participação menos ativa em termos da contribuição da língua deles de origem para o português, posto que, ao chegarem neste território, passaram a fazer uso da língua geral, juntamente com os aborígenes e os portugueses. Passamos a considerar, então, que a migração escrava foi fato significativo para simbolizar quão determinantes são as estruturas de poder na instituição da língua, tendo em vista que esses tinham presença significativa em nosso território e que não vieram a ter uma correspondência à altura em termos de substratos lingüísticos. Inferimos que esse processo ocorreu de forma diferente com os indígenas, possuidores desses de certo poder, representado por serem maioria, e pelo conhecimento que tinham da terra. No entanto, a

estrutura maior de poder econômico e cultural lusitano alavanca a predominância da língua portuguesa já mesclada de tantas línguas.

Esse processo histórico nos faz compreender a língua portuguesa comum, caracterizada pelos vários dialetos e falares, e que a história de um povo é a própria história de sua língua. Portanto, esta dinâmica faz parte da história e se liga, direta e indiretamente, aos fatos da linguagem.

Ao longo da apresentação dos itens que nos deram suporte teórico, percebemos quão importante é o conhecimento acerca das principais idéias documentadas por autores da área da Lingüística Histórica, que nortearam este trabalho. Nele registramos, além dos pontos de convergência, também algumas divergências sobre paradigmas que fundamentam a pesquisa lingüístico-histórica, como a elucidação da proposição, de que a diacronia está voltada para o plano de observação da lingüística e não para o plano da língua.

Por meio da metodologia, percebemos a importância de conhecermos o método de estudo, como pré-requisito para a execução deste trabalho, e de conhecermos os procedimentos de categorização e analíticos. Isto levou-nos a nos situarmos no âmbito da lingüística-histórica *stricto sensu*, pelo procedimento metodológico chamado de “segunda via”, já que descrevemos estruturalmente um falar regional e, em seguida, comparamos esses resultados com aqueles apresentados nos manuais acerca da lingüística histórica.

Descrever detalhadamente a metodologia de pesquisa foi fundamental, pois descobrimos a forma de como responder à pergunta de pesquisa.

O método descritivo-analítico *per se* leva-nos a procedermos à descrição dos sons e, em seguida, a efetuarmos uma breve análise dos fenômenos percebidos na caracterização dos sons vocálicos. Também esta metodologia possibilitou-nos proceder à triangulação dos dados do falar sertanejo com a língua histórica. Essa análise qualitativa é o que está nos ajudando a responder à pergunta de pesquisa.

A escolha eco-lingüística tornou possível para nós trabalharmos numa maior diversidade local da zona rural da região pesquisada. A seleção dos informantes levou-nos a considerar alguns fatores extra-lingüísticos, como a naturalidade, idade, grau de alfabetização, tendo em vista a necessidade de se observar a existência ou não de caracteres conservadores nos traços lingüísticos descritos. O uso de entrevista/depoimentos do tipo Diálogo entre Informante e Documentador para a formação do *corpus* lingüístico foi fundante, pois favoreceu um ambiente de conversação espontânea, fator fundamental na análise fonético-fonológica. É dada preferência à entrevista, por essa modalidade propiciar alta taxa de retorno do falante, com menos condicionamento e maior motivação para o estabelecimento do

diálogo. A escolha dos assuntos abordados, de acordo com o contexto sócio-cultural dos falantes, foi fundamental para o êxito das entrevistas. A escolha dos itens lexicais para a análise facilitou o desenvolvimento desse trabalho de investigação, posto que dispensou a análise de sons em ambiente de junção vocabular. A transcrição grafofônica inicial contribuiu para a interpretação fonética dos sons, o que só ocorreu quando necessário dentro do trabalho da análise, já que os símbolos do Alfabeto Fonético Internacional não são familiares a todos os leitores da área de lingüística. Quanto ao sistema de convenções em geral, só usamos o que se fazia estritamente necessário, já que tentamos tornar a leitura deste trabalho a mais facilitada possível.

A qualificação dos dados para a pesquisa foi realizada a partir da seleção dos itens lexicais que apresentavam peculiaridades mais específicas e/ou inovadoras desse falar. Compreendemos que essa descrição minuciosa da metodologia facilita a revisão da análise dos dados e isso se faz necessário, além de que é uma contribuição também para aqueles que vierem a ler este trabalho e se interessarem em realizar este tipo de pesquisa.

No capítulo de análise dos dados, retomamos a pergunta da pesquisa “quais os caracteres lingüísticos peculiares que ocorrem nos sons vocálicos da linguagem oral dos falantes naturais (sertanejos) da zona rural de Balsas-MA”, já apresentada na metodologia deste trabalho, à qual tentamos responder, valendo-nos da descrição analítica dos dados que são apresentados nesse capítulo.

Ao iniciarmos a investigação prática, retomamos o levantamento inicial do *corpus* e procedemos à análise fonético-fonológica dos sons vocálicos da variante sertaneja, com a descrição que caracteriza esses sons. Não nos detemos, entretanto, a uma descrição desprovida de reflexão, já que também discorremos, brevemente, sobre alguns processos fonológicos que foram capazes de ajudar a esclarecer a organização paradigmática dos sons vocálicos. Centramo-nos, mais especificamente, na descrição dos sons que compõem o quadro vocálico desse falar sertanejo. Apresentamos cinco quadros formadores do sistema vocálico do falar da região pesquisada, em que consideramos, como parâmetros, o ponto de articulação, o abrimetro bucal, a tonicidade e a altura dos fonemas vocálicos, descrevendo cada um dos sons vocálicos, donde pudemos fazer algumas apreensões, que listamos a seguir.

No que tange ao quadro das pretônicas não iniciais, concluímos que ele é constituído de sete fonemas, embora tenha havido um único registro com o fonema /o/.

As postônicas finais são constituídas de três fonemas vocálicos, em virtude de que a força da neutralização reforça o processo de redução desses para apenas três fonemas: /a/, /i/ e /u/.

As postônicas não finais são constituídas de apenas um fonema vocálico e, às vezes, de nenhum fonema, em função do apagamento desses sons, para evitar a formação de palavras proparoxítonas nesse falar sertanejo.

Os quadros das vogais tônicas (com sete fonemas) e das vogais postônicas finais (com três fonemas) do falar da região pesquisada são semelhantes aos do dialeto padrão do português do Brasil.

Os fonemas vocálicos átonos pretônicos tendem a sofrer queda (aférese), quando vêm desapoitados em início de palavra. Os fonemas vocálicos abertos /ɛ/ e /ɔ/ muitas vezes resistem, por guardarem um acento secundário, e o fonema /o/, por vezes, também se mostra resistente à aférese.

Os fonemas abertos /ɛ/ e /ɔ/ são bastante produtivos, tanto em posição pretônica inicial quanto em posição pretônica não inicial no falar pesquisado, diferentemente do que ocorre nas regiões sul do Brasil.

Há certa tendência a eliminar as redundâncias do sistema fonológico, com a redução dos ditongos dos instáveis fonemas /ɲ/ e /ʎ/ e do ‘o’ (> *u*) e do ‘e’ (> *i*) finais.

Ao fazer a análise das vogais abertas pretônicas /ɛ/ e /ɔ/, percebemos que elas parecem guardar em sua realização nessa região, quando não pertencem à sílaba tônica, o acento secundário, para lhes dar certa resistência.

É bastante rara a realização dos fonemas /ɛ/ e /ɔ/, postônicos não finais, pois a regra geral é haver a síncope desses fonemas no falar pesquisado.

O /i/, às vezes, não se mantém entre duas bilabiais, sendo a primeira seguida de uma líquida, como no exemplo *primeiro* > *premero*. Nesse caso, este fonema se alterna com o fonema /e/.

Um fenômeno interessante é a presença do ditongo *io* [yo], em lugar de “eu”, em que há a iotização do fonema /e/ > /i/.

Nesse falar, é muito comum a inserção do /i/ epentético, antes dos fonemas /s/ e /z/, formando ditongo, como em *rapaiz*, *noizi*.

Outra regularidade observada é o uso do infinitivo impessoal, em que há o apagamento da última sílaba e a inserção da vogal /i/, o que torna produtivas formas como *andai/andari*, *cantai/cantari*, *passai/passari*.

Fica registrada uma perceptível produtividade de hiatos, marcadamente pela presença de mais uma seqüência de segmentos vocálicos ‘ea’, com o desfazimento do hiato e do ditongo, respectivamente. No que diz respeito a isso, podemos afirmar que há certa regularidade nos verbos de terceira pessoa do singular no presente do indicativo, em que o /i/ > /e/, como em *alivia* > *alivea*, *judia* > *judea*, *velha* > *vea*, *ceia* > *cea*, *telha* > *tea*, *candeia* > *candea*.

No que diz respeito à nasalidade, verificamos a forte tendência que há para nasalizar as vogais adjuntas a uma consoante nasal, como em *indentidade*, *inté*, como também é bastante produtivo o processo de desnasalização, como em *órgu*, *homi*, *passari*.

A despeito da existência do caráter regressivo da nasalização, conforme propõe Silva (2006) e Callou e Leite (2001), registramos a existência também do caráter progressivo da nasalização no *corpus* pesquisado em formas, como *bem ali* > *bêãli*, *Chacrã* > *chacrãã* e *muito* > *mũito*.

Postulamos a existência do *hiato secundário*, em virtude da regularidade das seqüências que caracterizam esse hiato, formada com a inserção do iode entre duas vogais altamente sonoras, o que vem atender às exigências da dinâmica da língua, no seu processo de inovação.

A fertilidade do /i/ para receber a nasalização, nesse falar, é bastante forte, mesmo quando nenhuma nasal se encontra em posição adjunta, como é o caso de *inté*, *inzame*, ou quando há uma nasal em sílaba adjunta ou apenas na mesma palavra, como em *indentidade* e *imbama*, respectivamente. Esse fenômeno demonstra a tendência desse falar a repugnar o /i/ e /e/ isolados e que, ao conservá-los, muitas vezes os nasaliza.

Embora haja certa rejeição pela ressonância nasal postônica final, confirmamos que há produtividade do /ã/ em final de palavra do falar pesquisado, como em *Chacrãã*, *mãã*, *têãwã*, diferentemente do que afirma Nunes (1989, p. 39), de que a realização desse fonema nesse ambiente é contra o gênio da língua portuguesa.

Ditongos crescentes com /w/ não são muito produtivos pela tendência em optar pelo apagamento do apêndice labial, como em *tranqüilo* > *tranqüilo*; isso porque a semivogal /w/ torna-se /u/ afônico, o qual se adjunge ao /q/ para formar dígrafo.

Quando a primeira vogal do hiato é tônica nasalizada e a segunda é átona desacompanhada de nasal, a segunda vogal, por ser átona, recebe o traço de nasalização da vogal nasalizada como em *Chacrãã* (nasalização regressiva e progressiva, simultaneamente).

Como importante regra de generalização, observamos a regularidade dos fonemas /i/ outra vez /u/ e ainda outra vez /a/ compondo as seqüências de segmentos vocálicos que formam o hiato.

Verificamos formas peculiares de preservação presentes nesse falar como as seqüências de segmentos *ã-ã, ã-u, ãa, ãa, e-a*, dentre outras.

Verificamos formas peculiares de inovação presentes nesse falar como as seqüências *ãy-yã, ãy-yu*, dentre outras.

Não apresentamos, nesta análise, todas as formas de variação livre que foram manifestadas. Entretanto muitos foram os casos em que os informantes oscilam no uso de determinados termos entre a forma peculiar do falar local e a forma padrão como em *pecurei*, *porcurei* e *procurei* e em *tranqüilo* e *tranqüilo*, *quar* e *quas*. O motivo pelo qual esse fenômeno se dá é pelo esforço próprio ou por motivação da família dessas pessoas para que aproximem mais a linguagem delas das normas lingüísticas.

Quanto às contribuições deste estudo para o campo da ciência, afirmamos que um número razoável de pesquisas vem sendo aplicado na Lingüística Histórica. Este trabalho vem somar-se aos demais e apresenta como contribuição geral a descrição histórica dos sons vocálicos do falar da região de Balsas, no sul do Estado do Maranhão, Nordeste brasileiro.

Como contribuições adjacentes à contribuição geral da análise, consideramos:

- a) As retomadas dos aspectos sócio-históricos referentes à região de Balsas-MA;
- b) As Reflexões acerca das contribuições indígenas e afro-brasileiras na instauração da língua;
- c) Fazemos o levantamento que aponta para a tendência que há para a manutenção do acento secundário dos sons de *e* e *o* abertos e em posição átona, ao realizarem-se de forma diferentemente do padrão;
- d) A apresentação de uma nova modalidade de hiato aplicada ao linguajar pesquisado, o *hiato secundário*;
- e) Reconhecimento da existência não apenas do caráter regressivo da nasalidade, como também da *nasalização progressiva* aplicados ao estudo dos sons vocálicos detectados no *corpus* analisado;
- f) A apresentação do inventário de itens e expressões lexicais peculiares da região pesquisada;
- g) Este trabalho deve servir de instrumento para que se inicie um mapeamento lingüístico do Estado do Maranhão, como também de referência para futuras investigações;
- h) A otimização da auto-estima na identidade “sertaneja” pelos falantes pesquisados;

- i) A realização de uma pesquisa lingüística partindo de uma perspectiva crítico-dialética em que nos faz refletir acerca do respeito e da valorização da diversidade lingüística.

Recomendamos futuras pesquisas, nessa região, que poderão complementar as respostas da pergunta de pesquisa suscitada neste trabalho, já que este atém-se mais ao aspecto descritivo dos sons vocálicos, conforme nos esclarece o título dele. Fazemos, durante a descrição, apenas breves análises acerca desses sons, o que deixa em aberto muitas outras perspectivas de estudo, visto que a análise lingüística desse falar que aqui realizamos longe está de se esgotar. Sugerimos ainda a descrição dos sons consonantais e a continuidade da análise dos fenômenos fonético-fonológicos dos sons vocálicos e consonantais, como também parece ser bastante produtivo um estudo do comportamento das palatais, nesse falar.

De nossa parte, continuamos a pesquisar esses sons vocálicos ora descritos e analisados, só que em nosso novo projeto fá-lo-emos a partir de uma perspectiva gerativa não linear, em que procederemos à análise dos mesmos a partir das teorias prosódicas e da perspectiva histórica.

Como considerações finais, queremos afirmar que no atual estágio do falar sertanejo da região de Balsas identificamos formas que são fruto de um processo de variação e conseqüente mudança no tempo, como as inovações, e também tivemos muitas formas que representam um estado de preservação. Claro está que o nível de escolaridade, a faixa etária e certo isolacionismo em que vivem contribuem para que ocorram essas variações. Também a mistura é inerente à formação desse falar e desse sujeito, marcado pelos conflitos político-sociais, com as formas fonéticas marcantes da diferença de línguas que o constituíram. E pelo simbólico desse falar, depreendemos as formas identitárias desse falante sertanejo.

Verificamos que muitos processos, que se apresentam no momento atual desses falares, estão também presentes no passado da língua de origem. Também verificamos que há muitas formas que se apresentam como inovadoras nesse falar, e que seguem uma tendência geral também na língua padrão. Tudo isso é conseqüência do processo de formação da língua portuguesa no Brasil, a qual se tornou uma língua geral, em vez das línguas gerais que já se haviam criado. É dessa dialética, pois, que se instituiu a língua portuguesa e com ela os dialetos e os falares regionais e locais.

Daí o comprometimento do fazer lingüístico deste trabalho com a própria história da língua, com o que já foi feito e ora se desdobra neste fazer e refazer científico. Não descuramos da dimensão cultural, nem sócio-histórica.

É produtiva, e cremos que vista de forma pacífica, a interação que há entre sistema e mudança. A descrição e análise fonológica constituem singularmente a

sistematização da língua. No entanto, o estudo é incompleto caso descuremos do contexto sócio-histórico em que a língua está inserida.

Dito isso, observamos, durante a fase das entrevistas, que esse falar é muitas vezes marginalizado e suscetível de mudança e de ameaça de extinção – o que podemos perceber pela grande produtividade de processos de *variação livre*. Esses falantes demonstram em seus discursos terem consciência de que o processo de escolarização e a vivência na cidade fazem com que haja uma modificação na linguagem das pessoas, além de que possibilita melhores oportunidades de trabalho.

Outro fato a ser observado é que esse falar possui um número pequeno de falantes e de modo geral é rejeitado pelas novas gerações (filhos, netos, habitantes da cidade) que usam pouco da sua linguagem nativa característica. Ou seja, no momento, esse falar regional e local parece estar caindo em desuso, sendo utilizados somente em seus ambientes eco-linguísticos ou nem isto. Este fator leva à extinção deles, restando, o mais das vezes, apenas registros em documentos escritos ou audio-visuais e, outras vezes, de nenhuma forma. Convém lembrar que, muitas vezes, os próprios familiares desencorajam o uso da língua materna. Em nossas pesquisas, ficou muito claro que os filhos ou parentes próximos, por questão de preconceito ou mesmo de funcionalidade, é que desencorajam os pais e/ou avós, parentes mais idosos, a manterem o uso do falar natural. No entanto, ressaltamos que alguns dos falantes mostraram-se satisfeitos pela sua identidade sertaneja e pela forma como falam.

A possibilidade, pois, de sobrevivência desses itens culturais está em grande parte atribuída às ações do Estado e ou Município, os quais têm por função o apoio às pesquisas, com investimentos na formação de novos professores/pesquisadores (nativos). A esses professores e ou pesquisadores cabe colaborar com pesquisas de auto-valorização e de valorização coletiva, que otimizem a consciência pela historicidade e pela diversidade lingüística; e da retomada dos domínios; do desenvolvimento da escrita e da oralidade; da valorização da diversidade lingüística na educação e em todos os ambientes eco-lingüísticos.

Resta-nos, finalmente, dizer que este foi um trabalho gerado além e pelo comprometimento do fazer lingüístico, com a própria história da língua, como também considerando um certo grau de curiosidade e de “laços afetivos”, que temos firmados e mantidos com a comunidade de que fazemos parte e que ajudamos a constituir, posto que temos uma origem eminentemente sertaneja.

REFERÊNCIAS

AFONSO X, *Cantigas de Santa Maria*. Escolma, prólogo e version moderna de Alvaro Cunqueiro. Segovia: Artes Gráficas Galicia, S. A. 1980.

AGAR, M. *The professional Stranger: an informal introduction to ethnography*. London: Academic Press, 1980.

AGUILERA, V. A. O atlas lingüístico no Paraná: percurso e estado atual. *Revista do GELNE*. João Pessoa, ano 1, n. 2, p. 7-11, 1999.

ALMEIDA, M. M. *Aspectos do português falado na baixada cuiabana: traços de língua antiga preservados no Brasil*. Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2000. (Tese de Doutorado).

AMARAL, A. *O dialeto caipira*. São Paulo: Casa Editora “O livro”, 1920.

AMARAL, M. P. A síncope em proparoxítonas: uma regra variável. In: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia. *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p. 99-126.

ANTTILA, R. *Historical and comparative linguistic*. Amsterdam: John Benjamins B. V., 1989.

AUSTIN, John L. *Quando dizer é fazer-palavras e ação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

BASTIDE, Roger. *Estudos afro-brasileiros*. São Paulo: Perspectiva, 1973.

BASSETO, B. F. *Elementos de filologia românica*, São Paulo: UNESP, 2001.

BENVENISTE, E. *Problemas de lingüística geral I*. Campinas: Pontes, 2005.

BENVENISTE, E. *Problemas de lingüística geral II*. Campinas: Pontes, 1989.

BIGONJAL-BRAGGIO, S. L. *Contribuições da lingüística para o ensino de línguas*. Goiânia: Ed. UFG, 1999.

BISOL, L. *Introdução aos estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

BLOOMFIELD, L. *Language*. Boston: George Aalen & Unwin, 1979.

BRÁGGIO, S. L. B. *Leitura e alfabetização – da concepção mecanicista à sociopsicolinguística*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

BRÁGGIO, S. L. B. *Revisitando a fonética/fonologia da língua XerenteAkwe: uma visão comparativa dos dados de Martius (1866) a Maybure-Lewis (1965) com os de Braggio (2004)*. *Signótica*, Goiânia, v. 17, p.251-273, 2005.

BRÁGGIO, S. L. B. Sociedades indígenas: a escrita alfabética e o grafismo. In: BRÁGGIO, S. L. B. (Coord.). *Contribuições da lingüística para o ensino de línguas*. Goiânia: Ed. UFG, 1999.

BRANDÃO, S. F. *A geografia lingüística no Brasil*, São Paulo: Editora Ática, 1991.

BUENO, F. S. *Grande dicionário etimológico-prosódico da língua portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1964.

BYNON, T. *Historical Linguistics*. London: Cambridge, 1979.

CABRAL XIMENES, L. F. *Estudo lingüístico - histórico em Rio Verde: síncope e escolhas lexicais*. Goiânia: Universidade Federal de Goiás – Faculdade de Letras, 2005. (Dissertação de Mestrado em Estudos Lingüísticos). *An experimental study of*

CAGLIARI, L. C. *Análise fonológica: introdução à teoria e à prática, com especial destaque para o modelo fonêmico*. Campinas: Mercado das Letras, 2002.

CAGLIARI, L. C. *Alfabetização e lingüística*. São Paulo: Scipione, 2001.

CALLOU, D. e LEITE, Y. *Iniciação à fonética e à fonologia*. 8. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

CAMARA JR., J. M. *Dicionário de lingüística e gramática*. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

_____. *Estrutura da língua portuguesa*. 37. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

_____. *Para o estudo da fonêmica do português*. 2. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1977.

CAMARA JR., J. M. *Problemas de lingüística descritiva*. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

CAMPBELL, L. *Historical linguistics: an introduction*. Cambridge: The MIT Press, 2004.

CARVALHO, D. G.; NASCIMENTO, M. *Gramática histórica para o 2º grau e vestibulares*. São Paulo: Ática, 8. ed., 1972.

CÂNDIDO, A. *Os parceiros do Rio Bonito*. São Paulo: Duas Cidades, 1987.

CASTILHO, A. T. (Org.). *Português culto falado no Brasil*. Campinas UNICAMP, 1989.

CASTRO, M. V. D. de. *Pólo agrícola de Balsas: contribuições na riqueza e perspectivas sócio-econômicas*. 2006. 72 f. Monografia (Curso de Ciências Econômicas) – Unidade Universitária de Ciências Sócio-Econômicas e Humanas, Universidade Estadual de Goiás, Anápolis, 2006.

CASTRO, M. C. D. de. O alçamento e o abaixamento vocálicos no dialeto da região do Gerais de Balsas. *Revista Signótica*. Goiânia, v. 19, p. 277-298, 2008.

CASTILHO, A. T. *O Português do Brasil*. In ILARI, R. *Linguística Românica*. 3. Ed. ~São Pulo: Ática, 1999, p. 237-269.

CENTRO SCALABRIANO DE ESTUDOS MIGRATÓRIOS, *Balsas: alteridade, desencontro e esperança*. Balsas-MA: CSEM Editora, 2000.

CHALMERS, F. G. *Arte, educación y diversidad cultural*. Barcelona: Paidós, 2003

CHOMSKY, N. *A linguagem e a mente*. In: COELHO, M. LEMI, E. LEITE, V. (Org). *Novas Perspectivas lingüísticas*. Trad. Miriam Lemle. Petrópolis: Vozes Ltda, 1973.

CONGRESSO NACIONAL DA ABRALIN, 2. 1999. Florianópolis, *Anais...* Florianópolis: UFSC, 1999.

COSERIU, E. *Sincronia, diacronia e historia: el problema del cambio lingüístico*. Madrid: Editorial Gredos S. A. 3. ed., 1988.

COZBY, P. C. *Métodos de pesquisa em ciência e comportamento*. São Paulo: Editora Atlas, 2003.

COUTINHO, I. L. *Gramática histórica*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1. ed., 1976.

CRISTINO, B. O papel do negro na formação do português brasileiro na visão de estudiosos dos anos 1920 a 1945. *Centro de Documentação em Historiografia da lingüística – CEDOCH.-DL; CAPES*, 15 p. 2001.

CROWLEY, T. *An introduction to historical linguistics*. New York: Oxford University Press, 3. ed, 2003.

CRYSTAL, D. *Dicionário de lingüística e fonética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

CUNHA, A. G. *Dicionário etimológico nova fronteira da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1986.

CUNHA, C. F. Conservação e inovação no português do Brasil. *O Eixo e a Roda*, Revista de Literatura Brasileira, Belo Horizonte: Fale, Universidade Federal de Minas Gerais, v. 5, p. 199-230, 1986.

- CUNHA, C. F. *Língua, nação e alienação*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- CUNHA, M. C. *Antropologia do Brasil – mito, história e etnicidade*. São Paulo: USP/Brasiliense/ Edusp, 1994.
- CURADO, R. *Estudos sociais e síntese histórica de Corumbá de Goiás*. Goiânia: Editora da UFG, 1998.
- DELTA LAROUSSE, Grande Enciclopédia. Rio de Janeiro, 1973.
- DUBOIS, J. et al. *Dicionário de Linguística*. São Paulo: Cultrix, 1973.
- ELIA, Silvio. *A unidade lingüística do Brasil*. Rio de Janeiro: Padrão, 2003.
- ELIA, S. *Preparação à lingüística românica*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1979.
- ELIA, S. *Orientação da lingüística moderna*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2. ed., 1978.
- ELSON, B.; PICHETT, V. *Introdução à morfologia e à sintaxe – tentativa e experimento*. Tradução de Aryon D. Rodrigues et al. Petrópolis, Vozes, 1973.
- FAPCEN, Fundação de Apoio à Pesquisa do Corredor de Exportação Norte. *Área de Abrangência dos Cotistas FAPCEN*. Balsas. 2000.
- FARACO, C. E. MOURA, F. M. *Língua e Literatura*. São Paulo, Ática, 1998.
- FARACO, C. A. *Lingüística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- FARIA, E. *Fonética histórica do latim*. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1957.
- FERNANDES, F. et al. *Dicionário Brasileiro Globo*. 55. ed. São Paulo: Globo, 2001.
- FERREIRA, C. e CARDOSO, S. *A dialetologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.
- FIORIN, J. L. *Introdução à lingüística I: objetos teóricos*. São Paulo: Contexto, 4. ed., 2005.
- FIORIN, J. L. *Introdução à lingüística II: princípios de análise*. São Paulo: Contexto, 4. ed., 2005.
- FISHMAN, J. A. *The relationship between micro and macro-sociolinguistics in the study of who speaks what language to who and when*. *Journal of Social Issues*, 1968.
- FREIRE, L. *Grande Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957.

FREYRE, G. *Casa Grande e Senzala. Formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal*. 14. ed. V. 2. Imprensa Oficial. Recife. Brasil, 1966.

FONSECA, O. As vogais nasais do português: pressupostos e discussão. *Alfa*, São Paulo, v. 28, p. 101-111, 1984.

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995a.

_____. Diálogo sobre o poder. In: *Estratégia, poder-saber*. Organização e seleção de textos de Manoel Barros da Motta. Tradução de Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003, p. 253-266.

_____. O Sujeito e o Poder. In: RABINOW, P. E DREYFUS, H. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995b.

FUNARI, P. P. *Arqueologia de Quilombos*. São Paulo: Princípios, 1992..

GOFFMAN, E. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 13. ed., 2005.

HALLIDAY, M. A. K. *Explorations in the functions of language*. London: Edward Arnold Publishers Ltda, 1976.

HOLANDA, S. B. de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

HOUAISS, A. Villar, M. de S. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HOUAISS, A. *O português no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Revan, 3. ed., 1992.

HYMES. D. H. On communicative competence. In: BRUMFIT, C. J.; JOHNSON, K. *The communicative approach to language teaching*. London: Oxford University Press, 1979, p. 5-26.

ILARI, Rodolfo. *Lingüística românica*. São Paulo: Editora Ática, 1999.

JOHNSTONE, B. *Qualitative Methods in Sociolinguistics*. Oxford: Oxford University Press, 2000.

LABOV, W. *Principles of linguistic change*. Cambridge: Blakwell PUBLISHERS, 1994.

LABOV, Williams. The logic of nonstandard English. In: LABOV, W. *Language in the inner city: studies in the black English vernacular*, Philadelphia: University of Pensilvânia Press, 1978.

LOPES, E. *Fundamentos da lingüística contemporânea*. São Paulo: Cultrix. 1997.

LUCCHESI, D. *Sistema, mudança e linguagem: um percurso na história da lingüística moderna*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

LYONS, J. *Linguagem e lingüística: uma introdução*. Rio de Janeiro: Lahar, 1982.

LYONS, J. *Linguagem e lingüística: uma introdução*. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1987.

LYONS, J. *Linguagem e lingüística: uma introdução*. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1992.

MACHADO, J. P. M. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. São Paulo: Confluência, 1952.

MACHADO, M. C. *Inventário lexical de Porto Leocárdio*. 2005. 127 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Lingüística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia.

MARCUSCHI, L. A.. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática. 5. ed., 2005.

MARROQUIM, M. *A língua do Nordeste*. (Alagoas e Pernambuco). São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1934. (Col. Brasiliana, 25).

MATEUS, M. H. *Aspectos da fonologia do português*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1975.

MELO, G. C. de. *Iniciação à filologia e à lingüística portuguesa*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1991.

MÉRITO, *Enciclopédia Brasileira*. São Paulo: Mérito, 1967.

MOLLICA, M. C.; BRAGA M. L. (Orgs.). *Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação*, São Paulo: Contexto, 2003.

MORAIS, R. de. *Cultura brasileira e educação*. Campinas: Papyrus Editora, 2. ed., 2002.

MUSSALIN, F. & BENTES, A. C. (Orgs.) *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*. Vol. 1, 2 e 3. São Paulo: Cortez, 2001.

NARO, A. J. SCHERRE, M. M. P. Sobre as origens do português popular do Brasil. *DELTA*, São Paulo, v. 9, n. Especial, p. 437-454, 1993.

NASCENTES, A. *Dicionário etimológico resumido*. Instituto Nacional do Livro, ministério de Educação e Cultura, 1966.

NUNES, J. J. *Compêndio de gramática histórica portuguesa*. Porto: Clássica, 9. ed., 1989.

PÁDUA, H. R. *Considerações lingüísticas e históricas da região de Niquelândia – Goiás*. Goiânia: Faculdade de Letras, 2000.

PENHA, J. A. P. *Aspectos da Linguagem de São domingos*. Separata da Revista ALFA. FFCL de Marília. Departamento de Letras, 1997.

PRETI, D. *Sociolingüística: os níveis da fala*. São Paulo: EDUSP, 9. ed., 2000.

Relatório de dados populacionais do Instituto Brasileiros de Geografia e Estatística - IBGE. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/default.php>, 22 de outubro de 2005, 14:12.

RENZI, L. *Introducción a la filología románica*. Madrid: Gredos 1982.

RIBEIRO, D. *Os índios e a civilização*. 5. Ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

RIBEIRO, F. de P. Memórias sobre as nações gentias. *Revista do IHGB*. Rio de Janeiro, V. 3, p. 84-196, 1841.

SAPIR, E. *A Linguagem*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1980.

SAUSSURE, F. *Curso de lingüística geral*. 18. ed. Cultrix. São Paulo-SP. 1995.

SCHANE, S. *Fonologia gerativista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1975.

SILVA NETO, S. *A língua portuguesa no Brasil*. Lisboa, 1960.

----- *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do livro, 1963.

SILVA, R. V. M. *O português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2006.

SILVA, R. V. M. Orientações Atuais da Lingüística Histórica Brasileira. *DELTA*, São Paulo, n. Especial, v. 15, p. 147-166, 1999.

SILVEIRA, R. C. P. *Estudos de fonologia portuguesa*. Cortez. São Paulo-SP. 1986.

SOBRINHO, B. L. *A língua portuguesa e a unidade do Brasil*. 2. ed. Nova Fronteira. Rio de Janeiro-RJ. 2000.

SOUSA, A. J. de. *Geografia lingüística do Brasil: dominação e liberdade*. 2. ed. Contexto. São Paulo-SP. 1991.

SOUSA FILHO, S. M. *Aspectos morfossintáticos da língua Akwe-Xerente (Jê)*. 2007. 331 f. Tese (Doutorado) – Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2007.

SPENSER, A. *Phonology*. Massachusetts: Blsckwell, 1997.

TARALLO, F. *Fotografias sociolingüísticas*, São Paulo: Pontes, 1989.

TARALLO, F. *Tempos lingüísticos: itinerário histórico da língua portuguesa*. São Paulo: Ática, 1990.

TEYSSIER, R. *História da língua portuguesa*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

XIMENES, L. F. C. *Estudo lingüístico-histórico em Rio Verde: síncope e escolhas lexicais*. 2005. 148 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia.

WHORF, B. L. *Science and linguistics*. In: SMOLINSKI, F. *Landmarks of American language and linguistics*. Washington D.C. Bureau of Educacional and Cultural Affairs, 1988, p. 31-38

WEEDWOOD, B. *História concisa da lingüística*. Trad. Marcos Bagno. 4. ed. São Paulo-SP. 2002.

WILLIAMS, E. B. *Do latim ao português*. 6. ed. Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro-RJ. 1994.

http://www.fflch.usp.br/dlcv/nurc/apresentacao_did.htm, às 16:19h, de 26/05/2007

Speech Analyzer, Speech Manager, Uiowa: *Pnonetics: the sounds of spoken language*.

APENDICES

APENDICE A: Relação de falantes com as respectivas palavras selecionadas para serem analisadas, na forma fonética e na forma do português padrão.

| | <i>Petrunílio</i> | |
|--------------------------------------|-------------------|-------------------|
| [eɣu ^l la] | | <i>acolá</i> |
| [i ^l baʃu] | | <i>embaixo</i> |
| [^l berə] | | <i>beira</i> |
| [mi ^h ĩnu] | | <i>menino</i> |
| [ʃe ^l cɾĩã] | | <i>chacrinha</i> |
| [^l ũã] | | <i>uma</i> |
| [dɔɣu ^l mêtu] | | <i>documento</i> |
| [ne ^l gɔh] | | <i>negócio</i> |
| [dʒĩ ^l eru] | | <i>dinheiro</i> |
| [dʒi ^l fisu] | | <i>difícil</i> |
| [duẽ ^l tadu] | | <i>adoentado</i> |
| [e ^l i ^l veə] | | <i>alivia</i> |
| [se] / [o ^l se] | | <i>você</i> |
| [^l qũmu] | | <i>como</i> |
| [^l tʃĩã] | | <i>tinha</i> |
| [ke ^l ro ^l si] | | <i>carrocinha</i> |
| [me ^l ʃo ^l qo] | | <i>machucou</i> |
| [^l deʃi] | | <i>desse</i> |
| [ew] / [yo] | | <i>eu</i> |
| [sẽỹ] | | <i>sem</i> |
| [qõ ^l sutə] | | <i>consulta</i> |
| [mas] | | <i>máximo</i> |
| [pu ^l sivi] | | <i>possível</i> |
| [^l baɫsə] | | <i>Balsas</i> |
| [do ^l to] | | <i>doutor</i> |

| | |
|----------------|----------------------|
| [ˈɛwɔi] | <i>Eric</i> |
| [ˈta] | <i>está</i> |
| [tʃiˈrã] | <i>tirando</i> |
| [ˈbaχɔ] | <i>bairro</i> |
| [õˈtõyə] | <i>Antonia</i> |
| [ˈdõdzɪ] | <i>onde</i> |
| [mĩ] | <i>me</i> |
| [ɛpuzɛtɛˈsãw] | <i>aposentadoria</i> |
| [sɪˈɔrə] | <i>senhora</i> |
| [ˈmĩə] | <i>minha</i> |
| [qũ] | <i>com</i> |
| [kahˈterə] | <i>carteira</i> |
| [ĩdɛtʃiˈdadzɪ] | <i>identidade</i> |
| [pɛˈpɛli] | <i>papel</i> |
| [tɛỹ] | <i>tenho</i> |
| [ˈnũə] | <i>numa</i> |
| [ĩˈtɛ] | <i>até</i> |
| [qɔˈkali] | <i>cocal</i> |
| [vɛy] | <i>velho</i> |
| [xɛˈpayz] | <i>rapaz</i> |
| [χo] | <i>vou</i> |
| [ˈõmɪ] | <i>homem</i> |
| [ĩˈdɔydə] | <i>endoidece</i> |
| [oˈyãdɔ] | <i>olhando</i> |
| [õˈnãw] | <i>não</i> |
| [mey] | <i>meio</i> |
| [ˈsɛpi] | <i>sempre</i> |
| [ɪzˈqɔˈtɜzɪ] | <i>escute</i> |
| [qũsɪˈʒi] | <i>consegui</i> |

| | |
|---------------------|-----------------------------|
| [qõdʒɪ] | <i>quando</i> |
| [e'bilu] | <i>Abílio</i> |
| [tõ'mah] | <i>tomar</i> |
| [bã'ĩ] | <i>banhozinho</i> |
| [prɛ'fũmi] | <i>perfume</i> |
| [esẽ'tadu] | <i>sentado</i> |
| [ˈvridu] | <i>vidro</i> |
| [muy'ye] | <i>mulher</i> |
| [õ'mãw] | <i>homenzarrão/homenzão</i> |
| [gwẽ'tavə] | <i>agüentava</i> |
| [qũ'padʒɪ] | <i>compadre</i> |
| [tã'mẽỹ / tũ'beỹ] | <i>também</i> |
| [ɲo'se] | <i>você</i> |
| [ɪzqu'tey] | <i>escutei</i> |
| [qũ'ĩsi] | <i>conheci</i> |
| [qw'aɫcɛ] | <i>qualquer</i> |
| [ĩ'tãw̃] / [õ'tãw̃] | <i>então</i> |
| [ˈxayə] | <i>arraia</i> |
| [ˈtẽãw̃] | <i>tenham</i> |
| [ta'kənu] | <i>tacando</i> |
| [ĩ'çibə] | <i>enriba</i> |
| [mor'masʊ] | <i>mormaço</i> |
| [ˈãdu] | <i>andam</i> |
| [bãỹ'ya] | <i>banhar</i> |
| [ɪzpo'rãw] | <i>esporão</i> |
| [dʒ'eu] | <i>d'eu</i> |
| [mayz] | <i>mas</i> |
| [sĩ'nezɪ] | <i>sinézio</i> |
| [ˈẽtrə] | <i>entra</i> |

Conceição

| | |
|------------------------------------|----------------------|
| [mayz] | <i>mais</i> |
| [ˈtalɪ] | <i>tal</i> |
| [pɐquˈrɛy]/[pɛhqʊˈrɛy]/[pɔhqʊˈrɛy] | <i>procurei</i> |
| [ɔlˈvɛrə] | <i>Oliveira</i> |
| [ciˈriə] | <i>queria</i> |
| [ɐmãɣ̃ˈɣ̃ã] | <i>amanhã</i> |
| [mãɣ̃ˈɣ̃ã/mãˈõ] | <i>manhã</i> |
| [ˈtrɛyzi] | <i>três</i> |
| [χũy] | <i>ruim</i> |
| [doh] | <i>dois</i> |
| [o] | <i>ou</i> |
| [se]/[oˈsɛ] | <i>você</i> |
| [õˈtãw̃]/[ãˈtãw̃]/[ĩˈtãw̃] | <i>então</i> |
| [ɐduˈsi] | <i>adoeci</i> |
| [seh] | <i>seis</i> |
| [sɪˈgũdã-ˈfɛrə] | <i>segunda-feira</i> |
| [uh] | <i>os</i> |
| [dɔquˈmẽtu] | <i>documentos</i> |
| [ˈpoqu] | <i>pouco</i> |
| [ˈqũdu] | <i>quando</i> |
| [qũmɛˈsɛy] | <i>comecei</i> |
| [ci] | <i>que</i> |
| [ˈmẽnu] | <i>menos</i> |
| [ficẽmu] | <i>ficamos</i> |
| [noh] | <i>nós</i> |
| [prãˈtavə] | <i>plantávamos</i> |
| [ihˈmɔlə] | <i>esmola</i> |
| [dɛˈfavə] | <i>deixava</i> |

| | |
|--------------|-------------------|
| [ɔ'brĩɔ] | <i>abrigo</i> |
| [gəzə'yavə] | <i>agasalhava</i> |
| [ˈχopə] | <i>roupa</i> |
| [ka'boh] | <i>acabou</i> |
| [trə'bay] | <i>trabalho</i> |
| [ɛdɛvɔ'gadu] | <i>advogado</i> |
| [miy] | <i>milho</i> |
| [pɾi'citu] | <i>periquito</i> |
| [ˈɔwẽtu] | <i>agüento</i> |
| [ĩzẽyɔ] | <i>engenho</i> |
| [bɪ'biə] | <i>bebia</i> |
| [sɪ'vili] | <i>civil</i> |

Deci

| | |
|------------------------|--------------------|
| [dʒi'mayz]/[dʒi'mayzi] | <i>demais</i> |
| [bu'ɲitə] | <i>bonita</i> |
| [dʒizqu'bɾĩmu] | <i>descobrimos</i> |
| [po'sĩ] | <i>pocinho</i> |
| [ikã'nẽmu] | <i>encanemos</i> |
| [pu'favə] | <i>puxava</i> |
| [pɛ'sẽmu] | <i>passamos</i> |
| [li'gwazɪ] | <i>linguagem</i> |
| [tẽw] | <i>tenho</i> |
| [pɛɾi'sidu] | <i>parecido</i> |
| [no'zi] | <i>nozinho</i> |
| [fiy] | <i>fios</i> |
| [tu'aɫə]/[tu'ayə] | <i>toalha</i> |
| [sɛhvi'sĩ]/[sɛɾvi'sĩ] | <i>servicinho</i> |
| [ˈmiyu] | <i>milho</i> |
| [ʒu'daxə] | <i>ajudava</i> |

| | |
|-----------------------|----------------------|
| [iŋɐxə'ʃa] | <i>engarranchar</i> |
| [χɔ'drɪɲz]/[χo'drɪɲz] | <i>Rodrigues</i> |
| [so] | <i>sou</i> |
| [nɐ'dʒiə] | <i>nadinha</i> |
| [i] | <i>em</i> |
| [ɪz'pɛsi] | <i>espécie</i> |
| [ˈpɛdɔ] | <i>Pedro</i> |
| [qũ'midə] | <i>comida</i> |
| [vĩ'dʒiə] | <i>vendia</i> |
| [ˈtaxə] | <i>tava</i> |
| [ˈɔwẽtu] | <i>agüento</i> |
| [dã'say] | <i>dançarem</i> |
| [pɾisɾ'zavə] | <i>precisava</i> |
| [mɔ'tʒivɔ] | <i>motivo</i> |
| [lɪ'ʒitʃimɔ] | <i>legítimo</i> |
| [mãmu'kapɔ] | <i>mamucapo</i> |
| [ĩĩ'ah] | <i>enlinhar</i> |
| [vɔ'lumi] | <i>volume</i> |
| | <i>Dinga</i> |
| [ˈsisɔ] | <i>Cícero</i> |
| [ˈmũtu] | <i>muito</i> |
| [mɛtrɐ'tadə] | <i>maltratada</i> |
| [sɐ'udʒi] | <i>saúde</i> |
| [ɐ'ɔũə] | <i>alguma</i> |
| [ĩfrɛci'sɛnɔ] | <i>enfraquecendo</i> |
| [sãɣɪ] | <i>sangue</i> |
| [ɐ'χoyzi] | <i>arroz</i> |
| [quy'ɛh] | <i>colher</i> |
| [qɔɾɔ'zĩ] | <i>corregozinho</i> |

| | |
|------------------------|--------------------|
| [xə'kavə] | <i>arrancava</i> |
| [qũ'miə] | <i>comia</i> |
| [ɔfē'dʒidə] | <i>ofendida</i> |
| [sɔ'fri] | <i>sofri</i> |
| [kə'zeru] | <i>caseiro</i> |
| [mɛrɛ'lõw] | <i>amarelão</i> |
| [v'lēbru] | <i>lembro</i> |
| [ɪz'pĩə] | <i>espinha</i> |
| [kɛskɛ'veli] | <i>cascavel</i> |
| [pɪ'cɛnə] | <i>pequena</i> |
| [dʒɪgɛxɛ'zĩ] | <i>devagarinho</i> |
| [qũmɛ'sãdu] | <i>começando</i> |
| [ĩgɛtʃi'ah] | <i>engatinhar</i> |
| [ɪzɪ'si] | <i>esqueci</i> |
| [çɛʒiʃ'ti] | <i>resistir</i> |
| [ɛgrɛdʒɪ'sɛh] | <i>agradecer</i> |
| [qũsɪ'ʒh] | <i>conseguir</i> |
| [çɛʒiʃ'tɛsə] | <i>resistência</i> |
| [pɪrɔ'bɛmə] | <i>problema</i> |
| [sɛrvi'sĩ] | <i>servicinho</i> |
| [l'bebɔ] | <i>bêbado</i> |
| [kɛ'ba] | <i>acabar</i> |
| [ĩtrã'yadu] | <i>entranhando</i> |
| [mɛydzɪə] | <i>meio-dia</i> |
| [pɛhtʃɪsɪ'pa] | <i>participar</i> |
| [mɛə] | <i>meia</i> |
| [qũ'madzɪ] | <i>comadre</i> |
| [l'õjbu] | <i>ônibus</i> |
| [ɪzpuzɪ'sãw]/[puzɪsãw] | <i>posição</i> |

| | |
|-------------------|--------------------|
| [dʒɪfɪqʊlɪ'dadʒɪ] | <i>dificuldade</i> |
| [pɾo mɔdʒɪ] | <i>por modo</i> |
| [pɛnɛ'diə] | <i>penadinha</i> |
| [pɛsɔ'alɪ] | <i>peessoaal</i> |
| [qɔ̃tʃɪ'dadʒɪ] | <i>quantidade</i> |
| [ʒu'deə] | <i>judia</i> |
| [ɪ'tradə] | <i>estrada</i> |

Disa

| | |
|--------------------------|--------------------|
| [mɔ̃ŋɪ'sipyu] | <i>município</i> |
| [puzɛ'tadə] | <i>aposentada</i> |
| [ĩpreze'radə] | <i>emprazerada</i> |
| [kɔ̃mĩ'õw] | <i>caminhão</i> |
| [ˈqɔɾɔ] | <i>córrego</i> |
| [lɪ'ɕũmɪ] | <i>legume</i> |
| [ɪ'ɕwalɪ] | <i>igual</i> |
| [kɛtrɛ'daw] | <i>catedral</i> |
| [ˈxãʃu] | <i>arrancho</i> |
| [bu'kadu] | <i>bocado</i> |
| [ˈseyu] | <i>sei</i> |
| [ĩkeçɪ'adu] | <i>encarreado</i> |
| [ĩzpe'rãnu] | <i>esperando</i> |
| [pe'sarɪ] | <i>passarem</i> |
| [ˈqwaçɪ]/[qwah]/[ˈqwaʒɪ] | <i>quase</i> |
| [ɛtʃɪ'dʒidə] | <i>atendida</i> |
| [ɛkã'yadu] | <i>acanhado</i> |
| [mɛnɔ'pa] | <i>menopausa</i> |

Amendoim

| | |
|----------------|--------------------|
| [ˈsoɪzə] | <i>Sousa</i> |
| [ɛpɪˈliːdʒɪ] | <i>apelido</i> |
| [ɾɪmõˈdadʒɪ] | <i>irmandade</i> |
| [quɪˈtũmə] | <i>costuma</i> |
| [ɪfˈtɔrə] | <i>história</i> |
| [dʒɪˈzũtu] | <i>junto</i> |
| [ɛˈdʒizʊ] | <i>Edízio</i> |
| [pɔtrɛˈzɛsɪ] | <i>protejesse</i> |
| [ˈʃarkə] | <i>chácara</i> |
| [õmɪˈhadu] | <i>humilhado</i> |
| [ɪfˈtadu] | <i>estado</i> |
| [tɛˈrɛy] | <i>trem</i> |
| [lɛzˈkadə] | <i>lascada</i> |
| [ɪzˈqɔrə] | <i>escora</i> |
| [quɔɾˈriə] | <i>correria</i> |
| [ˈɛhɲɪ] | <i>hérnia</i> |
| [nɛsɛsɪˈdadʒɪ] | <i>necessidade</i> |
| [ʒuˈdɛ] | <i>ajudei</i> |
| [arə] | <i>área</i> |
| [ɪzɾɪˈtura] | <i>escritura</i> |
| [bɔˈlɪdu] | <i>bolindo</i> |
| [kɛpɪˈtali] | <i>capital</i> |
| [ɛqɪˈtaru] | <i>hectare</i> |
| [fɛˈmiə] | <i>família</i> |
| [ɛbɪˈsuhdu] | <i>absurdo</i> |
| [ɪˈzõmɪ] | <i>exame</i> |
| [kɾɪˈɛtɪ] | <i>cliente</i> |
| [ɾɪˈmõ] | <i>irmã</i> |

| | |
|---------------------------------|--------------------------|
| [ˈqõdʒɪ] | <i>quando</i> |
| [õˈnɛʃtɪ] | <i>honesto</i> |
| [ɪzɪpɪqʊˈlõnu] | <i>especulando</i> |
| [da] | <i>ainda</i> |
| [ˈlʷrõʦtɪ] | <i>encontro</i> |
| [ɪʃˈvɑ] | <i>incentivar</i> |
| [pɾɪˈsɪzə]/[pɛˈsɪzə]/[pɾɛˈsɪzə] | <i>precisa</i> |
| [ˈɛʃtɪ] | <i>ente</i> |
| [tɪʃɪˈzĩ] | <i>tiquinho/taquinho</i> |
| [sɪˈʃɪtɪ] | <i>seguinte</i> |
| [pɔɾsɛˈtazɪ] | <i>porcentagem</i> |
| [ɪˈbrãmə] | <i>IBAMA</i> |
| [dʒɪhɛˈtãmu] | <i>desmatamos</i> |
| [ɛɣɔˈɲɪə] | <i>agonia</i> |
| [ɛˈʒũtə] | <i>junta</i> |
| [dʒɪzˈcɪtu] | <i>desquite</i> |
| [ˈfasu] | <i>fácil</i> |
| [tɾɛpɛˈsadu] | <i>ultrapassado</i> |
| [ɛtɾɛpɛˈyadu] | <i>atrapalhado</i> |
| [sũˈtah] | <i>assuntar</i> |
| [ɛˈbrɪlɪ] | <i>abril</i> |
| [ãnɪˈmalɪ] | <i>animal</i> |
| [ˈpɔɾqʊ] | <i>porco</i> |
| [fɛɾɪˈadə] | <i>farinhada</i> |
| [sɔsɪɛˈsõw] | <i>associação</i> |
| [qoˈçey] | <i>carreio</i> |
| [χɛˈlaʷ] | <i>ralar</i> |
| [xɛpɛˈdɛɾə] | <i>rapadeira</i> |
| [oˈveyə] | <i>ovelha</i> |

| | |
|--------------|--------------------|
| [mey] | <i>meio</i> |
| [pɔhqu'rənu] | <i>procurando</i> |
| [ɔ'filu] | <i>auxílio</i> |
| [ɪzpɔh'ta] | <i>exportar</i> |
| [dʒɪç'i] | <i>adquirir</i> |
| [prẽ'merɔ] | <i>primeiro</i> |
| ['deʃɪ] | <i>desse</i> |
| [brɪgɐ'di] | <i>obrigadinho</i> |
| [bɛ'zeə] | <i>baseia</i> |
| [dʒɪz'poyz] | <i>depois</i> |
| ['ɔrgu] | <i>órgão</i> |
| [i'tɛ]/[tɛ] | <i>até</i> |
| [kɛrke'mãʒu] | <i>carcamano</i> |

Nezão

| | |
|--------------|------------------------|
| [vi mi'bɔrə] | <i>vir me embora</i> |
| [u'zotu] | <i>os outros</i> |
| [qu'mɛ] | <i>como é</i> |
| [qõ 'dew] | <i>quando eu</i> |
| [pũ] | <i>pra um</i> |
| [dʒixɐ'si] | <i>diz assim</i> |
| [pu'rotə] | <i>por outra</i> |
| [prã'mi] | <i>pra mim</i> |
| ['mɔduvɛy] | <i>modo o velho</i> |
| ['mɔdʒielɪ] | <i>modo ele</i> |
| [bĩ ãli] | <i>bem ali</i> |
| [cyɐ'li] | <i>que ali</i> |
| [fu'rçiə] | <i>forquilha</i> |
| [aj'tɛxə] | <i>as terras</i> |
| ['qũdu ŋo] | <i>quando o senhor</i> |

| | |
|----------------|------------------------|
| [yo'vo] | <i>eu vou</i> |
| [ʰŋoŋi] | <i>sim senhora</i> |
| [mexex'ɪdə] | <i>mas ainda</i> |
| [e'xayə] | <i>raia</i> |
| [t'ẽãw̃] | <i>tenham</i> |
| [ʰah mɛriə] | <i>Ave Maria!</i> |
| [ta'kãno] | <i>tacando</i> |
| [t'ũãbiʃə] | <i>uma bicha</i> |
| [du'çetu] | <i>do jeito</i> |
| [mexɯdi'milsu] | <i>mas o Edimilson</i> |
| [xɛ'payfoɣ] | <i>rapaz, foi</i> |

Conceição

| | |
|-------------|--------------------|
| [ɪdɛ'ɔrə] | <i>ainda agora</i> |
| [prã'mĩ] | <i>pra mim</i> |
| [trɛ'veyz] | <i>outra vez</i> |
| [mĩtẽ'deh] | <i>me entender</i> |
| [dzɪqʊ'meh] | <i>de comer</i> |
| [cyew] | <i>que eu</i> |

Deci

| | |
|--------------|-----------------------|
| [nɔhnũ] | <i>nois não</i> |
| [mahnõw] | <i>mais não</i> |
| [purɛ'i] | <i>por ai</i> |
| [çibey'dɛsɪ] | <i>arriba e desce</i> |

Dinga

| | |
|------------------|-------------------------|
| [zɛrahdzɪ'bawsə] | <i>Gerais de Balsas</i> |
| [mĩɛrɪ'mã] | <i>minha irmã</i> |
| [ɛ'veyz] | <i>às vezes</i> |
| [pʊrʊ'sɔli] | <i>pelo sol</i> |
| [xɛ'ihdzɪ] | <i>raiz de</i> |

[mõtey'vejzi]

*muitas vezes**Cícu*

[zɛrahdʒi'bawsə]

Gerais de Balsas

[mey'fikə]

mas fica

[ˈpuɾçyɛ]

*por que é**Amendoim*

[nõzo'zotu]

uns nos outros

[lay'vëy]

lá vem

[tʃewh 'livɾu]

teus livros

[pɾɛʃ'teytêsãw]

prestei atenção

[tʃewzi'gwẽtu]

teus unguentos

[dʒizã'heĩvãtʃi]

de Janeiro em diante

APÊNDICE B: Características lexicais

O objetivo principal deste trabalho não é exatamente apresentar o léxico do falar sertanejo, mas fazer uma descrição dos sons vocálicos desse falar. Aqui apresentamos alguns itens e expressões lexicais para que tenhamos um maior conhecimento dos aspectos culturais que envolvem o sertanejo, por meio desse conjunto de palavras e expressões usadas por esse grupo sócio cultural, com as respectivas explicações, diferenciem-se ou não esses itens da língua comum.

1 Itens lexicais⁴⁹:

a) Inventário de itens que apresentam mudanças fonético-fonológicas:

Adévogado

Conceição: Aí baxô. Cabô a cünversa da apusentaçãu. Aí u Luiz Carlu mi botô na mãu du *adévogadu!* Maiz' eu têu... Eli, Luís Carlu foi na mĩa casa i viu u trabai qu' ieu trabaiê

S: Advogado

Mãnicípiu

P⁵⁰: E: Ondi é qui a sĩora mora, como é u nomi du lugar assim bem cerfĩm qui a sĩora mora?

Disa: Baxa Funda, *mãnicípiu* di Bausa:

S: Município

Pecurei

Conceição: Não, eu fui lá, ela nũm tava. Aí eu *pecurei* a ela. Aí eu digu: “- E aí, cadê a muié?” Ela disse: “- Não, eu vô ligá pra ela pra nós i lá”.

S: O mesmo que perguntou. A mim me parece referir-se à alternância do vocábulo “procurar”, tendo em vista outras realizações em que ocorrem as seguintes alternantes: procurei > percurei > pecurei; ou ainda pode haver uma fusão morfológica e semântica das palavras “procurar” e “perguntar”, em virtude da semelhança entre as mesmas, tanto na forma quanto no significado.

H: etim. lat. *praecunto, as, āvi, atm, āre*; l. c. *percontare*; séc. XV *perguntarrom*; indagar.

H: etim. lat. *procũro, as, āvi, atum, āre*; tratar com cuidado de negócios alheios, administrar, governar, olhar por, presidir, fazer expiações.

Obrigo

Conceição: Eu saía di mãã cinco hora cũm sêis peça di rõpa da... qui, qui di primêru ali er' u Dr. Agustĩm, qui tĩa ali na parti du ospital São Jusé. Eu batia aquela rõpa i dẽchava eli duenti pra... nu *obrigu*⁵¹.

S: o mesmo que abrigo.

H: etim. Lat. *obligo* - submeter(se) a uma imposição.

⁴⁹ O “S” é o mesmo que *significado no contexto* e o “H” *significado segundo o Dicionário Houaiss*.

⁵⁰ Essa letra “P” significa “pesquisadora”.

⁵¹ O Hospital São José mantinha um abrigo (*obrigo*) “Lar São Vicente de Paula” para pessoas idosas e ou muito pobres e desamparadas. Hoje esse abrigo está sob a responsabilidade da comunidade religiosa vicentina.

Salario

Conceição: Qui eu pagu u sinicatu. Antõw eu fui seu... dê ur documẽntu, seu Luir mostrô aquelir documẽntu, chegô lá rá fazia dia qui meu diẽru tãa chegad' aí. Aí eu tirê ùm poquĩ sigũnda-fêra, nu dia dois, eu tirê u *salaru* compretu.

S: Salário

H: etim. *salārium, i* – quantia dada aos soldados para comprarem o sal; donde soldo, salário, ordenado.

Drumi(r)

Conceição: I eu chegava cincü hora. Chegava tava aí ur mininu tudu sêi cãmê i eli. Eu ia fazê u dicumê, cabava di fazê dicumê, gazaiava, ia batê rôpa, ia passá ferru até a hora qu' ieu passava qu' ieu vĩa *drumi*.

S: o mesmo que dormir

b) Inventário com processos de derivação não-tradicional:

Apusentação

Conceição: Não s'ora. Eu moru mermu nu sertãu. Eu vim, demorei essi' zõtu... essir dia pá arrumá essir documẽntu dessa *apusentaçãu* ...

P: Di quê?

Conceição: Dessa *apusentaçãu*.

S: o mesmo que aposentadoria

H: etim. aposentar+ação; o mesmo que aposentadoria

Menopá

Disa: Tõ suadã (risos)...

P: É qui tá quanti, Dona Disa.

Disa: É qui tá quanti, i eu tẽu ùa agitaçãu da *menopá* i aí ela misturô aqui (risos).

S: menopausa

c) Inventário cujos termos constam do dicionário da língua geral amazônica:

Pacará

Deci: *Pacará!*

P: Pra que qui servi o *pacará*?

Deci: Pá carregá toda coisa qui ocê pricisa. E aí você carrega lãa..., você carrega u volumi. (...)

S: cesta feita com palha de palmeira que serve como depósito.

H: etim. tupi; cesta redonda feita com palha de palmeira e em várias cores.

Atividade - As *capuera* véa, pãiandu, pãia *macachera*.

S: mata ora não utilizada no plantio de roça por já está desgastada.

H: etim. Tupi; área de mato cuja vegetação anterior foi roçada e/ou queimada para cultivo ou outros fins.

b) Expressões de origem africana presentes no falar local pesquisado:

Atividade - Si eu subessi eu levu u *andu* pa siõra, eu levú u *andu* i nun custa nada nãun.

S: espécie de feijão considerada bastante medicinal.

H: etim. quicongo, africana; o mesmo que guando guando subarbusto ereto de até 3m da família das leguminosas.

Deci: Essa peça aí é ãa *canga*, pá botá nu boi.

S: peça de madeira usada para prender junta de bois.

H: etim. quiconga, africana; peça de madeira usada para prender junta de bois.

d) Categoria de itens lexicais idiossincráticos:

Mamucapo

Deci: Sim. É essi aqui, ó, qui é *u mãmucapu*.

S: peça que ajuda a manter organizadas as linhas de fiar.

H: mamucaba – trançado que liga o pano aos punhos da rede

Furmina

Ciçu: Têi... Vixi! A penadã tá lá reservada, chega *furmina*.

S: existe em quantidade quase que excessiva. Parece referir-se à alternância do vocábulo “formigar” com a assimilação do /g/ > /n/, ou ainda pode haver uma fusão morfológica e semântica das palavras “formigar” e “fulminar”, em virtude da semelhança entre as mesmas, tanto na forma quanto no significado.

H: etim. Latim; formigar é o mesmo que ter em abundância.

Penadã

Ciçu: Têi. Vixi! *A penadã* tá lá reservada, chega *furmina*:

P: Só ciscando... *furmina*?

Ciçu: *É*

S: galinha, frango, capão.

Vertença

Disa: Pruquê lá é bom, lá têi nossas *vertença*, nôiz... nóiz vamu par nossa... dar nossa arvi, nós vamu contá nossas história, bunita, vamu u córgu, tom’ um bãi mar beleza, mió di que essas águia aqui, nũm é?

S: o mesmo que diversão

e) Itens lexicais com especificação de significado:

Marreta

Deci: Essa aí é ãa peça da renti pilá arroiz.

P: Comu é qui ela si chama?

Deci: *Marreta!*

S: espécie de martelo de grande tamanho que serve para pilar arroz ou outro tipo de cereal; possui a mesma função que a *mão-de-pilão*.

H: pequeno marrão de cabo comprido.

Tramóia

Deci: Eu, da mĩa lĩnguagi antiga, chamava era *tramóia*, agora vou até lhi contar um casu.

S: tipo de renda feita manualmente sem o uso de nenhum instrumento

H: etim. esp. Tramoya tipo de renda paulista, de pontos largos.

2 Expressões lexicais

a) Expressões lexicais que conotam as dificuldades, os males da vida:

Aí baxô

Conceição: *Aí baxô.* Cabô a cūnversa da aposentação. Aí u Luiz Carlu mi botô na mão du adêvogadu! Maiz eu tēju... eli Luíz Carlu foi na mĩa casa i viu u trabai qu' ieu trabaiê.

S: Aí parou tudo, deixou de ser dado prosseguimento ao processo de aposentadoria.

b) Sobre as prudências práticas do cotidiano:

Que' ieu num dô dicumê a priquito

Conceição: *É fava, é fêjãw, é mií. Só não arroiz... nũ vô mĩnti, qu' ieu nũ prãntu mai' zarroiz qu' eu nũ dô dicumê a priquitu maiz ... ãa véa cūma eu, mĩa paciência rá tá curta p' eu gritá.*

S: Que eu não dou comida aos periquitos, que eu não vou trabalhar à toa.

c) Expressões de cumprimento e de tratamento:

É gosto

P: Pois tá muito bem, tá, D. Ceíça? Muito obrigada aí pela sua intrevista.

Conceição: Pois é. *É gosto.*

Disa: *Foi di gostu, muito bêí.*

S: Foi com prazer; foi com gosto.

d) Conseqüências físicas da velhice, do destino:

Acabei mĩas fôças

Dinga: Ah! Meu Deus! *Acabei mĩas fôça!*

S: Trabalhei demais

Ia batê rôpa

Dinga: Chegava tav' ur mininu aí tudu sêi cumê i eli. Eu ia fazê dicumê, cabava di fazê dicumê, gazaiava, *ia batê rôpa.*

S: Ia lavar a roupa.

e) As ações e a vida social:

E habilitô nóis

Conceição: Pois é. Eu sô du dia vinti i cincü di maiu di quarenta i três. In quarent' i três. In quarent' i quatu meu pai casô nu civili i *habilitô nóiz* aqui. Ali nu cartório da Maria Alice. Aqui nu Bausa.

S: E registrou-nos no cartório

Todu'zu'zanu eu boto

Conceição: Têu mĩa roça lá, tô mi vendu p' eu i, p' eu pudê agasaiá mñas, meus trêizîm qu' ieu... eu agazaiê, qu' ieu prãntei, qu' ieu têu, i *toduz'uz'zanu eu botu*.

S: Todos os anos eu planto

f) Expressões que conotam causalidade do mundo e da vida física:

Era menu dum oi

Conceição: Eu fui criada na roça... puquê eu nũm tô... si... si meu irmão tivessi aqui eli dizia tudu, du qũndu eu cumecê mĩntêndê, qui meu pai *era mēnu dũm ôi*, noiz era ser muié dentu di casa, só era um homĩm, õntõw eli casô i nõi fiquẽmu.

S: Tinha um olho a menos

Fui ofindida

Dinga: Eu digu... Eu rá *fui ofindida* duas veiz.

S: Fui picada por cobra

Inda hoji tem certidão

Dinga: É... É bom! (...) aí fui ofendida... podói... qu' inda... *inda hoji tem certidãu*.

S: Ainda hoje há a marca da picada.

Pru modi

Ciçu: A roça nũ deu, eu prantei, mar nũ deu nada, deu ãa pesti di bichu dũa sĩora di cigarrĩa, qui... cortô, cumeu todĩ, i aliás *pru modi* aproveitá esse trêi pá num tê perdidu eu joguei um pastu im cima.

S: Por causa, porque.

APÊNDICE C: Fragmentos da transcrição morfofonêmica da fala de um sertanejo colaborador.

Entrevista com Sr. Amendoim

(...)

E: I porque chãmu u siô di “Mudubim”?

M: U... u negor du “Amendoim” é puque’li foi um fiu criadu sêi pai i mãi i a mãi casô duas veiz, quer dizê, i aí juntemu cuns mininu du padrastu...i da... da mãia mãi i aí fiquemu botan’apilidi nuz’onzoto, di “Amendoim”.

E: Amendoim?

M: Amendoim. I aí, pur issu aí, é pur essa passagi di muié pegá otru omi quan’ela fica viúva, quanu si ajunt’ os fiu têi qui sê ãa rimandade, num é? Aí aquilu custuma brincandu i naquilu a renti vai botanu apilidi nunz’onzoto, num é? Fazenu carãu di um jeitu, di ôtru, né? Pois é. Aí nissu nós fiquemu chamanu unz’onzoto di Amendoim. Aí u Amendoim foi crescendu... Amenduimzim i lai vai...i lai vai... Lá u meu... meu padastu morreu, mãia mãi ficô ãa viúva nova, ainda. El’era bunita, a véa mãia mãi era ãa índia assim mea cabelu bom.

E: Pur issu tambêi u siô ficô bunitu?

M: I aí, mãia rimã, eu num... num sei si’eu fiquei bunitu, né?(risos) Eu sei quanu mi casei i “Amenduim”, “Amenduim”, “Amenduim”... U povu só me trata “Amenduim”. Mixi cum essis “Quei” tudu, trabaian’aquí pu (...) mar a dona(...), (...), maizi é “Amenduim” é “Amenduim” na histora, é Amenduim na histora, i num têi essa nãu. Di São Luiz pra cá, pur essi mundãu todim é “Amenduim”.

E: U siô nasceu ondi?

M: Eu sô marãensi. Eu nasci bem lá... nu... nu... dijuntu daquela Aldeia.

E: Ah, aqui.

M: Ham ram! Na Arara.

E: Certu, eu...

M: Poiz’é. Qui era du finadu (...), irmãu du (...) Carcamanju. Pois é. I aí lai veiu di lá pra cá... Lá eu nasci. Cum mãia muié... vimu aqui pu Correiu i’ eu nunca morei im ária curta, i aí eu pidi u finadu (...) qui potrejessi, qui lá, a Arara, mãia mãi judô comprá. U... a primera fia, mai véa di mãia mãi, qui era a finada (...), ham ram, ela casô i aí mãia mãi assinô tudu nu nomi da finada Francisca, i aí ficô uz’ ôtu sêi nada. Eu digu: “nãu marr’eu sô homi, Fulanu’ é homi. Ô Fulanu, ramu dexá mãia irmã im paiz, cum maridu dela, porque ela rá fer muntu pur nós, ajudô mãia mãi. Justamenti mãia mãi comprô, marr’ aí ela é a mai véa, sôbi indicá as coisa pra nós”. Aí eu mi conformei pur’ eli. Eu mi conformei, Fulanu tamei, qui’eli mora lá na Bacaba, ‘ntendeu? Lá pertu du (...). Aí nu fim, nós casemu. (...) Eli tá lutanu, viven’ a vidã, num tá ricu nãu, mas tá ãa vidã leve ‘ntendeu, i eu tamêi num tô ricu, nãu, i si torna ainda ãa pessoa qui tamu vivenu bei. Meus fii rá tâu tudu... quas tudu... num tâu quas tudu criadu ainda qui têi um cum dizesseis, i ôtu cum...doz...nãu, cê tem onzi anu? É, depôr nóiz’oia ur documentu. I aí têi essa parti... mãia muié i nor lutamu. Sempi qui nós tamu agasaiadim.

E: Mora na suas terra?

M: Moru ni m̃ias terra. Tá bẽ' aqui ur documentu, passadu pelu (...), du negoçu qui noiz fizemu. Eli ainda mi devi trinta hequitari di chãu, i mi dãu ur direitu da gerença. Nõs tamu receben' esa conta. Queru é comprá um carrim pá noiz viajá pá charca du Bausa pra cá. Eu mar m̃ia véa, qui nõiz tamu muito omilhadu aqui, cum negoço di carru, qui'essi carru du Quinzi, quand'eli vei é du Istadu i ninguei podi disgostá. Já bota pá carregá u povu, i num tei lugá. Têi delis qui cai pu riba da genti, é aqueli rolu danadu, é aquela bagacera. Ot'ora num tei apoiu pá noiz botá us terẽi qui compra lá nu Mateusu, i aí fica aquela tribuna, aquela luta mar lascada du mundu. El' é apusentada, têi u dierim dela, maiz' i eu num sô, i aí... mas têi qui acumpãia a muié puque ela num podi i só, num é? Nas coisa qui tá acuntecendu hoji... Aí é... i servi, essi dierim servi, ham ram, marr' aí si tivessi marr' ûa... ûa iscora pra meu ladu, era mar melhó pur' u... Eu já tô um omi cansadu, pela luta qui'eu m'isforcei dimaiz, cum negoçu meu e cum negor dus ôtu, dus patrãu. Naqueli i naquela curriria, a renti fica doidu, ham ram, i si acaba ligêrim. Issu a quẽ qui duenti, herni. Ua veiz fui operadu. (...) mi operô, ham ram, i ainda num peguê u atestadu. U (...) tá aí pá resolvê essis problema, tomei mi apusentá pelu direitu di impregu, i passá um restim di conta, ham ram. I certu qui nõiz tamu lutandu. Intãu, si eli num ligá dentu du meu imprêgu cum elis... ham ram, é pricisu delis ligá, num é mermu? Purque a coisa oji num tá façu, ham ram. I eu têu nicissidadi, num é? Eli num é pobri, eli é ricu. Eli têi munta capacidadi. Ajudê muntu Elis. Dê ûa ara p'eli alimpá di mili cent' i trit' i cincü. I aí eu dei foi oituentus hequitari pra elis dent' da dispesa. U... u qui'eli cobrô eu passei pra eli. Assinei tudu na iscritura, só fiquei cum duzent' i trinta i cincü. Apliquei duzent' aqui, ham ram, i ficô us trint' i cincü, duzentus' i trint' i cincü.

-Ô Dõgla, vai cuidá du... du... di tcheur livru, mininu, camãa meu fiu. Vai trabalhá rapaiz, cuidá dus papeli, tcheur devê, pur nossa siora, vai istudar, camãa meu irmãu.

E: Sim, i aí?

M: I aí, sabi di quẽ qui nõis agora tamu bulindu nessi negoçu. Qui'eu tô querenu, qui'eu tô cum nicissidadi. U...i mehmu u capitali da genti é bom na mãu da genti, ham ram. Tô precisam'dum incostu. Duas coisa vai acuntecê, eli passanu meu restim di conta dur meu trinta hectaru i...i mi apusentanu, tá bom demaiz. I eu queru, dona (...), qui sê teja renti, pur essir mutivu, qui ôcê sabi qui renti qui têi famia, toda cois' é fracu. Coisa poca num dá nada, num é? Só um tratamentu oji, um remédiu é preçu abisurdu, ocê vai comprá nua farmãça i ûa, ûa consulta, pá si pagá ûa consulta que um convêi num tá ajudandu ninguẽi. U convêi pel'essa pahti num tá ajudanu ninguẽi.

E: U que qui é u convêi que você diz?

M: U convêi aqui é us hospitais, qui renti faiz as consuta pelu convêi, é um meiz pá renti pudê pegá um inzami. Candu vei cuidá dissu aí, u crienti já morreu, si num tivê u diêru na hora.

E: É u SUS qui'elis chama?

M: È u SUJU qu'elis chama, é, i aí, mia rimã, renti passa munta nicissidadi num podi... Quem sai daqui num podi passá um méiz, faiz um inzami i só podi pegá um resultadu cum méiz. Pelu SUS nem tei condiçãu! E u médicu, num sei u qui tá tenu pur aí, qui ur médicu, candi chega lá alguẽi, fica polonganu. Quanu vêi cuidá du crienti rá passô, rá passô, i aí qui, qui si faiz? Hum hum, sinãu a renti têi qui tomá providença das coisa i aclamá, i falá as coisa qui têi pricisãu, hum rum, qui ninguẽi vai falá as coisa pur nõis, nõis é qui têi qui aclamá a situaçãu.

E: É. Pois si nõis somu, nõis vota, nõis têmu u direitu tomei, noiz temu u direitu nu guvernu, qui u guvernu sobi lá im cima pu causa di nõis tudu. U prefeitu pelu mermu jeitu, mar u prefeitu, eu nem têi nem u qui dizê du prefeitu. Nãu. U prefeitu é ûa pessoa honesti. Agora até

eli tamêi têi veziz qui s'inrola, qui'eu já pestei tençãu muito tipu di coisa, muit'arrochim lá pra eli lá. Tivi lá agora pocur dia, i eu notei qui iss'ái têi um acãimentu lá du governu, pá candi chegá cá, agora só qui depois qui chega cá nim Bausa, si depois elis inrola, aí eu num sei, num é?(...) Hum rum. Ali têi muita tribuna, m̃ia rimã, eu vô lhi dizê, (...) Essa luta nossa vêi di tempu! Mar nói vai indu i chega.

E: I a energia aqui, num têi?

M: Nãu. Energia num têi, m̃ia rimã, di jeitu niu. Tãu falanu di botá essa energia, i eu taquei lá u (...). Fulanu diz-“Vai, a energia vai, mais só vai até na sociaçãu nova. Depois eu tivi m'intendendu cunz' otuz' órgu lá. Renti é cuincidu mar du que bosta di jumentu, i aí eu tivi' ispiculanu i aí eli dissu ” -Nãu, nau, num podi. Num sei, rapaizi, essar nuvêi têi qui s'incrontá, ham ram, porque num podi, é só im associaçãu nova nãu. Da têi qui í até u Correí. Essa proposta têi qui té um debati, têi qui té um incront' aqui. U governu têi qui sabê qui as sociaçãu sãu du governu! Ontãu, si tãu atrazada, pur qual mutivu? Ontãu têi qui intivá tudu, que tudu precisa! Num é mermu?”

E: É iss' aí

M: É mermu. Ontãu cobr'ũa taxa di todú mundu pá pagá ãa taxa. Tendeu? I aí, rapaiz, será que passanu dent' da charquã da genti as veziz puxa? Diz ”-Podi! Ham ram, mar moçu iss' é cunversa?”

Outru: Podi que u nomi du programa é “Luiz para todú”.

M: É “luiz para todú” num é? Pos tá bom! Pois é. I aí é u enti qui nói ramu comprá ãa televisãu, qui nor num tei nada.

Outru: Menu pá intertê.

M: É. Tiranu dessi radim qui'eu tirê agora di prestaçãu, ôtra coisa... Ham ram.

E: Ah, tá.

M: I aí precisa a renti... que qui a siôra qué inzaminá mais coisa, assim?

E: U siô tava vindu di ondi agora?

M: Eu via vindu di meus partim, ali.

E: Ah, num era da fonti nãu?

M: Era da fonti.

E: É, u que qui tei ali? É um pé...

M: Ali é... é meus partim, é o Bausiã, ali...

E: Ah, u riu?

M: É u riu Bausiã, aqueli qui cê passa lá nu oi d'água.

E: Mais intãu é ãa riqueza inormi!

M: Mar moçu! Aqui cê faziz ãa vazanti beleza! Eu qui num tô mais resistindu, só têu dois fii. Eu rá tô cansadu. Só bracim dessi aqui, omi novu, mar matratadu.

E: Essis braçu tãu forti ainda.

M: (risos) Tãu maiz' é assim. Qué que sai du meu sãigui comu sãigui di cutia? Maiz' eu... tá risistinu um tiquizim mais... mais vai. Maiz' é, mais têi hora qui fica assim.

E: Têi um tiquinzim di força ainda

M: *Têi, têi, têi. Inda têi um tiquinzim ainda aqui.*

Outru: Amendum, comu foi u arrendamentu qui tu feiz cum essis gauchu?

M: *Meu fiu,.. é u siquinti, dona (...), é..*

Outru: Neri, Néri.

M: *Néri, Néri. Ah eu sempri tivi lá im contatu cum você mermu tivi lá...I aí issu aí, essi arrendament' ai num é um arrendamentu. (...) Aí tô fazenu benefiçu daqui mermu, qui dexei baratim, cincu sacu pur hequitaru. Purque terra bruta, num é? Aí daqui mermu du corp'elis vâu pagandu a purcentagi.*

E: Quantus hequitaris?

M: *Cêi.*

E: Cêi?

M: *Cêi.*

E: Aí peg' u quê, quinhentus sacus?

M: *Mia rimã, (...) nãu, inda num têi cêi. Elis vau dirmatanu divagá, pu causa du imbrama.*

E: Ah.

M: *É, i aí eu digu elis qui' é pá levanu divagazim num carec'ess' agunia. Um é até meu genru. Ê assim já é assim qui' é amigadu cû'a fia mĩa, num é? I aí eu chamu di genru purque oji tá essa tribuna danada. U povu num qué maiz casá. Ajunta pá pudê assuntá quei é a freguêiz' i suntá quei é u freguêiz, num é? Aí tá essa tribuna danada. Puquê um disquitu num é façú. I eu mermu num gostu di casá fia mĩa, nãu, gostu di vê é si amigá pá elis í si batê na vida delis, puque qualqué coisa u nomi di mĩa fia num fica trapassadu a pegá otru omi, num é nãu?*

E: Ê.

M: *As vez' um homi até di congressu, podi arrumá i aí podi eli tamêi, u rapaiz tamêi podi arrumá, i trapaiadu u nomi deli cum mĩa fia, qui a vez num aprovô. Conteci, num vô jogá só nu homi. Hoji a passagi qui têi pu homi têi pá mulhé tamêi, é ur dois tudu iguau, num é nãu? I aí eu digu; "Aí, vocês querem sabê, vamu botá pá pensá, vamu si virá, ramu trabalhá i suntá cuma é qui fica a vida di vocêis, pá voceis pudê ter ùa força mar melhor mar dispois". Num é nãu? Dent' dur direitu i aí já tá... i aí já tá ùa coisa di gostu, num é nãu, dona (...)?*

E: I hoj' im dia é tãu natural, né, vivê juntu primeiramenti pra depois...

M: *Mar moçu, num é bom?*

(...)

E: Émeu tambêi?

M: *É seu tamêi. A hora qui ocês quisé, a hora qui precisá...Eu comprei ùa fazenda, vô brigá agora marr' u governu. Milhó tirá diêru, um projetu di ùa coisa têi, dona (...), qu' eu passu' a garantia tãbêi, us acordu, i aumentu tudu, vai milhoranu que si a siora pegá ùa terra mecanizada já há aí ôta condiçãu, num é? Aí já num é baratim tamêi, que toda coisa têi qui subi um grau tamêi, né? todú cumérciu, i aí di ocê é meu, é.. dissí, i di qualqué um, i bom di chegada pá você fazê ùa visita, tendeu? Tamêi num paga gerenti qui u donu tá' qui nu pé,*

combinandu, certu? Pá viajá... qualqué coisa sua. Ua horta viu?I aí nu lugá di pagá um gerenti já ajuda eu, num é nãu?

E: É. U siô é um negocianti di primeira, num é?

M: *(Risos)*

E: Sabi negociá.

M: *Opa, renti tei qui movimentá, num é? Prantá ãa horta... A incanaçãu aqui, aqui si dé é duzentus metru di canu, du riu pra cá, qui nãu, num dá mais que issu, que fãa qui separá a baxa cum u autu, qui sinãu é piçisu ôta casa mais pá pertu du riachu, i é arriscadu u riu levá nóis. (...) A bera du Balsãa. “-Mininu, tu rá tá estudanu, mininu? rapaiz, vai cuidá di tcheus inguentu pá chegá im tcheu horáriu mininu camãa, mininu, marr’ rapaizi...Moçu di Deus!”*

E: Têi quantus anus essi aí?

M: *Têi, eli tá... i eli tá fazenu uz’ onzi anu, é, hum...*

E: É um rapaiz bunitu, né?

M: *Rapaizi, ar muié diz qüi’eli é bunitu, mais (...)Inté’essa data, mïa rimã, mata ãa franga aqui pá dona (...) cumê mais u rapaiz (...), caipira, tá bom dimaiz.*

(...).

E: Ontei, nãu?

M: *Oji. Iam matá um gadu, aí ofereceru, i aí mandê eli buscá i eu fui prantá ãas abroba, qui num tarra chuvenu, i aí eu digu só... eu dissi u mininu: “- agora ocês só pranta, daí qui u invernu... sinãu”. U povu têi um foli: “lá nu anu du piqui é anu bom du buriti, é anu bom di chuva”. Nãu se basea nãu, qui us segredu di Deur ninguêi sabi; qui eli, qui eli dissi qui quandu u povu quisé sabê mais du qui eli, eli mudava us tempu. Há tempu qui já mudô. Negoçu tá tudu diferenti. Vamu prantá só di Janeru im vantí qui aí é terra seca, é chapada, é carrascu, é só í, prant’u arroiz ligêru, qui agora im janêru du dia trinta di janeru...janeru, fevereru, marçu, abrili, maiu, tá gãi, tá gãi. I aí é u tempu qui mêr di fevereru gosta di chuvê, veiz forma um solim tomei, marr’ é poquim, mêis di marçu, mêis di chuva certa, abrili essa terra tá bem moiada, maiu é u serenu, num é nãu? Num tá gãiu?Num perdi u tempu, nem perdi dispesa. Num adianta agunia. Ramu levanu divagazim aí de’stá qui...*

E: Mas u siô têi um fejãuzim verdi aí?

M: *Têi nãu, mïa irmã, têi nãu. É puque qui’ái tô fazenu cerca, dona (...), qui aqui a renti num cria, inda hoji u dia qui’eu tô cum meur bichim, um animalí meu dent’ du cercadu dus é gaúchu.*

E: U que qui’u siô cria aqui?

M: *Eu tô... ainda nãu, tô cumeçanu. Têi ãas trerr’ egüiã, di tudu a seis cuns poldu. Têi trer gadim, quer dizê, ãa vaca cum bizerru i ãa nuvia pra li. Quer dizê, têi assim cum bizerru cum mijolim, num é? Quer dizê, tá aqui dent’du cercadu. Hoji era pá nóiz tê amarradu, onti, marr’ eu fui oferecê ãa carni di porcu pra li, um porcu pá nór matá num sabi? I aí num achei compradó, u povu tá rüi di diêru...” Tô devendu issu i aquilu” É aquela quebradêra mar danada du mundu. (interferência). Tudu. Era, dona (...), maiz... cabô cum tudu. Renti cria um porquim, rapaiz, hoji um leitãu é cinqüenta reais... é mar mió que si mexê cum fariãada. Óia, a fariãada, ocê vai mexê cum quê? Cê têi qui pagá um tratô pá vim pá arrancá... carregá a mandioca, leva pá oficina nu barriu, naquela sociaçãu du Correi, i aí leva pá lá. Chega lá tei*

qui pagá u tratô qui'é da sociaçãu, tēi qui pagá u motô pá serrá, tá. Tēi qui pagá é pá relá u... u fôrnu da sociaçãu, tēi qui pagá rapadêra, i cê lutanu. Nãu, ramu saí di tantu barui qui quan'é nu finau você tá sêi a farinha.

(...)

M: É. Meu genru botô aqui ãas uvêia, ô...pá nós criá pá (...) um mei di vida pá nós bebê um caldim, chegá um amigu, nor dá um caldim. Num é, num é importanti cê chegá bẽãqui i nóiz? (...) Ela tá percuranu, eu tô dizenu tudu, guiné, tudu tēi ali. Tēi uns porcu ali, leitãu, tēi porcu grandí, ham ram.

E: Entãu u siô tem muita coisa né, seu Amenduim?

M: (Risos) Tēi nada, mĩa rimã, coisãa poca, que u pobri num tēi condiçãu assim, só pá...a dispesa dus bichu, a raçãu. Aí comprê ûa raçãu qui'eu compru é ali, nu Correiu, u quilu di xeréi i u quilu di cuim vinti i cincu centavu. I aí a genti vai imendanu ûa coisa cum a ôta.

E: Mas quando vai juntand'a galãa, u patu, u guiné, a uvelha, a vaca, u porcu.

M: É... A vaca... U porcu

E: Dá muita coisa!

M: Dá pá genti tirá. Uu governu ajud'a genti, pur issu qui eli cobra assim, um ochilu, maiz' é puque eu já tô cum mĩas foça mea fraca i a genti tendu um ochilu d' ali, marr' ûa potretaçãu, pá genti, mar ûa proteçãu, aí a genti tēi condiçãu di comprá. Mar dispesa pá criaçãu i isportá puz' otu qui mexi cum ota área, né?

E: Qui produiz.

M: Qui produizi. Produzi. Eu ach'importanti qui'é bom renti produzi, pá genti cedê puz' ôtu.

E: Quer dizer qui o siô si vira?

M: É mi viru aí, divagazim, cũ'a venta pelu chãu, mar nói vamu mi aqui, té chegá lá (risos).

E: Até chegá ondi?

M: Nói vamu chegá lá, assim nũa pusiçãu d'ûa miora, qui a renti podi cumê mar melhó num é? Issu é qui'é a renti lutá, renti diquiri a saúdi da genti, qui'é u importanti im premêru lugá a saúdi qui Deur dá pra nós, num é dexi jeitu? È, é u qui nós qué, qui nós cum nossa saúdi, num tei nada difiçu. Agora nós tandu duenti, ei!... é fracu, num tei nada qui chegui.

E: Pois tá bei, intãu, tá, seu Amenduim? Eu ficu muito grata au sinhô di cunversá cum sinhô, i apareça lá im casa, pra genti tomá um cafezim.

M: Tá, dona (...), pois é. Pois tá muito bom!

M: Tá certu.

ANEXOS

ANEXO 1 – Ficha do entrevistado

| FICHA DO(A) ENTREVISTADO(A) | | | |
|------------------------------------|-------------------|---------------------------------|----------------------|
| Data da Entrevista: | | Local da Entrevista: | |
| Nome do Entrevistado: | | | |
| Data de Nascimento: | Idade: | | Local de Nascimento: |
| Tempo de Residência: | Profissão: | Local de Nascimento do Cônjuge: | |
| Escolaridade: | Número de Filhos: | | Renda Familiar: |
| Nome do Pai: | | | |
| Nome da Mãe: | | | |
| Local de Nascimento do Pai: | | Local de Nascimento da Mãe: | |

ANEXO 2: - Termo de consentimento livre e esclarecido.**FACULDADE DE LETRAS
PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGÜÍSTICA
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário, em uma pesquisa. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa você não será penalizado(a) de forma alguma. Em caso de dúvida você pode procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás pelo telefone 62 3521-1075 ou 3521-1076.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Título do projeto: Aspectos lingüísticos fonético-fonológicos e lexicais da cidade de Balsas-MA.

Pesquisadora responsável: Maria Célia Dias de Castro

Telefone/ e-mail para contato: (62) 3255 3367 e (62) 8158 5233 celialeitecastro@hotmail.com

Justificativa: a pesquisa se justifica pela necessidade de se investigar os aspectos lingüísticos fonético-fonológicos e lexicais característicos da região de Balsas-MA, posto ser urgente esse registro, em virtude do crescente processo migratório e da própria evolução natural da língua, como também por não haver nenhuma pesquisa científica nessa área realizada em Balsas, pelo menos de que se tenha conhecimento.

Objetivo geral: descrever e analisar traços fonético-fonológicos e lexicais da realidade lingüística de Balsas-MA.

Benefícios decorrentes da participação na pesquisa: os(as) participantes da pesquisa darão uma grande contribuição cultural à pesquisa lingüística local, o que servirá para estudos futuros da comunidade local.

Procedimentos:

1. **Contato inicial:** A entrevistadora/pesquisadora deverá estabelecer um contato inicial com os(as) entrevistados(as) a fim de propiciar um clima de familiaridade que resulte num trabalho o mais espontâneo possível. Procurará, pois, para isso, o apoio de lideranças dessas comunidades.

2. **Entrevista face-a-face:** a entrevista ocorrerá preferencialmente nas localidades naturais dos(as) entrevistados(as), com perguntas relacionadas à genealogia familiar, à história pessoal e do lugar, aos meios de produção, à cultura local.

3. **Filmagem e/ou gravação:** os(as) selecionados(as) que concordarem em participar da pesquisa e a entrevistadora poderão ser filmados e/ou terão suas vozes gravadas para uma futura análise dos dados coletados.

4. **Sessões de esclarecimentos:** nessas sessões será esclarecida a relevância do trabalho para a pessoa entrevistada e/ou comunidade local, bem como os critérios que serão usados para entrevistar cada informante.

Duração: a coleta de dados terá início em julho de 2006 e terminará em julho de 2007.

Produtos da pesquisadora: os resultados serão apresentados na dissertação de mestrado a ser defendida até março de 2008. A mesma pretende publicar um ou mais artigos em revista especializada da área de lingüística histórica e apresentar a pesquisa em eventos dessa mesma área.

Produtos dos(as) participantes: como a entrevistadora propõe-se a escrever um artigo, caso seja do interesse deles(as), poderá encaminhar-lhes cópias sobre as contribuições da pesquisa.

Prerrogativas do(a) participante: mesmo assinando este termo, o(a) participante tem a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa sem penalidade alguma e sem prejuízo ao seu cuidado.

Sigilo: para assegurar o sigilo sobre a identidade dos(as) participantes envolvidos(as), serão utilizados os pseudônimos escolhidos em comum acordo com os(as) participantes.

Despesas: não haverá qualquer despesa decorrente da participação na pesquisa.

Nome e Assinatura da pesquisadora

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu, _____, RG/ CPF/ CT _____, abaixo assinado, concordo em participar da pesquisa ASPECTOS LINGÜÍSTICOS FONÉTICO-FONOLÓGICOS E LEXICAIS DA CIDADE DE BALSAS-MA, como entrevistado(a). Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pela pesquisadora Maria Célia Dias de Castro sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento.

Local e data

Nome e assinatura/impressão digital do sujeito ou responsável:

Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e aceite do sujeito em participar.

Testemunhas (não ligadas à equipe da pesquisadora):

Nome: _____

Assinatura:

Nome: _____

Assinatura:

ILUSTRAÇÕES⁵²

⁵² As ilustrações de número 1 a 10 e a de número 14 são de autoria da Associação Camponesa – ACA, Balsas – MA, e nos foram gentilmente cedidas por esta instituição. As demais são de nossa autoria.



Ilustração 1 – Os “animais” ainda são o principal meio de locomoção na zona rural.



Ilustração 2 – Poço cacimbão, bastante utilizado nas localidades em que não há rio ou córregos

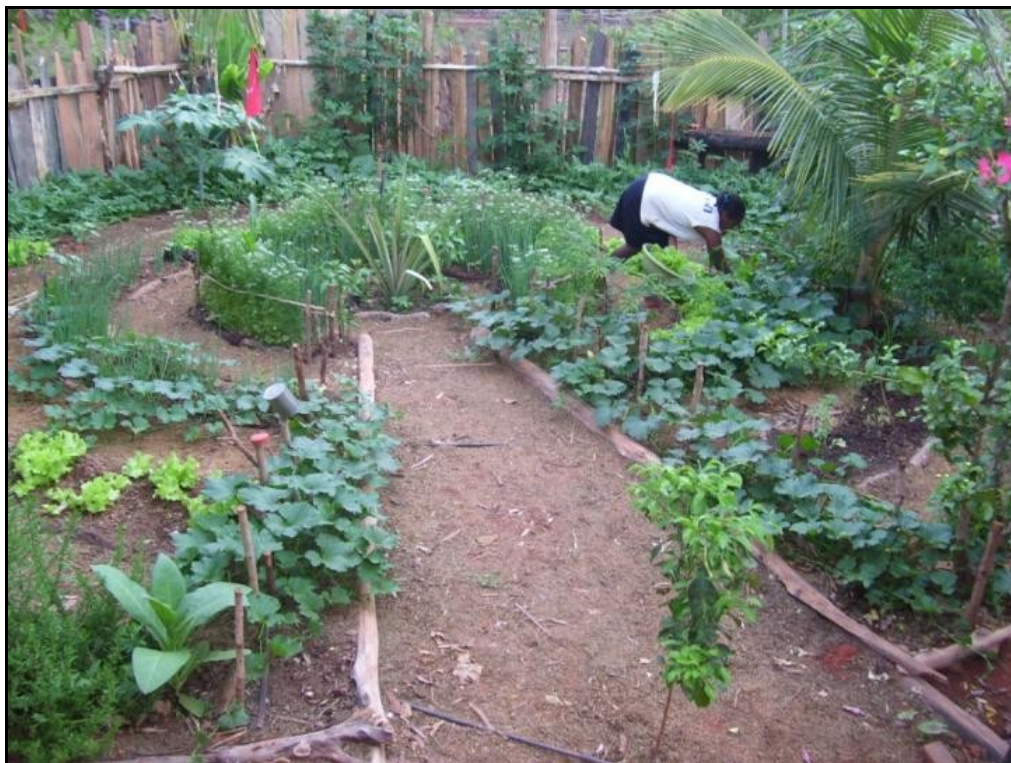


Ilustração 3 – Plantio de hortaliças na localidade Buritirana, Gerais de Balsas



Ilustração 4 – Buriti, fruta nativa da região.



Ilustração 5 – Buritirana, outra fruta nativa da região.



Ilustração 6 – Imagem típica do Gerais de Balsas, com a grande presença de serras.



Ilustração 7 – Sucupira, madeira de lei nativa na região.



Ilustração 8 – Canjarana, árvore típica das nascentes de riachos e córregos da região.

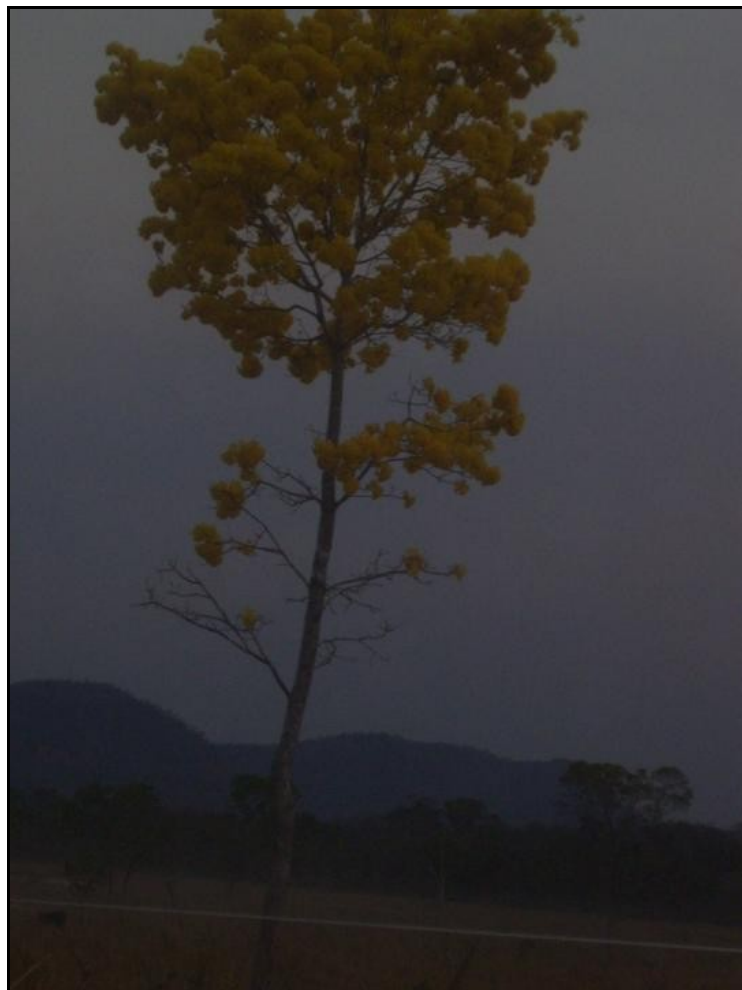


Ilustração 9 – Imagem de um ipê amarelo florido.



Ilustração 10 – Banho de rio, tradição herdada dos povos indígenas (Porto do Isidório).



Ilustração 11 – Falantes sertanejos em momento de descontração.



Ilustração 12 – Entrevistado apresentando três gerações da família – Fazenda Vão da Vargem, Região do Balsinha.



Ilustração 13 – “Galinha Caipira” – comida regional tradicional das festas e do domingo.



Ilustração 14 – Festa de formatura dos alunos da Escola Família Agrícola Rio Peixe – ano 2007 - Gerais de Balsas.



Ilustração 15 – Com entrevistados, em dia de festa, na região do Gerais de Balsas.



Ilustração 16 – Reunião familiar – Fazenda Mutum – Serra do Penitente, Gerais de Balsas.



Ilustração 17 – Casamento no sertão do Gerais de Balsas.



Ilustração 18 – Farró “pé-de-serra”, no Alto Gerais de Balsas.



Ilustração 19 – Vista de um sítio na região do Balsinha.



Ilustração 20 – Ao fundo, as indumentárias tradicionalmente usadas nas montarias, por montadores e vaqueiros, chamadas de “arreios” - região da Bacaba.



Ilustração 21 – É tradição, nessa região, manter “os terreiros sempre limpos” (região da Bacaba).



Ilustração 22 – Ao fundo vemos, penduradas no “frechau” da casa, as matracas, utilizadas para o plantio de grãos na agricultura familiar.



Ilustração 23 – Casa de adobe e cobertura de palha de piaçava, típica da zona rural (região do Correio).

GLOSSÁRIO

Alofone – variantes de um mesmo fonema em função do contexto em que está inserido.

Alongamento compensatório – processo de alongamento do som de um fonema, geralmente para compensar a queda de outro anterior.

Ambiente fonológico – é o local no qual está inserido um segmento lingüístico, considerando-se os segmentos que o seguem e precedem.

Análise – decomposição de uma enunciação em seus elementos constituintes para fins de interpretação lingüística (CÂMARA JR., 2001).

Apagamento – processo de omissão de um som.

Arquifonema – é a representação da neutralização da oposição de dois fonemas já estabelecidos em outros contextos (CAGLIARI, 2002).

Assilábico – fonema que não é o centro da sílaba.

Assimilação – processo pelo qual dois sons (vizinhos próximos ou a uma certa distância) tornam-se similares um ao outro.

Codificação – processo de descrição sistemática de uma língua ou falar em gramáticas ou dicionários.

Corpus – são os dados que foram coletados para serem analisados; amostra.

Dissimilação – processo pelo qual um som torna-se menos semelhante a um outro som vizinho.

Distribuição complementar – Diz-se das circunstâncias específicas de ocorrência das variantes de um fonema em um determinado contexto e não em outro contexto.

Ditongação – transformação de uma vogal simples em um ditongo.

Estrutura – num sentido básico é a organização dos elementos correlatos ou opostos de uma língua que constitui uma rede de associações (CÂMARA JR., 2001).

Falante – nome dado ao sujeito que participa das entrevistas que compõem o corpus; informante.

Fala – atividade lingüística no discurso oral. É a fonação enriquecida de um significado imanente.

Fone – som da fala, como unidade fonética (e não fonológica).

Fonema – unidade abstrata distintiva de som de uma língua.

Fonética – ciência que estuda os sons físicos da fala.

Fonologia – é o estudo descritivo dos sons de uma determinada língua.

Léxico – é o conjunto de formas vocabulares que fazem parte de uma língua.

Lingüística – ciência que estuda a linguagem humana.

Monotongação – transformação de um ditongo em uma vogal simples.

Neutralização – supressão de oposição de traços, assimilando-se a uma única forma.

Norma – conjunto de hábitos lingüísticos vigentes no lugar ou na classe mais prestigiosa do país (*op. cit.*).

Pares mínimos – são duas palavras (ou morfemas) que têm um ambiente comum e uma diferença, representada pela troca de um único som por outro, em um mesmo lugar da cadeia da fala.

Regularidade – operação de similaridade na utilização das formas lingüísticas que se pautam por um paradigma.

Silábico – fonema em torno do qual a sílaba se constitui.

Sistema – é a organização funcional que estrutura o funcionamento de uma língua ou falar.

Varição livre – fenômeno em que a ocorrência de um ou de outro som, em um ambiente comum não modifica o significado das palavras.